UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS

ERIKA GIMENEZ

**Etimologia de Substantivos Indicativos de Sentimentos e Estados de Tristeza, no
Português**

Versão Corrigida

São Paulo
2021

ERIKA GIMENEZ

**Etimologia de Substantivos Indicativos de Sentimentos e Estados de Tristeza, no
Português**

Versão Corrigida

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação do Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, para a obtenção do título de Mestre em Letras.

Linha de Pesquisa: Filologia e Língua Portuguesa

Orientador: Professor Dr. Mário Eduardo Viaro

São Paulo
2021

Autorizo a reprodução e divulgação total ou parcial deste trabalho, por qualquer meio convencional ou eletrônico, para fins de estudo e pesquisa, desde que citada a fonte.

Catálogo na Publicação
Serviço de Biblioteca e Documentação
Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo

G491e Gimenez, Erika
 Etimologia de Substantivos Indicativos de
Sentimentos e Estados de Tristeza, no Português /
Erika Gimenez; orientador Mário Eduardo Viaro - São
Paulo, 2021.
 138 f.

Dissertação (Mestrado) - Faculdade de Filosofia,
Letras e Ciências Humanas da Universidade de São
Paulo. Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas.
Área de concentração: Filologia e Língua Portuguesa.

1. Etimologia. 2. Datação. 3. Sentimentos de
tristeza. 4. Humanidades Digitais. 5. Lexicologia. I.
Viaro, Mário Eduardo, orient. II. Título.

ENTREGA DO EXEMPLAR CORRIGIDO DA DISSERTAÇÃO/TESE

Termo de Ciência e Concordância do orientador

Nome da aluna: ERIKA GIMENEZ

Data da defesa: 20/05/2021

Nome do Prof. (a) orientador (a): MÁRIO EDUARDO VIARO

Nos termos da legislação vigente, declaro **ESTAR CIENTE** do conteúdo deste **EXEMPLAR CORRIGIDO** elaborado em atenção às sugestões dos membros da comissão Julgadora na sessão de defesa do trabalho, manifestando-me **plenamente favorável** ao seu encaminhamento e publicação no **Portal Digital de Teses da USP**.

São Paulo, 10/07/2021

*Prof. Dr. Mário Eduardo Viaro
Programa de Filologia e Língua Portuguesa
DLCV-FFLCH-USP*

GIMENEZ, Erika. *Etimologia de Substantivos Indicativos de Sentimentos e Estados de Tristeza, no Português*. Dissertação (Mestrado em Letras) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2021.

Aprovada em:

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. **Mário Eduardo Viaro (Presidente da Banca)**

Instituição: FFLCH - USP

Julgamento: _____

Profa. Dra. **Érica Santos Soares de Freitas**

Instituição: FFLCH - USP

Julgamento: _____

Profa. Dr. **Jarbas Vargas Nascimento**

Instituição: PUC/SP e UFES

Julgamento: _____

Profa. Dra. **Vanessa Martins do Monte**

Instituição: FFLCH - USP

Julgamento: _____

*Mas pra fazer um samba com beleza
É preciso um bocado de tristeza
É preciso um bocado de tristeza
Senão, não se faz um samba não*

*Senão é como amar uma mulher só linda
E daí?
Uma mulher tem que ter qualquer coisa além de beleza
Qualquer coisa de triste
Qualquer coisa que chora
Qualquer coisa que sente saudade
Um molejo de amor machucado
Uma beleza que vem da tristeza de se saber mulher
Feita apenas para amar
Para sofrer pelo seu amor e pra ser só perdão*

*Fazer samba não é contar piada
E quem faz samba assim não é de nada
O bom samba é uma forma de oração*

*Porque o samba é a tristeza que balança
E a tristeza tem sempre uma esperança
A tristeza tem sempre uma esperança
De um dia não ser mais triste não
Vinícius de Moraes*

*Tristeza não tem fim.
Felicidade sim.
Vinícius de Moraes*

*Que a dureza do prélio não tarda.
Gennaro Rodrigues e Antonio Sergi*

*La tristesse durera.
Manic Street Preachers*

Ao Dante, por me ensinar todo dia a ser
melhor, por ser o meu anjo.
Carinho muito...

Ao professor Bruno Fregni Bassetto, *in
memoriam*, por ter plantado com muita
generosidade a semente da Filologia,
espalhando seu saber.

A minha mãe, Ivone, pela vida. A meu pai, *in
memoriam*, que me alfabetizou.

AGRADECIMENTOS

Como aluna de uma disciplina optativa, tive o primeiro contato com a Filologia Românica nos cursos ministrados pelo finado professor Bruno Fregni Bassetto, com quem descobri as possibilidades dos estudos etimológicos no campo semântico das emoções. Todas as disciplinas de Filologia Românica oferecidas pela FFLCH durante a graduação foram por mim cursadas e resultaram posteriormente numa monografia de especialização *lato sensu* em Filologia, sob sua orientação, na PUC Minas. Dessa forma, cabem aqui todos os agradecimentos e reverências a ele, responsável por tantas descobertas.

Agradeço o incentivo da mais que grande amiga Érica de Freitas, desde os tempos das aulas do professor Bruno, sem a qual não haveria esta dissertação. O tema foi resgatado para apreciação do Prof. Dr. Mário Eduardo Viaro, que, com grande gentileza, enxergou na pesquisa, ainda embrionária, uma possibilidade de ser desenvolvida, até chegar a este trabalho, depois de tempos longe dos estudos acadêmicos, de muitos percalços, obstáculos e alguma perseverança e resistência. Assim, expresso grande gratidão à Érica, a irmã que a vida me deu de presente, por me fazer acreditar novamente que eu conseguiria.

A meu orientador, Mário Eduardo Viaro, sou grata por compartilhar sua rica erudição, extrema sapiência, total empatia e valorosas orientações; não há melhor referência na área para eu poder explorar o estudo desejado, há tanto tempo gestado.

Agradeço também aos professores de banca de qualificação desta dissertação, Phablo e Vanessa, especialmente, pelas excelentes leituras e ricas ideias de novas rotas a seguir.

Aos professores da pós-graduação, Paulo Segundo, Sílvio Toledo e Maria Clara Paixão, especialmente, todo o acolhimento e o apoio.

Aos colegas das disciplinas cursadas, tanto os anônimos quanto os que se tornaram próximos, o convívio de aprendizado e o encorajamento quando as forças faltavam.

Os agradecimentos estendem-se para todos os professores que me ensinaram ao longo de minha vida, bem como os colegas de graduação da FFLCH: Danilo, Mirian, Rose, Sidney, Vivi, Jorge.

Aos amigos de sempre, os de perto e os que estão longe, mas ainda assim próximos, Adão, Alice, Ana, Angela, Danilo Santino, Gi, Guta, Jota, Lu, Marilene, Pasini, Vicente e colegas do 3VV, meus agradecimentos pela companhia, pelos atendimentos, pelas conversas, por toda cor, brinde, lágrimas, risadas, comemorações.

Ao Dr. André, agradeço a gentileza e a empatia por me tranquilizar.

A minha querida família, Wagner, Alessandra, Wilson, Sheila, Bia, Vini, Pedro, Giulia, Maria Clara, Thomás, Luís, agradeço todo o amor, o apoio e o encorajamento.

A minha mãe, agradeço o cuidado, a dedicação e a ternura.

Ao Dante, meu valente filho, anjo que sempre me encorajou, peço desculpas pelas ausências e agradeço todo o carinho, a compreensão e a mais valorosa companhia.

Ao Luke, dedico meu humilde agradecimento pela mais terna parceria nas noites e madrugadas adentro, guardando-me com devoção.

A todos: obrigada por segurarem a minha mão quando tudo parecia sem sentido.

Aos músicos, pintores, escultores, cineastas, escritores, poetas, desenhistas, todos os artistas que, com suas obras, me fizeram companhia e tocaram minha alma com a sensibilidade e a força que só a Arte consegue ter, permitindo resistência.

Por último, agradeço à vida a segunda chance.

RESUMO

Propõe-se um estudo etimológico de uma lista de palavras, classificadas como substantivos abstratos, por meio de conceitos e metodologias da Etimologia. O recorte das palavras estudadas realizou-se por verbetes de dicionários de língua portuguesa em cuja microestrutura houvesse a informação de o campo semântico ser um sentimento negativo ou estado de tristeza. A partir dessa lista de palavras constituída sob o hiperônimo “tristeza”, identificaram-se a origem e o étimo latinos ou houve um aprofundamento quando estes ocorreram em outras línguas. A pesquisa foi desenvolvida com o auxílio da Filologia, da Gramática Histórica, da Paleografia e da Codicologia, da Lexicologia e Lexicografia, e se desenvolveu no escopo das Humanidades Digitais, em virtude de buscar ocorrências das palavras estudadas em *corpora* digitais disponíveis na Internet, a fim de constituir provas científicas da existência das formas pretéritas propostas. Com isso, permitiu-se, ainda, para o português, propor uma datação mais exata, confirmar a que é conhecida ou até mesmo indicar uma retrodatação para as primeiras ocorrências conhecidas das palavras até o momento. Foi possível, também, a partir da identificação de sua origem, demonstrar as motivações concretas das palavras pesquisadas.

Palavras-chave: Etimologia. Datação. Sentimentos de tristeza. Humanidades Digitais. Lexicologia.

ABSTRACT

An etymological study of a list of words is proposed by means of Etymology concepts and methodologies, which are classified as abstract nouns. The clipping of the words studied was carried out by entries from Portuguese-language dictionaries whose microstructure had the information that the semantic field was a negative feeling or a state of sadness. From this list of words formed under the hyperonym “tristeza”, the Latin origin and etymus were identified or there was a deepening when they occurred in other languages. The research was developed with the aid of Philology, Historical Grammar, Paleography and Codicology, Lexicology and Lexicography, and developed within the scope of the Digital Humanities, due to searching for occurrences of the words studied in digital *corpora* available on the Internet, to constitute scientific evidence of the existence of the proposed past forms. With this, it was also allowed, for Portuguese, to propose a more exact dating, confirm the one that is known or even indicate a backdating for the first known occurrences of words so far. It was also possible, from the identification of its origin, to demonstrate the concrete motivations of the studied words.

Keywords: Etymology. Dating. Feelings of sadness. Digital Humanities. Lexicology.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	13
2 OBJETIVOS	17
3 BASES TEÓRICAS	19
3.1 A ETIMOLOGIA	27
4 METODOLOGIA	35
4.1 O RECORTE DAS PALAVRAS PESQUISADAS: DICIONÁRIOS ANALÓGICOS	37
4.2. O INÍCIO DA PESQUISA DAS PALAVRAS: DICIONÁRIOS	44
4.3. EXEMPLIFICANDO A METODOLOGIA	47
5 HIPÓTESES ETIMOLÓGICAS	51
5.1 AFLIÇÃO	52
5.2 AGONIA	54
5.3 ANGÚSTIA	56
5.4 ANSIEDADE	58
5.5 AVERSÃO	60
5.6 DECEPÇÃO	63
5.7 ENFADO	65
5.8 INSATISFAÇÃO	69
5.9 LAMENTO	71
5.10 MÁGOA	74
5.11 MELANCOLIA	77
5.12 NÁUSEA	82
5.13 NOJO	87
5.14 OBSESSÃO	92
5.15 RESENTIMENTO	94
5.16 SOFRIMENTO	100
5.17 SOLIDÃO	103
5.18 SUBMISSÃO	109
5.19 SUPLÍCIO	118
5.20 TRISTEZA	121
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS	126
7 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	131

1 INTRODUÇÃO

A linguagem faz parte da grande distribuição das similitudes e das assinalações. Por conseguinte, deve, ela própria, ser estudada como uma coisa da natureza. Seus elementos têm, como os animais, as plantas ou as estrelas, suas leis de afinidade e de conveniência, suas analogias obrigatórias. Ramus dividia sua gramática em duas partes. A primeira era consagrada à etimologia, o que não quer dizer que se buscasse aí o sentido originário das palavras, mas sim as “propriedades” intrínsecas das letras, das sílabas, enfim, das palavras inteiras.

Michel Foucault

A presente pesquisa vincula-se a um trabalho mais extenso, uma das metas do Núcleo de Apoio à Pesquisa em Etimologia e História da Língua Portuguesa (NEHiLP), a saber, “promover e divulgar pesquisas acadêmicas brasileiras sobre Linguística Histórica, Filologia e Etimologia, compartilhando seus resultados, reflexões e metodologias” (NEHiLP, 2012). Dentre os projetos desenvolvidos por esse Núcleo, está o Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa (DELPo, 2012), coordenado pelo Prof. Dr. Mário Eduardo Viaro, que visa “sanar a deficiência atual de dicionários etimológicos quanto à presença de abonações e à delimitação precisa do *terminus a quo* de seus lemas e acepções, além de, ao mesmo tempo, satisfazer os requisitos exigidos da linguística moderna” (DELPo, 2012), com o qual este trabalho pretende contribuir.

Esta dissertação desenvolveu-se por meio de uma amostra de pesquisa etimológica, em cujo escopo se recolheram vinte palavras, da classe gramatical dos substantivos, indicativas de emoções negativas que apontam sentimentos e estados de tristeza, no português. Buscaram-se nas análises etimológicas descritas, propostas como hipóteses, a origem e o étimo das palavras pesquisadas, tomando como base sua ortografia atual. Partiu-se da sincronia presente rumo às pretéritas, buscando o *terminus a quo*, recuperando as formas possíveis de serem descritas a partir da observação dos metaplasmos conhecidos pelas leis fonéticas atuantes na formação do português.

Como resultado, a pesquisa pode ser tomada como um breve vocabulário de palavras que designem tristeza. Não obstante, além de trazer um conjunto de palavras e sua etimologia, a intenção é reconstituir o que poderia ser chamado de a “biografia” das palavras.

Esse percurso de recuperação da “biografia” das palavras estudadas passa pela confirmação de datas de suas primeiras ocorrências na língua portuguesa, a partir das evidências encontradas em documentos transcritos e disponibilizados em *corpora* digitais. Em alguns casos, buscar-se-á propor uma datação anterior à que era indicada nos dicionários pesquisados, ou seja, uma retrodatação.

Constata-se, ainda, que, embora houvesse motivações de base concreta no latim, no português as palavras deste estudo são consideradas, hoje, substantivos abstratos. A pesquisa, orientada sob uma perspectiva diacrônica, visa expor tais motivações e contrastá-las com o significado presente das palavras estudadas.

O conceito de “biografia da palavra” é essencial para o entendimento da etimologia e para a perspectiva deste trabalho. Tem sua gênese atribuída a Kurt Baldinger (1959), sendo empregado pelo filólogo suíço em seus textos, como em sua definição de etimologia: “*L'étymologie, au sens moderne, c'est donc la biographie du mot*” (p. 239)¹.

Entretanto, “biografia” era um conceito familiar dos estudos etimológicos anteriores aos de Baldinger (1959). Friedrich Max Müller publicou, em 1888, a obra *Biographies of Words and the Home of the Aryas*, conforme aponta Jespersen (1922), para exemplificar como metáforas que aproximam a linguagem de “organismos vivos” são frequentes, mas que por vezes podem obscurecer conceitos relevantes como sua relação intrínseca com o falante, sendo definida por este autor como uma “atividade com propósito” ou um “hábito humano”:

Language is activity, purposeful activity, and we should never lose sight of the speaking individuals and of their purpose in acting in this particular way. When people speak of the life of words—as in celebrated books with such titles as *La vie des mots*, or *Biographies of Words*—they do not always keep in view that a word has no ‘life’ of its own: it exists only in so far as it is pronounced or heard or remembered by somebody, and this kind of existence cannot properly be compared with ‘life’ in the original and proper sense of that word. The only unimpeachable definition of a word is that it is a human habit, an habitual act on the part of one human individual which has, or may

¹ “A etimologia, no sentido moderno, é, portanto, a biografia da palavra” (tradução nossa).

have, the effect of evoking some idea in the mind of another individual.²
(JESPERSEN, 1922, p. 7)

A ideia de vincular a noção de “biografia” às palavras germinou no século XIX com a proposta de alguns métodos filológicos de pesquisas que foram – e são – ferramentas das pesquisas etimológicas. Tal conceito será retomado na revisão bibliográfica e teórica deste estudo, com maior profundidade.

Os métodos filológicos de pesquisa forneceram subsídios para este estudo etimológico. A metodologia, bastante descritiva, trará reflexões acerca dos métodos utilizados.

Este trabalho desenvolve-se ao longo do tempo e traz hipóteses e tentativas tomadas como exemplos de reflexões acerca de seu tema: a etimologia de um número limitado de substantivos que transitam pelo campo semântico de *tristeza*.

O material da pesquisa, disponibilizado por meio de *corpora* digitais *on-line* inserem, portanto, esta pesquisa no campo dos estudos das Humanidades Digitais. É importante destacar que sem essa possibilidade a pesquisa estaria comprometida, ao menos a médio e longo prazo, ou ainda no que diz respeito à recuperação das datas de entrada no português das palavras estudadas. Seria um obstáculo considerável ter apenas possibilidade de consulta aos textos físicos se não houvesse a possibilidade da pesquisa por meio dos *corpora* de textos antigos e digitalizados.

Em suma, a presente dissertação visa apresentar um breve vocabulário de palavras que designem sentimentos ou estados de tristeza, no português, com indicação de sua origem e/ou seu étimo, da data de criação ou de sua inserção nessa língua por meio de empréstimo, com o objetivo de contribuir para as pesquisas etimológicas nesse idioma.

² “A linguagem é atividade, atividade com propósito, e nunca devemos perder de vista os indivíduos falantes e seu propósito em agir dessa maneira particular. Quando as pessoas falam da vida das palavras - como em livros famosos com títulos como *La vie des mots* ou *Biographies of Words* - nem sempre mantêm em vista que uma palavra não tem “vida” própria: ela existe apenas na medida em que é pronunciada, ouvida ou lembrada por alguém, e esse tipo de existência não pode ser apropriadamente comparado com “vida” no sentido original e próprio dessa palavra. A única definição incontestável de uma palavra é que ela é um hábito humano, um ato habitual por parte de um indivíduo humano que tem, ou pode ter, o efeito de evocar alguma ideia na mente de outro indivíduo” (tradução nossa).

Dessa forma, julga-se que, ao fim e ao cabo, será possível estimular reflexões teóricas acerca da Etimologia, recuperando uma visão mais acuradamente científica e epistemológica.

2 OBJETIVOS

Os objetivos principais da presente pesquisa são: descrever a origem, o étimo, o significado e a datação das palavras pesquisadas, a fim de elaborar um breve vocabulário de palavras que indiquem tristeza, no português.

Nesse percurso, a proposta de hipóteses etimológicas busca, para cada uma das palavras, suas origens, as quais, na maioria advindas do latim, podem ter passado também por outra língua em seu trajeto diacrônico; dessa forma, quando isso ocorrer, tais origens não latinas serão descritas.

A pesquisa intenta, ainda, descrever as mudanças ocorridas desde a origem das palavras estudadas, sejam elas formais ou não, atreladas às chamadas *leis fonéticas* que, por repetição, constituem os metaplasmos, parâmetros de formação das línguas românicas advindas do latim, e/ou semânticas, mudanças que escapam da possibilidade de previsão ou do estabelecimento de regras, pois se referem ao uso vulgar³ ou erudito.

O trabalho, orientado sob uma perspectiva diacrônica, ao constatar as motivações concretas dos termos abstratos das emoções pesquisadas em sua origem visa, também, apontar suas similaridades, suas particularidades semânticas e distinções mais acuradas.

A pesquisa será desenvolvida no campo da Filologia e da Gramática Histórica, tendo apoio da Paleografia e da Codicologia, da Lexicologia e Lexicografia e com escopo das Humanidades Digitais, em virtude de buscar ocorrências das palavras estudadas em *corpora* digitais disponíveis na Internet, a fim de constituir provas científicas da existência das formas pretéritas propostas.

Pretende-se, ainda, para o português, propor uma datação mais exata, confirmar a que é conhecida ou até mesmo indicar uma retrodatação para as primeiras ocorrências conhecidas das palavras até o momento.

O trabalho será desenvolvido em consonância com a observação de Viaro (2011), ao constatar sobre o material de pesquisa lexicográfica:

³ Cabe, com relação a essa variedade do latim, uma observação também etimológica: “vulgar” emprega-se aqui sem denotação ou conotação pejorativa, apenas indica que seu falante era um homem “do povo”, tendo sua origem no termo latino *vulgus*, com sentido de “povo, plebe”, ou seja, caracteriza uma variante da língua de uso comum.

Também é preciso alertar que mesmo os bons dicionários etimológicos do português necessitam de uma extensa revisão: nenhum deles tem a ponderação e o rigor de Ernout & Meillet (1932), nem é tão completo em informações como o de Corominas (1954). Se houve notável avanço no estudo da Etimologia, desde a publicação de Houaiss & Villar (2001), também é verdade que não é a palavra final, mas o primeiro passo: há muito o que fazer e, antes de tudo, seria preciso formar adequadamente os profissionais em Etimologia. (p. 291)

Movida por tais propósitos e com a intenção de contribuir com os estudos etimológicos em língua portuguesa, esta pesquisa prevê o desenvolvimento, o levantamento, o armazenamento eletrônico e o processamento de dados em um futuro *corpus* representativo dos substantivos abstratos portugueses que indicam sentimento ou estado de tristeza, com a finalidade de criar um banco de dados oportunamente proveitoso para outros trabalhos, estudos e pesquisas que possam se originar a partir dela, ou , ainda, ampliar e atualizar informações presentes.

3 BASES TEÓRICAS

A língua portuguesa de hoje e as fontes clássicas do latim são as duas pontas de uma linha do tempo que permitem o estudo do português do ponto de vista da linguística histórica.

Ao se considerar uma linha do tempo contínua para as transformações da língua portuguesa, por exemplo, e propor nessa linha um recorte arbitrário da cadeia temporal em etapas, chega-se à identificação de diferentes *sincronias*, que ocorrem sucessivamente na transmissão linguística. Esse recorte tem uma finalidade metodológica para os estudos etimológicos, devido à comunicação e ao sistema linguístico.

Com esse pressuposto, o trabalho da Etimologia consiste em correlacionar uma determinada sincronia (por exemplo, a atual) com sincronias anteriores, denominadas *pretéritas*. Na língua portuguesa, é possível adotar a segmentação de Viaro (2015) em seis sincronias relevantes aos estudos etimológicos, divididas entre S0 (sincronia zero) e S5 (sincronia cinco), desde o período do latim comum (séc. I a. C.) até o momento atual da formação da língua vernácula.

Em virtude de o foco principal desta pesquisa ser o português, a fim de estabelecer o caminho em busca da origem latina (que atuaria como *terminus a quo*), como *sincronia pretérita inicial*, traçou-se um percurso que visa também resgatar o *étimo*, forma de uma palavra qualquer numa sincronia anterior (mas não necessariamente da sincronia pretérita inicial) correspondente aos substantivos abstratos portugueses que indiquem sentimento e estados de tristeza, retomando Viaro (2011):

Transposto o étimo e indo para um passado cada vez mais remoto à busca do percurso da palavra, os métodos também se modificam, assim como a História se torna Arqueologia e a Arqueologia, por sua vez, se torna Paleontologia. Por isso, dizer que uma determinada palavra tem étimo latino não é igual a dizer que essa mesma palavra tenha uma raiz indo-europeia: vocábulos latinos são verificáveis nos textos, já os indo-europeus são construtos. Toda vez que invocamos o latim vulgar, também temos reconstruções, não comprováveis em textos, e o mesmo problema também se coloca. Por vezes, essas formas são encontradas e as reconstruções se tornam dados, mas essas descobertas são raras. (p. 106)

A *origem* de uma palavra também é objeto de estudo da Etimologia. Embora pareçam confundir-se, os conceitos de *étimo* e *origem* são distintos: a origem tem

pesquisa mais simples, remete às etapas mais antigas detectáveis nas fontes da palavra estudada, como os dicionários de latim ou de português antigo. O étimo, por sua vez, requer uma pesquisa mais complexa, pois seu rastreamento exige um trabalho de garimpo, por estar associado a uma etapa anterior, ou seja, uma sincronia pretérita distinta da sincronia inicial.

Houaiss e Villar (2001) definem *étimo* como “o verdadeiro significado da palavra segundo sua origem” (p. 1271), afirmação questionável e, de certa forma, incorreta, pois não considera a distinção entre os conceitos de étimo e origem.

Não é o étimo que carrega “o verdadeiro significado da palavra”. É possível ilustrar a distinção entre étimo e origem tomando a palavra “sombra”: se a proposta etimológica for explicar que “sombra” vem do latim *umbram*, resgata-se a origem da palavra, mas não se explicitam as formas intermediárias subsequentes que esta adquiriu ao longo de outras sincronias também ocorridas, a saber: latim *umbram* > *ombra > *so+ombra* > *soombra* > português moderno *sombra*.

Tais formas pretéritas permitem chegar àquela que foi a primeira ocorrência de determinado elemento lexical em um sistema e a forma desse elemento lexical é o étimo da palavra numa sincronia subsequente.

Conforme Viaro (2011),

Algumas vezes o uso flutuante dos termos *étimo*, *etimologia* e *origem*, bem como o salto de etapas se fazem de maneira desordenada, quando não de forma ideológica, como na atitude xenofóbica contra os estrangeirismos (cf. § 5.1). É verdadeiro e consabido que o português seja uma língua proveniente do latim, no entanto, para reforçar essa afirmação, computam-se também os empréstimos de outras línguas neolatinas, entre elas, milhares de palavras diretamente provenientes do francês do século XIX que se aportuguesaram pela modificação ortográfica e pela adaptação das terminações. [...] Um estudo etimológico científico não deve, como já dissemos, simplificar esses trajetos, sob pena de parecer tendencioso. (p. 106)

A palavra portuguesa *emoção*, por exemplo, tem como origem o latim *emotio*, resultado da sufixação do sufixo *-io* sobre o particípio *emotus*, correspondente a *emovere* < *ex+movere*. O étimo, contudo, está no francês *émotion*, pois o português buscou nesse sistema linguístico esse item lexical.

Viaro (2011) também esclarece a importância dos dados para a busca do étimo e para as propostas de datação:

[...] para estabelecer o étimo, é preciso ter *corpora* datados. Conhecer, na prática, a data de *criação* de uma palavra é, contudo, praticamente impossível, a não ser em termos técnicos. Normalmente a palavra já é usada na fala e aparece na escrita somente muito tempo depois. No entanto, a *datação* da ocorrência mais antiga é importante porque só por meio dela saberemos que *naquela sincronia* a palavra já era usada. Se a invenção da palavra é contemporânea à documentação ou se ela só foi grafada séculos depois é uma questão que se coloca apenas hipoteticamente. A importância da primeira datação, desse modo, é a mesma que se atribui aos dados coletados pela Arqueologia ou pela Paleontologia. (p. 107)

Com os conceitos de *origem*, *étimo* e *datação* bem sedimentados, a presente pesquisa partiu do português atual e buscou sua forma correspondente no latim. Com esse direcionamento, pretendeu-se resgatar o étimo dos termos pesquisados, numa sequência de sincronias pretéritas, visto que não basta informar que a palavra “vem do latim”, como se não houvesse empréstimos de outras línguas igualmente “vindas do latim”.

Além disso, em sincronias pretéritas, há diversas características comparáveis entre as palavras pesquisadas, tais como seus aspectos fonológico e lexical, a fim de ser traçada uma analogia entre os termos em algumas línguas românicas e verificar as diferenças e/ou particularidades formais e semânticas que possam ter ocorrido no português.

Como informado, a investigação está debruçada em aspectos diacrônicos, semânticos e etimológicos de palavras da língua portuguesa que indicam sentimento ou estado de tristeza e de derivados por seus equivalentes nas línguas românicas, as quais compartilham o latim em sua gênese.

Tais palavras, classificadas morfologicamente como *substantivos abstratos*, revelam um aspecto concreto em suas motivações, ressaltado como característica do latim vulgar, que se demonstra no emprego de ações concretas (muitas vezes indicadas por meio de paráfrases como “ato ou ação de”) e que, ao serem resgatadas nas línguas românicas, perderam seu significado estrito e se distanciaram de sua acepção inicial, como observado com o vocábulo “nojo”, cuja transformação semântica será demonstrada em sua respectiva análise.

Logo, pesquisas diacrônicas cujo foco seja os aspectos semânticos comparativos entre o português e outras línguas românicas serão sempre elucidativas na compreensão do desenvolvimento dessas línguas próximas, como o estudo das palavras portuguesas sufixadas em *-mento* em contraste com seus respectivos

cognatos em francês, em castelhano, em italiano e em romeno, com base no latim, feito por Freitas (2014). Outros estudos de linguística histórica que se voltem para a diacronia são necessários; mais ainda aqueles cujo objetivo seja incorporar vários fatores, inclusive com relação à proximidade dos falares de regiões que compartilham um passado linguístico comum, como o desenvolvimento do português e do castelhano e suas singularidades.

Para Rio-Torto (1998, p. 133-148), não é possível substituir a diacronia ao se analisar determinados aspectos da formação de palavras, em que se observam, no passado, explicações do presente, como: na identificação do estatuto e dos tipos de constituintes lexicais; na descrição do caráter compositório das palavras; no estabelecimento de tipologias de palavras de estrutura complexa; na explicação de algumas das reestruturações dos sistemas afixais; na determinação dos paradigmas genolexicais e, especialmente no que tange a este trabalho, na reconstituição da transformação formal e semântica das palavras, concluindo, assim, que é necessária uma atitude de complementariedade entre a diacronia e a sincronia.

De acordo com a definição proposta por Bassetto (2010), o léxico é:

[...] o conjunto de todas as palavras pertencentes de alguma forma a um idioma, passíveis de serem empregadas em seus vários níveis linguísticos. Constitui um inventário aberto, em parte mutável, por representar a *Weltanschauung*, a visão do mundo e a cultura do povo que a usa. (p. 127)

A formação do léxico da língua portuguesa e das línguas românicas em geral (e não somente nelas) é basicamente latina; assim, há a presença de um adstrato latino considerado permanente, sendo possível denominá-lo de “herança” linguística, ou seja, um “código herdado”, conforme Viaro (2011):

[...] a língua que falamos e ouvimos, ou seja, a com que nos expressamos, é um *código* herdado, que equivale à língua-ferramenta, sob a ótica da sua essência. Serve, sobretudo, para a interação social, para a comunicação e para a argumentação. Desse modo, se nos tornamos conscientes de que a língua é composta de unidades de diversos tamanhos (fonemas, morfemas, palavras, expressões idiomáticas), concluiremos, após observação e reflexão, que essa ferramenta foi *herdada* da geração que a usava antes do nascimento do falante. (p. 22)

Também é oportuno lembrar que o latim não era unívoco: além da variação regional, havia variantes faladas em épocas diferentes, ou sincronias pretéritas, formado por falantes distintos. Segundo Bassetto (2005), o latim vulgar era mais

simples em todos os sentidos, mais analítico, mais expressivo, mais permeável a elementos estrangeiros e mais concreto:

No léxico, o latim vulgar conservou as tendências das origens, quando as acepções abstratas tinham por base sempre um termo designativo de algo concreto: *putare* significava etimologicamente “podar” e só posteriormente “julgar” (pois para “podar” de modo correto é preciso “julgar” os ramos a fim de selecionar os mais viçosos); *rivalis* era aquele que repartia as águas do rio (*rivus*) para irrigação ou para o gado e depois “competidor”, pela insuficiência da água disponível; *versus* era o sulco deixado pelo arado e posteriormente “linha de escrita”; *altus*, “alimentado” (part. pass. de *alere*) e depois “que cresceu pela alimentação”, “alto”; *sapere*, “saborear”, “ter gosto”, depois “saber”, “ser entendido”. (p. 95)

Maurer Jr. (1959) traz considerações que nos servem de subsídio para sedimentar nossa pesquisa, quando discorre sobre as chamadas “peculiaridades semânticas”, ou seja, as alterações de sentido que um termo pode apresentar na variação do uso entre o latim literário e o vulgar, por exemplo:

Muitos termos existentes no latim vulgar têm sentido – às vezes sentido e forma – diferentes dos seus correspondentes clássicos. Não raro se trata de um sentido metafórico especial, frequentemente mais concreto, particular ou material; às vezes, a significação vulgar é mais primitiva do que a clássica. (p. 237, grifo nosso)

Se observado em diversas sincronias consecutivas, o latim apresenta uma tendência mais analítica, cuja expressividade se refletirá também no léxico, um dos diversos níveis da linguagem, ao lado da fonética, da morfologia e da sintaxe, identificadas pelos metaplasmos ocorridos no desenvolvimento de cada uma das línguas românicas.

Por essas e outras características intrínsecas, é possível analisar por que, por exemplo, determinado termo apresenta alteração semântica ou sobreposição a outro, no decorrer do tempo, no latim vulgar e, muitas vezes, também permanece nas línguas românicas. Para Maurer Jr. (1959), tais alterações semânticas, no geral, tornam a significação no latim vulgar de determinados termos mais primitiva que a clássica.

Para ser produtivo e trazer resultados válidos do ponto de vista científico, todo trabalho de reconstrução deve ser feito com métodos, de acordo com a descrição de Vidos (2001):

É reconstruído somente quando a palavra suposta em latim é encontrada em diversas línguas românicas e as diferentes formas

românicas desta palavra não poderiam ter surgido independentemente em cada língua. Estas duas premissas estão em mútua correlação. Quanto mais numerosas são as línguas neolatinas em que é encontrada uma palavra hipotética, tanto maior é a probabilidade de se tratar de uma palavra do latim vulgar, isto é, que não tenha surgido independentemente nas línguas românicas. Se uma forma hipotética é encontrada somente numa língua românica, então é grande a probabilidade de que tenha surgido nela independentemente. A existência do latim *anxia* foi postulada com base em sete línguas românicas, e não podia tratar-se de uma palavra surgida independentemente em todas elas. Com efeito, mais tarde foi documentada. A existência de um latim vulgar **acutiare* tornou-se provável com base em seis línguas românicas, já que as formas românicas não podem ter surgido independentemente nas seis. (p. 18)

Até mesmo outro tópico gramatical, como os artigos, um dos identificadores dos nomes, pode ter sua criação atribuída a uma possível e suposta característica concreta do latim. Se todas as línguas românicas apresentam artigos, seria possível afirmar que existiram já no latim vulgar, de acordo com os preceitos metodológicos de Vidos (2001).

Nesse sentido, na tentativa de relacionar a língua com a cultura, o latim foi caracterizado por Édouard Bourciez (2000) como:

[...] um idioma bastante rude, bastante grosseiro, falado por pastores e agricultores (palavras como *manipulus*, *cohors*, *emolumentum*, *callere* etc., apesar de tudo, ainda levam a essas origens absolutamente rústicas, por causa das metáforas que com elas são desenvolvidas). Os fonemas tinham ali uma certa doçura (multiplicação de ditongos que se simplificaram desde o início do século II antes de Cristo, por exemplo, em *loumen*, *comoine*, *deico* que se tornaram *lumen*, *commune*, *dico*); mas as formas eram difíceis e rastejantes (genitivo plural em *-orum*, futuros em *-bo*, imperfeitos em *-bam* etc.). Além disso, o latim não era o ideal para seguir o pensamento em todas suas declinações e para colocar em evidência suas variações sutis (ausência de artigo, de aoristo, confusão de optativo com subjuntivo etc.). Era a língua de uma raça antes de tudo prática e utilitária, visando menos à poesia do que à publicação de regras de conduta e de textos de leis. (p. 34)

Numa leitura de cunho epistemológico e historiográfico, é importante apontar o contexto da produção do texto do autor e o momento dos estudos filológicos em que tal caracterização foi produzida, sem julgamentos pelo uso de alguns conceitos que poderiam ser, atualmente, passíveis de crítica. Nas palavras de Bourciez (2000), o uso de termos como “prático e utilitário” para caracterizar a língua latina, além da menção à “raça”, obviamente não soam adequados; entretanto, depreende-se dessa caracterização uma tentativa de descrever quais seriam as prioridades na vida

cotidiana dos romanos: atender às necessidades vitais, alimentar-se, vestir-se, cuidar das tarefas domésticas, dos animais, da agricultura, dirigindo seu olhar para o que estava ao redor, concretamente. Para Bourciez (2000), as abstrações só poderiam ocupá-los em outras condições, em que a sobrevivência já estivesse garantida independentemente de seu esforço.

Embora não se possa negar a existência da abstração na sincronia do latim vulgar (nem seria possível), visto que se trata de uma característica inerente da mente humana, é possível constatar que a abstração se revela também de diferentes formas ao longo do tempo. Dessa forma, é inevitável que, nesse ponto, se estabeleça uma reflexão também sobre os estudos linguísticos, constatando serem necessárias, ao mesmo tempo, as bases de perspectiva sincrônica e, também, diacrônica, as quais, aliadas a esta, promovem estudos mais esclarecedores e abrangentes, conforme notado por Sílvia Elia ([1974] 1979), ao observar que a Filologia “não arremete, pois, contra a Linguística Moderna; que não tem como adversária e sim como colaboradora. Nem haveria o menor sentido em fazê-lo. Apenas cada uma ara o seu terreno, que, mesmo quando comum, é passível de tratamentos diferentes” (p. XX).

Müller (1873) considerava, em seu tempo, que tais embates polêmicos das ciências da linguagem, travados num período em que os estudos eram profícuos, como um de seus diferenciais:

There is another charm peculiar to the Science of the Language, or one, at least, wick it shares only with its younger sisters: I mean the vigorous contest that is still carried on between great opposing principles. In Astronomy, the fundamental laws of the universe are no longer contested [...]. In Geology, the feuds between the Vulcanists and the Neptunists have come to an end [...]. It is diferente in the Science of the Language. There, the controversies about the great problems have not yet subsided. [...] This, no doubt, may sometimes be tedious, but it has one good effect - it leads us to examine carefully the ground on wich we take our stand, and keep us alive, even while analysing mere prefixes and suffixes, to the grandeur and sacredness of the issues that depends on these minutiae. The foundations of our science do not suffer from such attacks; on the contrary, like the coral cells built up quietly and patiently from the bottom of the sea, they become more strongly cemented by these whiffs of spray that are dashed across them.⁴ (p. xi-xii)

⁴ “Há um outro encanto peculiar à Ciência da Linguagem, ou pelo menos um que ela compartilha apenas com suas irmãs mais novas: quero dizer a disputa vigorosa que ainda se trava entre grandes princípios opostos. Na Astronomia, as leis fundamentais do universo não são mais contestadas [...]. Na Geologia, as rixas entre os vulcanistas e os netunistas chegaram ao fim [...]. É diferente na Ciência da Linguagem. Lá, as polêmicas sobre os grandes problemas ainda não diminuiram. [...] Isso, sem dúvida, às vezes

Por mais ultrapassado que esse embate entre Filologia e Linguística seja hoje considerado, a citação tem como objetivo evidenciar como uma maior unidade dentre os estudos linguísticos tende apenas a colaborar para o êxito das pesquisas da área nos dias atuais. Segundo Bassetto (2010, p. 128), “um estudo mais aprofundado do léxico deve ter, como ponto de partida, o conhecimento da etimologia ou mesmo da biografia da palavra, conforme desejava Kurt Baldinger”.

Müller (1888) foi categórico ao afirmar que “cada palavra tem sua biografia”:

Each word has its biography, beginning with its birth, or at least its baptism. We may speak of its childhood, its youth, its manhood, and old age, nay, even of its death, and of its heirs and successors. The early chapters of these word-biographies are no doubt the most difficult and require very careful treatment; but, as in the lives of men and women, they are also the most important, and in the case of most words they determine the whole of their subsequent career.⁵ (p. 5)

Na busca do étimo das palavras selecionadas para esta pesquisa, será traçado um percurso histórico para apresentar sua história, suas distinções e as alterações semânticas ocorridas ao longo do tempo, a fim de explicar tais fatos linguísticos, com sugestão de uma possível biografia para cada vocábulo.

O étimo pode ser classificado, na perspectiva diacrônica, como *herdado* ou, em sincronia, como *emprestado* ou ainda como *criado* na própria língua. Para o entendimento da noção de “biografia”, tal como se expôs na introdução deste trabalho, recorre-se aos conceitos postulados por Schuchardt, nas palavras de Viaro (2011):

[...] uma língua é um *continuum*: não é possível separá-la no espaço ou no tempo. As línguas, na verdade, seriam misturas de línguas e os dialetos, sob esse ângulo, desapareceram completamente. Se não há leis fonéticas, tampouco há exceções. A preocupação de Schuchardt é epistemológica, pois pensa no estudo da linguagem como uma única ciência, com uma única

pode ser tedioso, mas tem um bom efeito - nos leva a examinar cuidadosamente o terreno sobre o qual nos posicionamos e nos mantém vivos, mesmo quando analisamos meros prefixos e sufixos, devido à grandeza e à sacralidade das questões que dependem dessas minúcias. Os fundamentos de nossa ciência não sofrem com esses ataques; pelo contrário, como as células de coral se acumulam silenciosamente e pacientemente no fundo do mar, elas se tornam mais fortemente cimentadas por essas brisas que as espalham” (tradução nossa).

⁵ “Cada palavra tem sua biografia, começando com seu nascimento, ou pelo menos seu batismo. Podemos falar de sua infância, juventude, vida adulta e velhice, até mesmo de sua morte, e de seus herdeiros e sucessores. Os primeiros capítulos dessas biografias de palavras são, sem dúvida, os mais difíceis e requerem um tratamento muito cuidadoso; mas, como na vida de homens e mulheres, são também os mais importantes e, no caso da maioria das palavras, determinam toda a sua carreira subsequente” (tradução nossa).

metodologia. A conclusão de Schuchardt é que cada palavra tem uma história. (p. 86)

Com essa noção de resgate da história das palavras, conclui-se que tais pressupostos teóricos constituem algumas das bases sobre as quais esta pesquisa foi desenvolvida, ressaltados alguns conceitos que não se sustentaram, anteriormente identificados como inadequados, mas que, mesmo assim, não invalidam as contribuições de seus autores para os estudos filológicos e de linguística histórica.

A seguir, será apresentada uma breve descrição da teoria sobre a Etimologia, de forma mais específica, complementando o embasamento sobre o qual o presente estudo foi desenvolvido.

3.1 A ETIMOLOGIA

A ideia de *continuum* é de grande importância, além de ser muito esclarecedora, porque atesta também a visão da língua como *herança* e da necessidade de estudá-la percorrendo sua diacronia, a fim de que possam ser compreendidas as características de uma determinada sincronia ou do momento presente.

Para um trabalho com essa intenção, envolvem-se conhecimentos de muitas línguas em diversas etapas de sua transformação. De acordo com Viaro (2011), Gébelin acreditava que “as etimologias dariam às palavras uma energia surpreendente, uma vez que remetem ao estado em que seus inventores se encontravam, gerando uma descrição viva e exata das coisas designadas por esses nomes” (p. 59). A Etimologia teria, assim, a função de revelar o trabalho do tempo nas palavras, evidenciando os usos feitos delas pelos falantes em diversos momentos de sua história, desvelando suas diversas camadas adquiridas ao longo das sincronias pelas quais passou, e, por fim, rejuvenescendo-as por meio da recuperação de elementos mórficos e/ou significações perdidas.

Há de ter, portanto, o devido cuidado com o objeto de estudo e com as confusões passíveis de serem cometidas intuitivamente, se não houver rigor com o estudo da palavra. Muito elucidativa é a definição de *étimo* de Viaro (2011), como

apontado, por indicar que é a forma equivalente da mesma palavra, imediatamente anterior numa sincronia pretérita qualquer.

Dado que a presente pesquisa traz, subjacente a suas aplicações, também a discussão sobre conceitos e proposições da Etimologia, nesta breve revisão de bases teóricas cabe mencionar as referências que contribuíram para seu desenvolvimento.

Conforme Viaro (2011), alguns precursores da ciência etimológica são Isidoro de Sevilla (século VI), na Idade Média, e Nunes de Leão (1606), no Renascimento. Voltando ao período clássico, Platão pode ser considerado o primeiro autor ocidental que reflete sobre as etimologias em *Crátilo*, diálogo escrito entre 390-385 a.C., no qual propõe uma reflexão curiosa acerca da nomeação. É dele a obra ocidental mais remota sobre o tema que chegou aos dias atuais, segundo a breve historiografia da Etimologia descrita por Viaro (2011).

Descrever a definição lexicográfica do termo *etimologia* poderá auxiliar no entendimento de seu conceito e de sua natureza científica. Assim, a seguir, reproduz-se o verbete descrito em Houaiss e Villar (2001):

etimologia substantivo feminino LING 1 estudo da origem e da evolução das palavras 2 disciplina que trata da descrição de uma palavra em diferentes estados de língua anteriores por que passou, até remontar ao étimo 3 origem de um termo, quer na forma mais antiga conhecida, quer em alguma etapa de sua evolução; étimo <a e. de fidalgo é a locução filho de algo> [...] etim. gr. *etumología,as* (no sentido definido), conexo com *etulogéō* no sentido de 'analisar uma palavra e encontrar a sua origem', pelo lat. *etymología,ae* (no sentido definido); ver *étimo* e *-logia*; f.hist. sXIV *etimollisyas*, sXV *ethemologia*, sXV *ethemollagia*. (p. 1271)

Embora em Houaiss e Villar (2001, 2009) não haja o termo “ciência” nas acepções da entrada do verbete, mas sim “estudo” e “disciplina”, os significados descritos e reproduzidos permitem a possibilidade de propor para o termo *etimologia* a seguinte definição: ciência que estuda a origem das palavras,

Para que se fixe uma definição na qual a presente pesquisa pretenda se afiliar, bem-vinda é a formulada por Zamboni (1988), logo na abertura do capítulo introdutório de sua obra e que discorre sobre a definição de *etimología*:

Se admite comúnmente que la *etimología* (francês *étymologie*, inglês *etymology*, alemán *Etymologie*, ruso *etimológija*, español *etimología*) es la ciencia que estudia el origen de las palabras o, en otros términos, la investigación de las re-laciones – formales y semánticas – que ligam uma palabra con otra unidad

que la precede historicamente y de la que se deriva.⁶ (p. 9)

Definida, assim, como “a ciência que estuda a origem das palavras”, seu conceito está resumido ao básico.

Duarte Nunes de Leão (1606) publicou a obra considerada pioneira nos estudos etimológicos do português, *Origem da Língua Portuguesa*. Nela, já no primeiro capítulo, há uma reflexão sobre o efeito do tempo, ou seja, sobre a dinamicidade nas línguas e nos demais aspectos das humanidades: “Da mudança que as lingoas fazem per discurso de tempo: Assi como em todas as cousas humanas ha continua mudança & alteração, assi he tambem nas lingoages” (p. 1).

Dotada de prestígio e rica em estudos no passado, de acordo com o panorama histórico descrito em Viaro (2011), atualmente a área da Etimologia é bastante carente de pesquisas acadêmicas, tendo sua metodologia científica apresentado redução nos estudos após o início do século XX, no período pós Segunda Guerra. Em língua portuguesa, há ainda outras limitações, visto que muitos textos importantes para a pesquisa etimológica estão em línguas estrangeiras e permanecem assim até os dias de hoje, sem tradução, cenário decorrente da ausência de estímulo e de incentivo na área dos estudos etimológicos e da pesquisa na área de humanidades em geral.

Uma pseudoetimologia aparece com frequência em estudos fantasiosos, por meio de associações intuitivas e sem qualquer respaldo científico, distante dos requisitos e métodos necessários para ser uma ciência. Seus estudos devem ocupar-se do étimo e da origem das palavras, conceitos diferentes que são alvos dessa ciência e não a curiosidades ou ao entretenimento.

Interessante contrastar tal ideia com o que é apontado no prefácio do *Diccionario manual etymologico da lingua portugueza contendo a significação e prosódia*, de autoria de Francisco Adolpho Coelho (1890):

Etymologia.— A maior parte das palavras da lingua portugueza tem etymologia fácil de determinar: ou derivam d'outras da lingua ou claramente do latim, já numa forma popular, já numa forma erudita, litteraria. A outra parte, que é a menor, offerece difficuldades, mais ou menos consideráveis e em parte até talvez invencíveis. A falta d'um diccionario historico da lingua, onde cada palavra appareça com as suas antigas formas e significações, se ella remonta aos tempos

⁶ “É comumente aceito que a etimologia (francês *étymologie*, inglês *etymology*, alemão *Etymologie*, russo *etimológija*, espanhol *etimología*) é a ciência que estuda a origem das palavras ou, em outras palavras, a investigação das relações - formais e semânticas - que ligam uma palavra com outra unidade que historicamente a precede e da qual é derivada” (tradução nossa).

antigos da língua, ou que permitia determinar com probabilidade a data moderna d'introdução das que não estão naquele caso, essa falta é o maior obstáculo que encontra o etymologo portuguez em grande numero de suas investigações. Muitas vezes o conhecimento d'uma fôrma antiga, do sentido antigo ou provincial d'uma palavra, basta para fazer rejeitar uma etymologia que aliás se representa com condições de provavel exacção, ou para descobrir a verdadeira origem. (COELHO, 1890, p. VIII)

Nesse texto do final do século XIX, vem à tona a problematização da Etimologia na língua portuguesa. Embora bastante contraditórias (pois nenhuma etimologia poderia ser tida como fácil), essas palavras resumem o dilema enfrentado pelo etimólogo da língua portuguesa. O autor prossegue, remetendo aos trabalhos anteriores, referências das quais faz uso:

Na parte etymologica, que não tem o desenvolvimento que conviria ter, attendendo ás dimensões da obra, acham-se aproveitados os trabalhos de Diez, Grimm, Pott, Mahn, Littré, Engelmann, Dozy, Mussafia, Scheler, G. Paris, Julio Cornu (C.), D. Carolina Michaëlis, Baist, Av. Forster, Schuchardt, A. Tobler, J. Storm, Sophus Bugge, e outros philologos. Não é costume em regra citar nos dictionarios os auctores, cujas etymologias se aproveitam; muito menos poderíamos fazel-o numa obra da natureza d'esta; concebe-se pois que não é por plagio que não se encontra depois de cada etymologia aproveitada o nome do que primeiro propoz; tarefa aliás muitas vezes impossível. Sinto não ter podido aproveitar tão completamente quanto conviria os trabalhos dos referidos philologos. Alguma coisa também utilisamos nesta parte dos nossos lexicologos, que sem conhecimento dos methodos d'investigação etymologica, teem caído em sérios erros, mas também por vezes acertaram. Proponho numerosas etymologias novas, convicto de que muitas teem valor de simples conjecturas o parte d'ellas serão talvez riscadas numa edição futura, graças á critica competente, a que submetto o meu trabalho. (COELHO, 1890, p. IX)

Com relação à hipótese etimológica e à problemática indicadas pelo autor, é importante verificar que não há etimologias “verdadeiras”, embora seja possível indicar etimologias falsas ou verossímeis, com graus de certeza ou de probabilidade, distintos, variando em sequência, de acordo com Jespersen (1922), conforme apontam Viaro e Bizzocchi (2016, p. 585-586): “1 – certa; 2 – provável; 3 – possível; 4 – improvável e 5 – impossível”. Em Jespersen (1922), os graus de certezas são assim descritos:

It is, of course, impossible to say how great a proportion of the etymologies given in dictionaries should strictly be classed under each of the following heads: (1) certain, (2) probable, (3) possible, (4) improbable, (5) impossible—but I am afraid the first two classes would be the least numerous. Maillet (Gr 59) has some excellent remarks to the same effect; according to him, “pour une étymologie sure, les

dictionnaires en offrent plus de dix qui sont douteuses et dont, en appliquant une methode rigoureuse, on ne saurait faire la preuve”.⁷ (p. 307)

Como todo conhecimento científico, as hipóteses etimológicas propostas seriam sempre refutáveis e passíveis de uma reconstrução verossímil, num trabalho semelhante ao feito pela Arqueologia e pela Paleontologia.

Na Etimologia, um dos elementos mais importantes é a regularidade das leis fonéticas, a saber: conservação, subtração, adição, transposição e transformação em determinadas posições da palavra, conforme Viaro (2011). Essas leis são os dados disponíveis para a pesquisa etimológica, pois a mudança é a regra. Já no aspecto semântico, não há possibilidade de se estabelecer uma regra ou um conjunto de regras; portanto, se, ao longo das sincronias, uma determinada palavra não apresentar notórias mudanças em seu significado, a hipótese etimológica tende a ser mais segura e provável também segundo Viaro (2011).

Entre os anos finais do século XIX até pouco depois da metade do século XX, houve um período científico fértil para os estudos etimológicos, no qual muitas obras, artigos e teorias etimológicas floresceram. Max Müller (1873), indicado na introdução deste trabalho, faz alusão a Voltaire para exemplificar a regra da mudança promovida pelas leis fonéticas:

Voltaire defined etymology as a science in which vowels signify nothing at all, and consonants very little. Nor was this sarcasm quote undeserved by those who wrote on etymology in Voltaire's time, and we need not wonder that a man so reluctant to believe in any miracles should have declined to believe in the miracles of etymology⁸. (p. 262)

Müller (1873) ordenou, em seu texto *Magna Carta da Etimologia*, os quatro pontos fundamentais a serem provados:

⁷ “É claro que é impossível dizer quão grande proporção das etimologias fornecidas nos dicionários deve ser estritamente classificada sob cada um dos seguintes títulos: (1) certa, (2) provável, (3) possível, (4) improvável, (5) impossível - mas temo que as duas primeiras classes seriam as menos numerosas. Maillet (Gr 59) tem algumas observações excelentes para o mesmo efeito; de acordo com ele, ‘para uma etimologia certa, os dicionários oferecem mais de dez que são duvidosas e das quais, aplicando um método rigoroso, não podemos provar’” (tradução nossa).

⁸ “Voltaire definiu a etimologia como uma ciência na qual as vogais não significam absolutamente nada, e as consoantes muito pouco. Tampouco essa citação de sarcasmo não foi merecida por aqueles que escreveram sobre etimologia no tempo do Voltaire, e não é de admirar que um homem tão relutante em acreditar em algum milagre tenha se recusado a acreditar nos milagres da etimologia” (tradução nossa).

If we wish to stablish our thesis that sound etymology has nothing to do with sound, we must prove four points: 1 – That the same word takes different forms in different languages; 2 – That the same word takes different forms in one and the same language; 3 – That different words take same form in different languages; 4 – That different words take the same form in one and the same language⁹. (p. 267-268)

Esses quatro pontos foram estipulados por Müller (1873) para as línguas românicas, com as quais ele não escondia um grande entusiasmo para os trabalhos etimológicos:

In the modern Romance dialects, we have before our eyes a more complete and distinct picture or repetition of the origin and growth of language than anywhere else in the whole history of human speech. [...] Where, except in theses modern dialects, can we expect to find a perfectly certain standard by which words may undergo both in form and meaning without losing their identity? We can here silence all objections by tracing, step by step, every change of sound and sense from Latin to French¹⁰. (p. 270)

O conceito de Müller (1873) pode ser considerado atual, se for levado em conta o momento da Etimologia que se observa no português. A matéria-prima está à disposição: para o contraste das formas nas línguas românicas, línguas-irmãs do português; estão também disponíveis o método e os dados de partida, as leis fonéticas e os conhecidos metaplasmos. O autor procura afastar do perfil dos estudos etimológicos uma certa postura erudita e purista no trabalho com os idiomas modernos, advertindo quanto a uma possível vaidade que acomete os estudiosos da linguagem, por meio de um interessante paralelo:

As in botanic aged trees are not placed in a different class from young trees, it would be against all the principles of scientific classification to distinguish between old and young languages. We must study the tree as a whole, from the time when the seed is placed in the soil to the time when it bears fruit; and we must study language in the manner as a whole, tracing its life uninterruptedly from the simplest roots to the most complex derivatives. He who can

⁹ “Se desejamos estabelecer nossa tese de que uma etimologia confiável não tem nada a ver com o som, devemos provar quatro pontos: 1 - Que a mesma palavra tenha diferentes formas em diferentes línguas; 2 - Que a mesma palavra tenha diferentes formas em uma e na mesma língua; 3 - Que diferentes palavras tomam a mesma forma em diferentes línguas; 4 - Que diferentes palavras tomam a mesma forma em uma e na mesma língua” (tradução nossa).

¹⁰ “Nos dialetos romances modernos, temos diante de nossos olhos um cenário ou repetição mais completa e distinta da origem e do crescimento da linguagem do que em qualquer outro lugar de toda a história da fala humana. [...] Onde mais, exceto nesses dialetos modernos, podemos esperar encontrar um padrão perfeitamente correto pelo qual as palavras podem passar tanto na forma como no significado sem perder sua identidade? Podemos aqui silenciar todas as objeções traçando, passo a passo, cada mudança de som e sentido do latim para o francês” (tradução nossa).

see in modern languages nothing but corruption or anomaly understands but little of the true nature of language.¹¹ (MÜLLER, 1873, p. 269)

A intenção, ao se descreverem tais conceitos teóricos, é embasar a postura científica recuperada pela Etimologia moderna, a qual necessita desvendar estudiosos que, em tempos passados, muito contribuíram com os estudos da área.

Malkiel (1976), autor que publicou algumas obras etimológicas importantes da metade do século XX em diante, em seu tempo já assume a derrocada da Etimologia e propõe reação, solicitando inovação, além de sugerir que se corram riscos:

Etymology, then, has lost a battle but not the war, provided some of its devotees are willing to take the risk of seeing its challenges, assets, and liabilities in a new perspective. Experience teaches us that knowledge advances often in cycles - better still in spirals. To lift an endangered discipline out of its current doldrums, one must attempt to pull it up and push it forward at the same time, so as to avoid monotonous repetition. [...] But a generous measure of experimentation and the eagerness to take risks are the price one must be prepared to pay for such abandonment of role.¹² (p. vii)

O autor adverte sobre o caráter de “entretenimento” que reveste a Etimologia (p. 8), denominado “*gray zone*”, e estabelece como estratégia de sucesso para um dicionário etimológico a suprema organização do *corpus* (MALKIEL, 1976, p. 35), dentre diversas reflexões de grande valia dispostas nos dez capítulos e nas notas da obra.

Antes de se expor aos riscos nos exercícios de formulação das hipóteses etimológicas e datações que serão propostos em seguida, cabe referenciar

¹¹ “Assim como na Botânica as árvores velhas não são colocadas em uma classe diferente das árvores jovens, seria contra todos os princípios da classificação científica distinguir entre línguas antigas e jovens. Devemos estudar a árvore como um todo, desde o momento em que a semente é colocada no solo até o momento em que dá fruto; e devemos estudar a linguagem da mesma maneira, como um todo, traçando sua vida ininterruptamente desde as raízes mais simples até os derivados mais complexos. Aquele que consegue enxergar nas línguas modernas nada além de corrupção ou anomalia compreende muito pouco da verdadeira natureza da linguagem” (tradução nossa).

¹² “A etimologia, então, perdeu uma batalha, mas não a guerra, desde que alguns de seus devotos estejam dispostos a assumir o risco de ver seus desafios, ativos e passivos em uma nova perspectiva. A experiência nos diz que o conhecimento com frequência avança em ciclos - melhor ainda, em espirais. Para levantar uma disciplina ameaçada em sua crise atual, devemos tentar puxá-la para cima e empurrá-la para frente ao mesmo tempo, de modo a evitar a repetição monótona. [...] Mas uma medida generosa de experimentação e a ânsia de assumir riscos são o preço que se deve estar preparado para pagar por tal abandono de papel” (tradução nossa).

novamente Malkiel (1993); em outra obra, parece conversar com “Crátilo” de Platão, ao discorrer sobre os atos de nomeação:

The appeal to etymology in magic context may well have started with proper names and be so old as to have its roots in prehistory. Parents, by giving their newborn child a name whose ‘real’ meaning is wholly transparent to those familiar with the given language (like Spanish Dolores, Consuelo, or Amparo, or Hebrew Rachel), or transparent only in part, or else to experts alone, may to some extent be motivated in their choice by this chance to encode a wish for the child’s future well-being or expected character (standard of behaviour), even though several alternative motivations may prevail. To the extent that the real meaning of a name titillates the speech community’s, or certain outsiders’ curiosity, the etymology comes close to resembling the riddle, and the etymologist, in being called upon to solve or clarify it, act like a magus or a magician¹³. (p. 1)

Todo esse arcabouço teórico tem como objetivo mostrar a base científica que a Etimologia tem procurado retomar, rota da qual se afastou após um período de grande avanço nos estudos. Há no campo da pesquisa etimológica, portanto, teóricos, discussões elevadas, métodos e matéria-prima para estudo.

A intenção da pesquisa é lançar-se às palavras e diminuir as lacunas observadas no português, contando com toda a teoria pré-existente e, também, com o avanço tecnológico proporcionado pela *Internet*, mediante a digitalização de obras que podem ser garimpadas pela rede.

Importante para a seriedade da pesquisa é ter ciência de que “para o estudo etimológico, toda e qualquer pista advindas de outras áreas do conhecimento é muito útil. Uma vez levantada uma hipótese, é preciso buscar indícios para a confirmação do étimo” (VIARO, 2011, p. 291). Trata-se, como apontado, de um estudo que envolve saberes de diversas áreas da ciência e que traz ao pesquisador sempre a certeza de que nunca se sabe o bastante, o que, sem dúvida, é desafiador e permite que os frutos de uma pesquisa possam motivar inúmeras outras.

¹³ “O apelo à etimologia no contexto da magia pode ter começado com nomes próprios e ser tão antigo que tenha suas raízes na pré-história. Pais, dando a seu filho recém-nascido um nome cujo significado ‘real’ é totalmente transparente para aqueles que estão familiarizados com a língua dada (como Dolores, Consuelo ou Amparo, em espanhol, ou Rachel, em hebraico), ou transparente apenas em parte, ou apenas para especialistas, podem, em certa medida, ser motivados em sua escolha por essa chance de codificar um desejo pelo futuro bem-estar da criança ou pelo caráter esperado (padrão de comportamento), mesmo que várias motivações alternativas possam prevalecer. Na medida em que o significado real de um nome excita a curiosidade da comunidade da fala, ou de certos estranhos, a etimologia quase se assemelha ao enigma, e o etimologista, ao ser chamado para resolvê-lo ou esclarecê-lo, age como um mago ou um mágico” (tradução nossa).

4 METODOLOGIA

A presente pesquisa foi realizada segundo os métodos da Etimologia, a fim de atingir os objetivos descritos. Visto que o campo dos estudos filológicos, no qual se insere a Etimologia, é extremamente vasto, as diversas metodologias e a confrontação dos resultados garantem conclusões mais acertadas.

Desde o método histórico-comparativo, profícuo para os estudos destinados a grupos de línguas que compartilham a origem, outros surgiram para complementá-lo: o método idealista, a geografia linguística, a onomasiologia e o *Wörter und Sachen* (“palavras e coisas”), que teve Schuchardt como um de seus criadores, o método neolinguístico, a teoria das ondas e demais métodos afins, que corrigiram as possíveis deficiências do método histórico-comparativo, o qual se ocupa das ligações entre o *terminus a quo* e o *terminus ad quem*, enquanto os demais métodos investigam aspectos de uma mesma sincronia da língua estudada (BASSETTO, 2005, p. 63-85).

A partir da comparação de uma palavra da sincronia atual com a mesma palavra em sincronias pretéritas, buscando sua origem, a relação analógica entre o concreto e o abstrato¹⁴ foi um dos resultados apresentados nas análises deste trabalho. A pesquisa etimológica, de resgate do *terminus a quo*, possibilitou a análise das motivações frequentemente concretas das palavras, em virtude de a alteração semântica de uma ideia concreta para uma abstração dela ser testemunhada¹⁵. Ou seja, a busca pela reconstrução da biografia da palavra, além da recuperar o aspecto formal e morfológico da palavra em diferentes sincronias e sua origem, trouxe resultados relacionados a seu significado e suas variações.

¹⁴ Não é foco desta pesquisa propor novas classificações ou abarcar a questão das nomenclaturas gramaticais em seu escopo. Cita-se a conceituação dos substantivos concretos e abstratos pois, nas hipóteses etimológicas propostas, estão presentes análises referentes à concretude e posterior abstração das palavras estudadas. Para o resgate dessas ideias, seguem reproduzidos os conceitos formulados por Bechara ([1961] 2019) ao descrever essa divisão dos substantivos: “Substantivo concreto é o que designa ser de existência independente: casa, mar, sol, automóvel, filho, mãe./ Substantivo abstrato é o que designa ser de existência dependente: prazer, beijo, trabalho, saída, beleza, cansaço./ Os substantivos concretos nomeiam pessoas, lugares, animais, vegetais, minerais e coisas./ Os substantivos abstratos designam ações (beijo, trabalho, saída, cansaço), estado e qualidade (prazer, beleza), considerados fora dos seres, como se tivessem existência individual” (p. 215).

¹⁵ Fenômeno contrário ocorre no português atual, conforme indica Câmara Jr ([1956] 2001, p. 38): “é frequente a transposição dos nomes substantivados abstratos para concretos, indicando um ser relacionado com a qualidade ou a ação que o abstrato designa”.

Viaro (2011) destaca a proposta de Schuchardt para que os estudos etimológicos resgatem a “história” da palavra, enaltecendo a importância do significado nas pesquisas linguísticas para além das questões fonéticas e de suas leis: “o significado sempre é mais importante do que o significante” (p. 87). Além disso, Schuchardt enfatizava a língua como fenômeno regulado por leis sociológicas:

Outros fatores, como o cruzamento étnico, as mudanças de classe social e a imitação complexificam ainda mais a transmissão. Como os vocabulários possuem frequências de uso desiguais, assim como velocidades de mudança também desiguais, as transformações não são catastróficas, mas lentas. Uma palavra mais frequente sofreria modificações mais profundas do que uma menos frequente. (VIARO, 2011, p. 85)

De acordo com Biderman (1978, p. 118): “a definição e a delimitação da unidade léxica não podem prescindir do critério semântico”; portanto, esta pesquisa foi definida a partir da escolha da palavra *tristeza*, cujo campo semântico apresentado nos dicionários analógicos pesquisados (AULETE; VALENTE, s. d.; AZEVEDO, [1950] 2010) é o mesmo de outras a ela relacionadas, como *aflição*, *agonia*, *mágoa* e *sofrimento*. Dessa forma, recolheram-se todos os termos indicados diretamente, a fim de compor uma lista contendo vinte palavras a serem analisadas a partir de étimo, origem e datação de cada uma em algumas obras lexicográficas do português.

O que aproxima todos os itens lexicais pesquisados é o fato de pertencerem a um paradigma semântico afim¹⁶: todos transitam no mesmo campo de significado de “tristeza”. A partir de outra pesquisa, feita em obras lexicográficas, observou-se que todas essas palavras têm em sua microestrutura acepções que designam um sentimento negativo ou um estado de tristeza, por meio da metodologia utilizada para estabelecer a lista final das palavras analisadas.

Assim, o trajeto do estudo de tais palavras buscou descrever algumas mudanças ocorridas em cada vocábulo, fossem elas formais, como metaplasmos, ou semânticas. Buscou, ainda, apontar as similaridades entre as vinte palavras e as particularidades de seus significados.

Reserva-se atenção especial para a comparação sobre como ocorrem as entradas e as acepções dos étimos dessas palavras em obras lexicográficas distintas,

¹⁶ O termo “semântico” está empregado no sentido *lato sensu*, ou seja, no sentido de significado das palavras, caracterizando-as, conferindo-lhes conteúdo e sentido. Não está no escopo deste trabalho aplicar os conceitos específicos que resultam nas diferentes teorias dos estudos semânticos e em seus respectivos teóricos.

a fim de traçar um paralelo múltiplo entre as descrições daqueles verbetes. Tal cotejo permitiu, deste modo, uma reflexão acerca da Etimologia: de que forma tem sido realizada, quais as contribuições decorrentes aos estudos da linguagem e as possibilidades de estudo daquelas ainda em vias de serem desbravadas para o português, língua que, em comparação às demais línguas românicas, é a mais carente de informações etimológicas, as quais, quando existentes, são geralmente incompletas e/ou imprecisas, principalmente com relação à datação de entrada de seus verbetes.

O material básico do estudo são dicionários analógicos, ponto de partida para a seleção de palavras, e, também, obras lexicográficas, descritas a seguir, nas quais se pesquisarão as palavras eleitas naqueles, especialmente as obras de Houaiss e Villar (2001, 2009a, 2009b).

4.1 O RECORTE DAS PALAVRAS PESQUISADAS: DICIONÁRIOS ANALÓGICOS

O escopo delimitado das palavras desta pesquisa são substantivos, ou “nomes”, conforme Ali (2001, p. 47): “as palavras que designam os seres e seus atributos chamam-se simplesmente nomes. É o termo mais despretensioso e mais acertado de toda a nomenclatura gramatical”.

Para a escolha das palavras que compõem o vocabulário desta pesquisa, realizou-se uma pesquisa em dicionários analógicos (AULETE; VALENTE, s. d.; AZEVEDO, [1950] 2010), buscando os termos do campo semântico de “tristeza”.

A partir da pesquisa de um verbete nos dicionários analógicos, foi possível encontrar outras palavras, numa sequência perseguida pelo significado: na busca por *tristeza*, obtém-se *mágoa* e *insatisfação* como resultados mais próximos dentro dos termos análogos, além de *desânimo* (seriam as palavras-chave).

A eleição das palavras pesquisadas ocorreu a partir dos dicionários analógicos de Aulete e Valente (s. d.), e Azevedo ([1950] 2010). O primeiro, por ser digital e de acesso *online*, facilitou a pesquisa das palavras que fariam parte do escopo da pesquisa, enquanto o dicionário de Azevedo ([1950] 2010) confirmou a pesquisa pela qual foi possível, a partir da busca iniciada com *tristeza*, chegar a outras palavras relacionadas ao mesmo campo semântico.

Azevedo ([1950] 2010) publicou seu dicionário analógico como um *thesaurus*: não se trata de um dicionário de sinônimos, de palavras que têm exatamente o mesmo significado de outra. O *thesaurus* apresenta uma relação de palavras análogas, que tenham relação umas com as outros pelo sentido e cujos significados estão numa área de proximidade com o de alguma outra palavra. Os campos semânticos são explorados nos dicionários analógicos e *thesauri* das línguas; conforme apresentação do autor:

O dicionário analógico, ou *Thesaurus*, na concepção de Roget, pressupõe que, ao contrário, temos noção de um significado, temos uma intenção de uso, mas não nos ocorre uma palavra satisfatória. O *thesaurus*, a partir de um contexto de possíveis significados, oferece uma nuvem de palavras em torno desse significado, ou seja, palavras análogas num maior ou menor grau de proximidade e exatidão, para que nessa nuvem possamos achar a palavra - ou expressão - que melhor nos convém, em qualquer de suas mais prováveis funções gramaticais.

Não é difícil concluir daí que um dicionário analógico completa, com um dicionário de língua, o ferramental necessário a quem busque a compreensão e o domínio de todas as potencialidades do código linguístico, seja no entendimento de significados e usos de palavras e expressões, seja na capacidade de encontrar as palavras e expressões que melhor traduzam o que se quer exprimir. (AZEVEDO, [1950] 2010, p. ix)

Para complementar o parecer presente no capítulo de apresentação de Azevedo ([1950] 2010), cabe acrescentar que tal possibilidade de compreensão e domínio no uso das palavras é possível a partir da Etimologia: ao apresentar a origem e étimos das palavras de uma língua, pode, ela sim, fornecer os dados acessíveis aos falantes por meio dos dicionários.

No dicionário de Azevedo ([1950] 2010), faz-se a busca pela área conceitual na qual se encaixa a palavra, a fim de buscar o grupo analógico mais próximo, ou a partir da própria palavra já escolhida, o índice da segunda parte do dicionário, em que as palavras, em ordem alfabética, remetem à página dos grupos analógicos da primeira parte. As palavras tidas como palavras-chave e que encabeçam grupos analógicos estão em negrito.

Nesse dicionário, há uma classificação das palavras, disposta no quadro sinóptico de categorias. Segue reprodução do quadro nos trechos do grupo de *tristeza*, palavra que orientou a pesquisa:

Figura 1 – Quadro sinóptico de categorias

classificação das palavras		
<i>Classes</i>	<i>Divisões</i>	<i>Números</i>
I. RELAÇÕES ABSTRATAS	I. Existência	1 – 8
	II. Relação	9 – 24
	III. Quantidade	25 – 57
	IV. Ordem	58 – 83
	V. Número	84 – 105
	VI. Tempo	106 – 139
	VII. Mudança	140 – 152
	VIII. Causa	153 – 179
II. ESPAÇO	I. Em Geral	180 – 191
	II. Dimensões	192 – 239
	III. Forma	240 – 263
	IV. Movimento	264 – 315
III. MATÉRIA	I. Em geral	316 – 320
	II. Inorgânica	321 – 356a
	III. Orgânica	357 – 449
IV. ENTENDIMENTO	I. Formação das Ideias	450 – 515
	II. Comunicação das Ideias	516 – 599
V. VONTADE	I. Individual	600 – 736
	II. Com referência à Sociedade	737 – 819
VI. AFEIÇÕES	I. Em Geral	820 – 826
	II. Pessoais	827 – 887
	III. Simpáticas	888 – 921
	IV. Morais	922 – 975
	V. Religiosas	976 – 1000

Fonte: Azevedo ([1950] 2010, p. xiii).

A busca para a presente pesquisa em Azevedo ([1950] 2010) concentrou-se na classe VI, das “afeições”. Dentro dessa classe, os grupos analógicos estão dispostos e encontra-se *tristeza*:

Figura 2 – Grupo analógico de tristeza

ção; espírito ameno/desanuviado; alacridade, veia cômica, garrulice, vivacidade, animação, juncundidade, jovialidade, folgança,	▽ 837. Tristeza , caimento, choquice = cacoitimia, disposição viciosa do espírito, depressão, acabrunhamento, demissão do ânimo, prostração, abatimento, quebradeira, que-
breira, desconforto, desalento, desconsolo, descorçoamento, desânimo, atimia, quebramento, quebranto, cansaço moral, desconsolação, desconsoladeza, insatisfação, desolação, amargura, consternação, amuo, assombramento, inconsolabilidade, pesadume, enfado 841; tédio, marasmo, mazombice, aborrecimento, desgosto, travo de tristeza, nostalgia, saudade 833; malenconia, melancolia = trabuzana (pop.), macambuzice, <i>bilisatra</i> , lipemania, tristimania, atrabilis, bilis negra, cadilhos, tristura (ant.), nuvem, pena, pesar, sentimento, mágoa, desalegria, hipocondria, misantropia, neurastenia, <i>spleen</i> , enxaqueca = hemicrania, cefalalgia, pessimismo, derrotismo, meditação, cisma, congeminação, desespero 859; caverna de Trofônio, gravidade, graveza, circunspeção, seriedade; fisionomia carrancuda/rebarbativa/rude; aspecto torvo, sombrio; cara de poucos amigos, focinheira, tromba, cenho, triste, vencido, <i>malade imaginaire</i> ; pessimista, hipocondríaco, misantropo; (causa de abatimento): aflição 830; agrura, dissabor, <i>memento mori</i> , luto, ave agoureira, desilusão, tribulação, insucesso; bipolaridade. V. entristecer-se, abater-se, estar abatido & <i>adj.</i> ; lamentar 839; desconsolar-se, caírem os braços a alguém, chorar, angustiar-se, não estar para festas, parecer consumir-se de tristeza, estar de má data, murchar-se o riso, magiar = andar apreensivo, deprimir-se, ver tudo negro, cobrir-se o coração, saltar a tristeza a alguém, carregar o semblante, ter o rosto carregado, andar abatido & <i>adj.</i> ; amarroar, ter negros pressentimentos, lastimar-se, sentir/envolver-se em desânimo, desanimar, marasmar-se, cismar, meditar, tornar-se grave, alcachinar-se, sucumbir, acabrunhar-se, abater-se, torvar-se, amofinar-se, enrugar a fronte, obscurecer-se rosto a alguém, franzir o sobrolho, carregar a celha, carregar/franzir o cenho, pender a cabeça ao peito, morder os lábios/beiços, pôr os olhos no chão, sentir depressão, reprimir o sorriso, tornar abatido & <i>adj.</i> ; desalentar, desencorajar, melancolizar, nublar, quebrantar o ânimo, desolar, abater, combalir, emburrar, embosnar, amuar, deprimir, desconfortar, desprestigiar, funestar, extinguir as palavras nos lábios, enlutar,	consternar, contristar, deixar na alma um sulco de tristeza, infundir tristeza, negrejar; desalegrar, resfriar, gelar, penalizar, entristecer, sombrear, toldar 421; crestar as esperanças de 859; desconsolar, apesarar, ensombrar, enturvar, enoitecer, enevoar, anuviar. <i>Adj.</i> triste, abatido = alcachinado (pop.), desfalecido, infrato, caído, prostrado, afilto, macerado, assopeado, desolado, acabrunhado, melancólico, deprimido, sombrio, torvo, nebuloso, lipemaniaco, hipocondríaco, apagado, escuro, triste, desalegre, cismático, mesto, amargurado, arrasado, penalizado, apreensivo, pensativo, cogitabundo, murcho, sorumbático = mazombo, amarroado, cabisbaixo, macambúzio, embezeirado, amalancornado = metido consigo mesmo, atrabiliário, atrabiliioso, neurastênico, marasmático, bilioso, atacado de atrabilis, saturnino, esplenético, sentimental, meditativo, imaginativo, carrancudo, encaramonado, desconsolado, inconsolável, irremediável, abandonado, infortado, desamparado, ferido no coração, desesperançado 859; perdido, vencido, desanimado, descorçoado, com o coração macerado, desolhado, macilento, mortificado (<i>sofrimento mental</i>) 828, dorido, magoado, lacrimoso, alicaído, resabiado, pesaroso, sentido, apesarado, desalentado, misantrópico, consternado, tristonho, abetumado, oprimido, impressionável, cismático, soturno, desgostoso, despeitoso; meditabundo, abatido de ânimo, rabugento, amuado, enfadonho 841; sério, grave, solene, circunspecto, severo, tétrico, tetro, fúnebre, funéreo, funerário, atro, negro, lutuoso, plangente, nublado. <i>Adv.</i> tristemente, abatemente & <i>adj.</i>
	△ 838. (Manifestações de prazer) Regozijo , alacridade, gáudio, exultação, júbilo, festividade, fanfarra, triunfo, aclamação ruidosa, comemoração, champanhota, gala, divertimentos, parabéns, cumprimentos, emboras, festas, festejos 840; jubileu (<i>comemoração</i>) 883; aleluia, te-déum 990; parada militar, ação de graças, congratulação, hosana; ditirambo, declamação, passeata, carreata, vivas, vivório (dep.), frêmito, salva, girândola, fogos de artifício, rojão, tiros de roqueira = roqueirada, foguete, foguetaria, foguetório, foguetada, es-

Fonte: Azevedo ([1950] 2010, p. 394-395).

No grupo analógico de *tristeza* estão dispostas palavras e ideias correspondentes do mesmo campo semântico. Algumas palavras, tidas como palavras-chave nessa obra, estão também num outro grupo analógico com identificação de um número, por exemplo: *enfado* 841, *saudade* 833, *aflição* 830,

palavras que estão no campo dos substantivos. Na classe gramatical dos verbos, é destacado o grupo de *lamentar* 839, no qual está compreendida a palavra *lamento*.

Em Azevedo ([1950] 2010), também é possível realizar a busca pela própria palavra a ser pesquisada, na segunda parte do dicionário, em que há um índice alfabético:

Figura 3 – Índice

<i>triândrio</i> 367	trifauce 94	trincolear 402a	trissulco 94, 259
triangular 244	trifido 94	trincolhos 840	tristaminifero 367
triângulo 244, 417	trifloro 94, 367	Trindade 126, 976	triste 422, 432, 735, 828, 830, 837,
trianual 138	trifolia 371	trindade 72, 92	839, 841, 950
triarquia 737	trifoliado 367	trinervado/ trinérveo 92, 94,	triste de mim! 839
triatio 337, 840	triforme 20a, 81, 92, 93	367	triste fadário 735
tribade 962	trifurcação 94	trineto 167	tristemente 31, 837
tribadismo 961	trifurcado 94	trineto, trineta 11	Tristeza 837
tribásico 93	trifurcar 94	trinfar 412	tristeza 828, 832, 901a

Fonte: Azevedo ([1950] 2010, p. 752).

Pelo índice, estão indicados os grupos analógicos referentes a palavra, ideia ou termo afim que esteja sendo pesquisado. A partir de *tristeza*, foi possível estabelecer uma rede de afinidade entre algumas das palavras que viriam a constituir o recorte final da pesquisa.

Já a pesquisa em Aulete e Valente (s. d.) ocorreu de modo distinto. Conforme a metodologia descrita na página do projeto:

A partir da consulta de uma palavra vocábulo no Aulete ou no módulo Dicionário analógico, estando ele disponível entre os 100 mil análogos, é mostrada uma teia, na qual a palavra aparece no centro, cercada por todos os ‘verbetes’ do Analógico que a contenham. Ao se clicar em uma das palavras da teia, abre-se o verbete correspondente no Analógico, com dezenas de palavras de proximidade semântica à palavra inicial. (AULETE; AZEVEDO, s. d.)

Buscou-se, portanto, o termo “tristeza”, cujo resultado mostrou, em primeira análise, algumas palavras análogas (Figura 4).

Ao clicar no termo “tristeza”, que orbita em volta do igual termo pesquisado, a pesquisa traz um rol de palavras que tenham relação análoga com a palavra *tristeza*. Nesse quadro de palavras resultante, elas estão classificadas entre substantivos e adjetivos.

Figura 4 – Busca de palavras análogas a “tristeza”

Sua língua na Internet **Dicionário Aulete** Gramática básica Dicionário analógico

Página principal Palavra do dia Downloads Convide um amigo

Analogico
DIGITAL

Índice de verbetes

- Tolo
- Tópico
- Trabalho
- Tração
- Transcursão
- Transferência
- Transferência
- Transgressão
- Transitoriedade
- Transparência
- Trialidade
- Tribunal
- Triplificação
- Trisseção
- Tristeza**
- Troca
- Troféu
- Umidade

Tristeza

Hipocondria Tristeza

Descontentamento Sofrimento

© Lexikon Editora Digital Contato Termos de uso Créditos

Fonte: Aulete e Valente (s. d.).

Recortando apenas a classe dos substantivos análogos, o resultado é:

Figura 5 – Busca de palavras análogas a “tristeza” (substantivos)

Sua língua na Internet **Dicionário Aulete** Gramática básica Dicionário analógico Curtir 3,9 mil Compartilhar

Página principal Palavra do dia Downloads Convide um amigo

Analogico
DIGITAL

Índice de verbetes

- Transferência
- Transferência
- Transgressão
- Transitoriedade
- Transparência
- Trialidade
- Tribunal
- Triplificação
- Trisseção
- Tristeza
- Troca
- Troféu
- Umidade
- Uniformidade
- Universo
- Untuosidade
- Uso
- Utilidade

Tristeza

Substantivo

caimento , choque = cacetim , disposição viciosa do espírito , depressão , acabrunhamento , demissão do ânimo , prostração , abatimento , quebradeira , quebreira , desconforto , desalento , desconsolo , descorçoamento , desânimo , atimia , quebramento , quebranto , cansaço moral , desconsolo , desconsolação , desconsoladeza , insatisfação , desolação , amargura , consternação , amuo , assombramento , inconsolabilidade , pesadume , enfado , tédio , marasmo , mazombice , aborrecimento , desgosto , tramo de tristeza , nostalgia , saudade : malenconia , melancolia = trabuzana (pop.) , lipemania , tristimania , atrabilis , bills negra , cadilhos , tristura (ant.) , nuvem , pena , pesar , sentimento , mágoa , desalegria , hipocondria , misantropia , neurastenia , spleen , enxaqueca = hemicrania , cefalalgia , pessimismo , derrotismo , meditação , cisma , congeminência , desespero ; caverna de Trofônio , gravidade , graveza , circunspeção , seriedade ; fisionomia carrancuda , fisionomia rebarbativa , fisionomia rude ; aspecto torvo , aspecto sombrio ; cara de poucos amigos , focinheira , tromba , cenho , misantropia , triste , vencido , malade imaginaire , pessimismo , derrotismo ; pessimista , hipocondríaco , misantropo , (causa de abatimento) aflição ; agrura , dissabor , memento mori , luto , ave aquareira , desilusão , tribulação , insucesso , depressão , bipolaridade .

© Lexikon Editora Digital Contato Termos de uso Créditos

Fonte: Aulete e Valente (s. d.).

Com os resultados apresentados, tem início a busca pelas palavras a serem estudadas. Destacadas em azul mais forte, estão as palavras-chave: *desânimo*, *insatisfação* e *mágoa*. Ao se perseguirem os termos, de *mágoa* chega-se a *ressentimento* (Figura 6):

Figura 6 – Busca de substantivos análogos a “mágoa”

Fonte: Aulete e Valente (s. d.).

Dessa forma, desencadeia-se a busca das palavras que comporão o *corpus* de análise desta dissertação, com uma levando a outra, no mesmo campo semântico. Na órbita de *tristeza*, surge *descontentamento*, que leva a *decepção* (Figura 7):

Figura 7 – Busca de substantivos análogos a “descontentamento”

The screenshot shows the 'Dicionário Analógico' website interface. At the top, there are navigation tabs: 'Sua língua na Internet', 'Dicionário Aulete', 'Gramática básica', and 'Dicionário analógico'. Below these are links for 'Página principal', 'Palavra do dia', 'Downloads', and 'Convide um amigo'. The main content area is titled 'Descontentamento' and is categorized as 'Substantivo'. It lists numerous synonyms and related terms, including: *displacência, aborrecimento, queixa, aflição, agrura, dessatisfação, arrelia, desgosto, amargura, desprazer, desconsolo, dissabor, mal-estar, contrariedade, pesadume, constrição, padecimento, sofrimento, pesadumbre, tristeza, enfado, acabrunhamento, desolação, desagrado, dissentimento, inquietação, rabinice, carranca, cenho, micticismo (neol.), desapontamento, quizila, decepção, agravo, ofensa, despeito, enojo, arrufo, arrufamento, consternação, mortificação, chateação, aporinhamento, saudade, queixa, mumuração, pesar, queixume, hipercriticismo, pessimismo, derrotismo, cara de vergalho, murmurador, despeitado, invejoso, descontente, pessimista, sebastianista, saudosista, derrotista, indignação, protesto, riso forçado, riso contrafeito, riso amarelo, vaia, assuada, sobreceño = semblante carrancudo.* Below this, the 'Adjetivo' section lists: *descontente, dessatisfeito, insatisfeito, mal satisfeito, dissidente, derrotista, opositorista, impidoso, agastado, dissaboroso, desgostoso, despeitado, zangado, entourado, marfado, aborrecido, ressentido, queixoso, exigente, emcrenqueiro.* On the left side, there is a vertical list of other words under the heading 'Índice de verbetes', including 'Demanda', 'Demônio', 'Demonstração', 'Demora', 'Densidade', 'Depósito', 'Depreciação', 'Depressão', 'Deputado', 'Desacordo', 'Desafio', 'Desamparo', 'Desaparecimento', 'Desarranjo', 'Desatenção', 'Descida', and 'Descoberta'. The footer of the page mentions '© Lexikon Editora Digital', 'Contato', 'Termos de uso', and 'Créditos'.

Fonte: Aulete e Valente (s. d.).

Ligado a *tristeza* diretamente, está *sofrimento*, que traz *aflição*, *agonia*, *angústia*, *ansiedade*, *náusea* e *suplício* como alguns dos exemplos de termos análogos. Chega-se, assim, por meio da busca por *náusea*, a *aversão*, *enfado* e *nojo*. Partindo de *nojo*, encontra-se *lamento*. De *tristeza*, passando por *hipocondria*, chega-se a *melancolia* e a *obsessão*. Depara-se com *suplício*; por meio de *punição*, surge *solidão*, análoga a *isolamento* e *submissão*.

Nesse sentido, encerra-se o recorte da presente pesquisa, com vinte palavras eleitas, encontradas na rede de analogias formada entre elas: *aflição*, *agonia*, *angústia*, *ansiedade*, *aversão*, *decepção*, *enfado*, *insatisfação*, *lamento*, *mágoa*, *melancolia*, *náusea*, *nojo*, *obsessão*, *ressentimento*, *sofrimento*, *solidão*, *submissão*, *suplício*, *tristeza*.

4.2. O INÍCIO DA PESQUISA DAS PALAVRAS: DICIONÁRIOS

Com as palavras escolhidas e o recorte do trabalho feito, na etapa seguinte foi feita a pesquisa de cada uma das vinte palavras nos dicionários, tendo Houaiss e Villar (2001, 2009a, 2009b) como ponto de partida. A pesquisa reversa parte de uma palavra como acepção para que se chegue aos termos que a contêm; ao se pesquisar *tristeza*, o resultado traz 124 palavras (HOUAISS; VILLAR, 2009a):

Figura 8 – Verbetes *tristeza*

Fonte: Houaiss e Villar (2009a).

A pesquisa reversa contemplou todas as classes gramaticais; logo, para o presente trabalho, o recorte seguinte foi a escolha pela classe dos substantivos.

A partir de Houaiss e Villar (2001, 2009a, 2009b), a pesquisa foi complementada com a busca em outros dicionários, de orientação etimológica, para que se pudesse formular uma proposta etimológica mais completa. As opções de consulta foram em Bluteau (1713, 1716, 1720), Coelho (1890), Corominas (1983, [1961] 1987, 2012), Cunha ([1982] 2010, 2014), Ernout e Meillet ([1932] 2001), Faria (1943, [1956] 1962) e Silva e Bluteau (1789a; 1789b).

Com as buscas em dicionários distintos, seguiu-se a pesquisa, contrastando as acepções, as informações etimológicas e as datações de um mesmo substantivo entre eles, a fim de se constituir a base de uma proposta etimológica verossímil.

Realizou-se, então, uma comparação das entradas e das acepções dos étimos escolhidos nessas obras, a fim de se traçar um paralelo múltiplo entre as descrições dos verbetes. Além disso, em sincronias, partindo da atual rumo às pretéritas, foi possível observar as características comparáveis entre os vocábulos, como aspectos fonológicos e lexicográficos. Também se observou algumas palavras de outras línguas românicas, quando há cognatos, a fim de se apontar a característica de

panromânica ou não, além de verificar diferenças e/ou particularidades formais e semânticas que possam ter ocorrido no português.

Tal estudo permitiu um exercício de respostas às perguntas básicas da Etimologia, chegando a hipóteses verossímeis e possíveis: quando, onde e como surgiu cada palavra pesquisada. Para cada resposta, a investigação pede novas perguntas, com a intenção de se especificar, o máximo possível, o dado a ser proposto como hipótese etimológica.

Na sequência, a pesquisa seguiu para outros *corpora* digitais, a fim de indicar a primeira ocorrência, ou pelo menos a ocorrência mais remota conhecida, de cada vocábulo pesquisado, a partir de sua forma ortografia atual, sendo possível estabelecer uma data mais precisa de sua entrada, quando por empréstimo ou criação e, com isso, apontar seu étimo. Por meio dessa pesquisa, houve possibilidade de apresentar uma abonação mais confiável para cada uma das palavras.

Assim, o trabalho metodológico da Etimologia, como apontado, compreende a busca do *terminus a quo*, partindo-se das palavras selecionadas, conforme seu uso na sincronia atual na língua portuguesa. Nessa análise, foram aplicadas em suas diversas etapas outras ciências e vários ramos do saber que contribuem no alcance do máximo de confiabilidade possível para os resultados propostos, numa investigação por meio de pesquisa documental e, quando necessário, de termos cognatos em algumas línguas românicas antes de ser formulada qualquer hipótese etimológica.

Como informado, foram utilizados *corpora* com acesso *on-line*, como o *Corpus* de Textos Antigos (CTA), o *Corpus* Informatizado do Português Medieval (CIPM) e o *Corpus* do Português (CDP), bastante útil para a pesquisa, além do Vocabulário histórico-cronológico do português medieval (VHCPM).

Houve, também, pesquisa no acervo digitalizado do *Google Books* (GB)¹⁷, que contém obras desde o século XVI para serem pesquisadas, além de *corpora* de muitas universidades (brasileiras e estrangeiras), pois estes, de acordo com Freitas (2018), com frequência apontam uma obra com a data mais antiga que em outros *corpora*. Segundo a autora, cerca de 70% das abonações de sua pesquisa, constituída por

¹⁷ Deve-se ter uma conta no “Google” para, logo após o acesso, entrar no link “minha biblioteca” e, em seguida, “Pesquisa de livros avançada”, a fim de filtrar os dados e obter uma pesquisa mais precisa, como somente obras datadas – a serem conferidas em seu acesso.

2950 palavras, foram datadas e/ou retrodatadas de modo preciso por meio de obras digitalizadas no GB.

Conforme Viaro (2011, p. 291), “para o estudo etimológico, toda e qualquer pista advindas de outras áreas do conhecimento é muito útil. Uma vez levantada uma hipótese, é preciso buscar indícios para a confirmação do étimo”.

Trata-se, como observado, de um estudo com saberes de diversas áreas e que traz ao pesquisador a sensação de que nunca se conhece o bastante, o que, sem dúvida, é desafiador e permite que os frutos de uma pesquisa possam motivar inúmeras outras.

4.3. EXEMPLIFICANDO A METODOLOGIA

Para ilustrar a metodologia, será descrito um exemplo de sua aplicação a partir da escolha de uma palavra já finalizada, ou seja, será detalhada uma breve pesquisa sem a parte inicial de busca nos dicionários analógicos.

A fim de servir como demonstração, foi eleita a palavra *emoção*, hiperônimo¹⁸ de *tristeza*, cuja definição assim consta no Dicionário Houaiss (2001):

emoção s.f. 1. ato de deslocar, movimentar; 2. agitação de sentimentos; abalo afetivo ou moral; turbacão, comoção; 2.1. PSIC reação orgânica de intensidade e duração variáveis, ger. acompanhada de alterações respiratórias, circulatórias etc. e de grande excitação mental. GRAM acp. 2 foi consid. gal. pelos puristas, que sugeriram em seu lugar: comoção, abalo.

ETIM fr. *émotion* (1475) 'perturbação moral', der. de *émouvoir*, este do fr.ant. *motion*, der. do lat. *motio* 'movimento, perturbação (de febre)'; ver *mov-*. (p. 1123)

A palavra *emoção*, segundo Houaiss e Villar (2001), e Cunha ([1982] 2010, 2014), entrou no léxico português a partir do francês *émotion*, derivado, na sincronia inicial, do latim *emotio*.

Emotio, por sua vez, significava “movimento para fora” e formou-se do particípio *emotus* (particípio do verbo *emovere*), composto de *motus* (particípio do verbo *movere*), precedido da partícula *ex-*, com sentido de “de dentro para fora”, em clara

¹⁸ Considera-se nesta pesquisa “hiperônimo” o termo que define um campo lexical, pertencente ao mesmo campo semântico de outra, mas com o sentido mais abrangente, podendo ter várias possibilidades para um único hipônimo (BARBOSA, [1981] 1990).

oposição a *in-* (assim como *ab-* “para longe” se opõe a *ad-* “para perto”, de acordo com Ernout e Meillet ([1932] 2001, p. 203).

Movere consta como verbete em Faria ([1956] 1962), assim descrito:

mōvēō, -ēs, -ēre, mōvi, mōtum, v. tr. I – Sent. Próprio: 1) Por em movimento, mover, pôr-se em movimento, mover-se, agitar, agitar-se (sent. físico e moral) (Cíc. Tusc. 1, 53); (T. Lív. 35, 40, 7); (Cíc. Dej. 5). Daí: 2) Afastar, tirar de, deslocar, despejar (Cíc. Verr. 1, 116); (Cíc. Of. 3, 76) – II – sent. figurado: 3) Excitar, provocar, causar (Cíc. At. 6, 3, 7); (Cíc. De Or. 1, 228). 4) Impressionar, causar impressão, comover, abalar (T. Lív. 3, 20, 1); (Cíc. At. 7, 3, 6). 5) Perturbar, irritar, encolerizar (T. Lív. 25, 26, 7). 6) Impelir, lançar a (T. Lív. 35, 12, 5). 7) Produzir, manifestar. (p. 623)

Importante também reproduzir as acepções do mesmo autor para a partícula *ex-*:

ex, e, ec, prep. e prevérbio. I – Indica ponto de partida (sent. local): 1) Do interior de, de (com ideia de movimento de dentro para fora) [...] Como preposição, o emprego de **ex** obedece às mesmas regras enumeradas para o emprego de **ex** prevérbio, sendo, porém, de se notar que são estas menos estritas, sendo a forma **ex** a preferida na língua falada e de uso corrente na língua escrita. (FARIA, [1956] 1962, p. 363-364).

A partir da pesquisa da etimologia de *emoção*, é possível verificar, em sua origem, uma imagem concreta, que expressa o movimento de algo interno para fora, a fim de sair de um estado de tranquilidade para outro diferente. Essa imagem está prevista pelo ato de deslocar e movimentar presente na primeira acepção do termo, como descrito em Houaiss e Villar (2001). Cunha ([1982] 2010) traz também a acepção de “abalo moral”. Sem dúvida, nada mais concreto do que a mudança de situação causada por uma emoção.

O passo seguinte é confirmar a datação proposta por Houaiss e Villar (2001), ou propor uma outra datação, anterior ou mais exata. Houaiss propõe o século XVIII como datação de *emoção* na língua portuguesa, a partir de Silva e Bluteau (1789b).

Já a pesquisa no *Google Books* apontou o termo na microestrutura do verbete “ovo”, referente ao volume 7 do *Vocabulario portuguez & latino*, de Bluteau (1720) (Figura 9).

Figura 9 – Trecho resultante de pesquisa da palavra *emoção*

Fonte: Bluteau (1720).

Segue a reprodução da capa da obra como resultado mais antigo para *emoção*:

Figura 10 – Página de rosto da obra *Vocabulario portuguez & latino [...]* - Volume 7

Fonte: Bluteau (1720).

Ao se clicar em “acerca deste livro”, a busca no *Google Books* traz as informações bibliográficas que tornam os resultados confiáveis, como a identificação do local da obra original e a data de digitalização:

Figura 11 – Informações bibliográficas da obra digitalizada *Vocabulario portuguez & latino [...] - Volume 7*

Informação bibliográfica	
Título	Vocabulario portuguez & latino ..., Volume 7
Autor	Rafael Bluteau
Editora	na officina de Pascoal da Sylva, 1720
Original de	a Universidade Complutense de Madrid
Digitalizado	28 Abr 2011
Número de páginas	839 páginas

Fonte: *Google Books* (s. d).

Assim, pode ser proposta ao menos uma datação mais exata para a ocorrência de *emoção*, no português: 1720 por esta pesquisa, no lugar do século XVIII (HOUAISS; VILLAR, 2001). Os outros *corpora* não trouxeram resultados relevantes com data anteriores a esta encontrada na pesquisa pelo *Google Books*, por isso este é o resultado de retrodatação proposto.

Para o desenvolvimento das propostas etimológicas das vinte palavras elencadas para a presente pesquisa, a exemplo do que foi ilustrado em *emoção*, cada uma será apresentada em um tópico específico, no qual serão descritos o termo correspondente em latim, os metaplasmos observados, as informações encontradas nos dicionários de consulta e subsídios oriundos de pesquisas anteriores e atuais, inclusive a datação, a fim de determinar a ocorrência mais antiga encontrada nos *corpora* pesquisados.

5 HIPÓTESES ETIMOLÓGICAS

Uma pequena lista de palavras foi escolhida, tendo como critério de escolha o recorte dos termos pela acepção de “tristeza”, como informado, por meio da delimitação dos substantivos abstratos que teriam se originado do latim e constituem o léxico do português. Como apontado, “tristeza” é o hiperônimo que perpassa todas as palavras desta investigação, conforme indicação dos critérios para estabelecimento da lista das palavras pesquisadas, descritos na metodologia desta pesquisa.

Os vocábulos estudados são os seguintes:

i.	<i>aflição</i>	xi.	<i>melancolia</i>
ii.	<i>agonia</i>	xii.	<i>náusea</i>
iii.	<i>angústia</i>	xiii.	<i>nojo</i>
iv.	<i>ansiedade</i>	xiv.	<i>obsessão</i>
v.	<i>aversão</i>	xv.	<i>ressentimento</i>
vi.	<i>decepção</i>	xvi.	<i>sofrimento</i>
vii.	<i>enfado</i>	xvii.	<i>solidão</i>
viii.	<i>insatisfação</i>	xviii.	<i>submissão</i>
ix.	<i>lamento</i>	xix.	<i>suplício</i>
x.	<i>mágoa</i>	xx.	<i>tristeza</i>

Cabem ainda mais algumas informações acerca do processo de escolha das palavras, complementando os critérios elencados: foram preferidos os vocábulos que não fossem formados por prefixação simples, visto que o rol de possibilidades para palavras com acepção de “tristeza” formadas a partir da prefixação em *des-* ou *in-* é extenso: *desamor*, *desânimo*, *desencanto*, *desesperança*, *desilusão*, *desolamento*, *desrespeito*, *incômodo*, *inconstância*, *indignação*, *infelicidade*, *infidelidade* etc. Verifica-se que tais palavras têm o prefixo como elemento semântico que altera o significado da forma à qual se unem para formar uma outra, dotada de sentido oposto, negativo, de retrocesso ou de reforço da ideia.

Nesta pesquisa, contudo, mantivemos três exceções: *insatisfação*, formada por meio do prefixo *in-*, comum para negação, obtendo-se assim um sentido antônimo, *ressentimento*, criada pelo prefixo *re-*, que indica a ideia de “para trás”, “retorno”, e

submissão, baseada no prefixo *sub-*, com sentido de “embaixo, para baixo”. Há, ainda, outras que, embora não de forma evidente, carregam sentidos mais opacos no afixo, como *decepção*. A opacidade morfológica da prefixação é particularmente interessante a estudos diacrônicos, como se observa especialmente em *nojo*. Optou-se, portanto, por incluir *insatisfação*, *ressentimento* e *submissão* para se ilustrar também esse processo de formação.

Ainda que não haja um recorte de palavras derivadas por determinado afixo, verificou-se que a maioria se formou por processos dinâmicos da língua, sejam por composição ou por derivação, como sufixos e prefixos, ferramentas linguísticas apontadas e analisadas como parte do estudo etimológico. Além disso, focou-se prioritariamente no recorte semântico que a palavra apresenta. Essa intenção foi definida para evitar a pesquisa de palavras com prefixos e/ou sufixos repetidos. Nesse caso, a pesquisa seria orientada para um estudo específico desses elementos de formação derivativa, passando a ter um recorte morfológico e contribuindo com outras pesquisas dessa temática já desenvolvidas por pesquisadores, como Freitas (2008; 2013; 2018), Areán-García (2007; 2011), Gonçalves (2009), Lacotiz (2007), Santos (2016).

Feitas as devidas observações e ressalvas, seguem as hipóteses etimológicas propostas para as palavras elencadas, em ordem alfabética, com suas respectivas análises e referências.

5.1 AFLIÇÃO

Do latim *afflictio*, *ōnis*, de *afflictus*, particípio passado de *affligere*, termo composto por *ad+flīctiō*.

Corominas ([1961] 1987, p. 30) discorre sobre o termo *afligir*, vindo do latim *affligere*, trazendo como sentido “golpear contra algo”, “abater”. Também do sentido físico de “abater”, que é “derrubar, prostrar, fazer cair por terra”, conforme Cunha ([1982] 2010, p. 2), há um indício do campo semântico originário de aflição: “abater a caça”, por exemplo, poderia significar “derrubá-la” para em seguida “arrastá-la”.

Ernout e Meillet ([1932] 2001, p. 240) dispõem sobre o termo no verbete *fligō*, *-is*, *xī*, *-ctum*, *-ere*, com sentido de “bater”, e consideram a forma como muito rara e arcaica, mesmo *flīctus*, *-ūs*, com sentido de “choque, golpe”, ao contrário das formas compostas

por prevérbios, que são muito mais comuns, como *af-fligō*, com sentido físico e moral de “abater” e *afflictus*, *-ūs*, *afflictio*, considerado pelos autores como “raros e tardios”.

Em Houaiss e Villar (2001, p. 104), o verbete *aflição* tem as acepções: “1 estado daquele que está aflito; 2 sentimento persistente de dor física ou moral; ânsia, agonia, angústia; 3 profundo sofrimento”. Remete à entrada do elemento morfológico *-flig-*, na mesma obra, que aqui segue reproduzido integralmente:

-flig- el.*comp.* interpositivo, do v. lat. *fligo, is, flixi, flictum, fligēre* 'bater', raro e arcaico, com cognatos como *flictus, us* 'choque, golpe'; o v. *affligo* (< ad + *fligo*) 'abater (física e moralmente)' - donde *afflictus, us* 'embate, choque', *afflictio, ōnis* 'dor, sofrimento, tormento'; o v. *affligo, as, āvi, ātum, āre*, intensivo de *affligo*; o v. *confligo* 'bater-se; opor-se; combater' - donde *conflictus, us* 'choque, combate, ataque', raro; o v. *conflicto, as*; o v. *effligo* 'abater'; o v. *infligo* 'bater contra, lançar contra, infligir'; o v. *profligo* 'abater, acabar, arruinar'; a cognação port. é de cultismos, do sXIV em diante: *aflição*, *afligente*, *afligido*, *afligidor*, *afligimento*, *afligir*, *aflitivo*, *aflito*; *conflitado*, *conflitante*, *conflitar*, *conflitável*, *conflito*, *conflituosidade*, *conflituoso*; *infiliação/infilicção*, *infiligido*, *infiligidor*, *infiligir*; *profligação*, *profligado*, *profligador*, *profligamento*, *profligante*, *profligar*, *profligável*; *sobreafligido*, *sobreafligir*. (HOUAISS; VILLAR, 2001, p. 1357).

O prefixo *ad-* junta-se ao substantivo *flictus*, marcando-lhe o sentido e dando a ideia de “aproximação para o início de uma ação” de “algo sobre alguém”, *ad* + *flictus* → *afflictus* → *afflictio*.

O *aflito* é, então, aquele que sente tal choque, conforme a origem da palavra, isto é, “o arremessado, despedaçado, abatido” (HOUAISS; VILLAR, 2001, p. 104). Com prefixos diferentes, o sentido sofre variações sutis, porém importantes, como em *conflito*, por exemplo, que tem significado similar a *combate*, o bater em conjunto, generalizado, de uma batalha, enquanto *infligir* é lançar algo contra alguém, ao passo que *afligir* é o abatimento do aflito pela *aflição*.

Em Faria ([1956] 1962, p. 49), consta:

afflictō (adflictō), -ās, -āre, -āvi, -atum, v. tr.intens. I — Sent. próprio: 1) Afligir muito, bater com violência, arrastar (Cés. B. Gal. 4, 29, 2). II — Sent. figurado: 2) Perturbar, inquietar, atormentar, vexar, abater (Tác. Hist.4, 79). 3) afflictare se (refl.) ou afflictari(pass.): cair em desânimo, afligir-se, estar sucumbido, estar doente de corpo e de espírito (Sal. C. Cat. 31, 3).

A dor física e específica a que se refere *aflição*, no sentido originário do termo, parece não ser apenas a de um golpe, como um soco, por exemplo. Trata-se de uma dor muito mais perturbadora e que reverbera, de uma violência extrema,

assemelhando-se a um flagelo. Assim, a acepção “arrastar”, referida por Faria ([1956] 1962) faz-se muito reveladora, pois leva a entender a *aflição* como a dor advinda de uma violência de intensidade muito grande: é o golpe e o arrastar a vítima golpeada, reverberando o sofrimento.

Com tais informações encontradas e relacionadas, o aspecto concreto da origem de *aflição* se torna mais evidente.

Sobre a datação, Houaiss e Villar (2001) remetem ao *Índice do vocabulário do português medieval (IVPM)*, de Antonio Geraldo da Cunha (1966)¹⁹, indicando a entrada do vocábulo em português no século XIV. Entretanto, uma pesquisa mais acurada com os documentos antigos digitalizados a revela um século antes. A busca no *Corpus Informatizado do Português Medieval (CIPM)* teve como resultado uma ocorrência de *aflição*, na forma *afliçom*, em um texto digitalizado com datação indicada entre os séculos XIII e XIV:

E ela como ëtrou lançou-sse em terra e jazendo e teendo os pees do sancto bispo Nono e sua cabeça cuberta de ciinza, fortes vozes e grandes de muy gram door e de afliçom e choros dando, os pees do sancto bispo Nono regava e molhava e com seos cabelos os alinpava, e com grandes vozes ao bispo dizia²⁰. (CIPM, grifo nosso)

Com tal resultado, pode ser proposta uma retrodação indicada entre os séculos XIII e XIV para o item lexical *aflição*.

5.2 AGONIA

Do latim *agōnīa*, derivado do grego *ἀγωνία*.

Para Houaiss e Villar (2001, p. 117), sua primeira acepção é da medicina, com mesmo sentido, bastante concreto, por sinal, de “estertor”, definido por “respiração ruidosa dos moribundos”, vindo do latim *stert-* (< *lat. sterto, is, ŭi, ěre* “ressonar dormindo; dormir profundamente”) + *-or*.

¹⁹ O nome atual da obra é *Vocabulário histórico-cronológico do português medieval (VHCPM)* e será referenciada como tal neste trabalho, a partir da disponibilidade do conteúdo integral *on-line*.

²⁰ *Vidas de Santos de um Manuscrito Alcobacense*. Fólio 78v. Disponível em: <https://cipm.fcsh.unl.pt/corpus/texto.jsp?t=d&id=11800>. Acesso em 23 jan. 2021.

Faria ([1956] 1962, p. 54) define *agōn*, -ōnis, substantivo masculino, como “luta, combate (nos jogos públicos) (Plin. Ep. 4, 22, 1)”, enquanto Corominas ([1961] 1987, p. 31) refere-se ao termo como derivado de *agon*, com sentido de “reunião, luta”.

Embora muitas vezes confunda-se *agonia* com *angústia*, a pesquisa revelou que *agonia* tem outra raiz, originando-se do grego *ἀγών*, com sentido de “reunião, assembleia; encontro, luta, batalha, disputa; situação difícil, medo profundo”, e pode ser entendida também como a “luta final contra a morte”, o instante final de vida antes da morte.

Essa imagem está presente, por exemplo, na reportagem postada da Internet intitulada *Aos 35 anos de vida, o CD agoniza no mercado fonográfico, mas não morre*²¹, em que se explora um conteúdo semântico figurado, porém de origem concreta. Em outro texto, de cunho médico, cujo título é *Reflexões sobre o estado de agonia em pacientes em fase final de vida*²², o termo está usado no sentido estrito.

Em latim, as formas *agōnīa*, -ōrum remetem à *Agonalīa*, -īum (-īorum) ou *Agonais*, “festas em honra de Jano” (FARIA, [1956] 1962, p. 54), deus considerado “porteiro celestial”. Há, ainda, a acepção de Houaiss e Villar (2001, p. 117) para *agonia* na música: “toque especial do sino para anunciar aos fiéis a morte de alguém”. Por sua vez, Ernout e Meillet ([1932] 2001) referem-se à *agonia* como termo advindo de “empréstimo de época baixa, especialmente na língua da Igreja”²³ (p. 18, tradução nossa) de origem grega, com sentido de “distúrbio”. Nesse sentido, por ser um empréstimo, não sofreu alterações em sua forma.

O item lexical *agonia* distancia-se, em sua origem, de *angústia*, tal qual informado, apesar da similaridade dos usos de uma forma pela outra, e abarca alguns sentidos figurados do conteúdo semântico de *angústia*, certamente pelo hiperônimo comum, “sofrimento”. Distinguem-se porque a *agonia*, como visto, antecede a morte, o fim, e a *angústia*, que se relaciona com o significado de *ansiedade*, como será demonstrado, traz o aperto no peito, a sensação de estreitamento, de ânsia, provenientes de outra raiz latina, e que pode passar se o que causá-la for resolvido. Já a *agonia* não passa, ela é prelúdio do fim, o quase término, o último sopro de vida.

²¹ Disponível em: <http://g1.globo.com/musica/blog/mauro-ferreira/post/aos-35-anos-de-vida-o-cd-agoniza-no-mercado-fonografico-mas-nao-morre.html>. Acesso em 23 jan. 2021.

²² Disponível em: <https://pebmed.com.br/reflexoes-sobre-o-estado-de-agonia-em-pacientes-terminais/>. Acesso em: 23 jan. 2021.

²³ *emprunt que apparaît à basse époque, et surtout dans la langue de l'Église.*

Um exame mais profundo do termo exigiria o resgate da origem grega; entretanto, colhendo as acepções expostas neste trabalho, é possível esclarecer melhor os conteúdos semânticos concretos do vocábulo.

Com relação à datação, a pesquisa mostrou que no *Corpus* do Português há o vocábulo já entre os anos de 1209 e 1285, conforme trecho:

[...] Foy huum varom de vida provada e de competente sabedoria, o qual, enviado a Espanha por o capitullo geeral em o ofiço de vissitador, em na execucom de seu ofiço, em hum pequeno convento emcorreo em muy grave emfirmidade de morte. E estamdo soo em no leito, feito em **agonia**, esto he, fora de ssy, foy levado por o angeo a juizo deamte Deus, adomde toda a Trindade, seguundo a elle pareçia, estava em huum paaço solenemente. E emtonçe disse o angeo ao Senhor, o qual se manifestava ao que o via seer huum em essençia e trino em persoas: Senhor, eu vos ofereço este, que lhe seja dada a coroa devida, porque os seus mereçimentos som compridos. E parcçialhe que as persoas divinaes quasy de algũa coussa falassem amtre sy. (CDP)

Será mantida a indicação cronológica, não precisa (intervalo de data), conforme o *Corpus* do Português. Ainda, a obra citada pode ser confirmada, assim como sua data, pois se trata de manuscrito do século XIII, denominado *Crónica da Ordem dos Frades Menores (1209-1285)*, publicado em 1918 por José Joaquim Nunes e disponibilizada em versão digital na internet²⁴, trazendo a mesma datação informada pelo *Corpus* do Português.

Assim, esta pesquisa retrodatou para 1209-1285 a proposta confusa de Houaiss e Villar (2001), que indica para o verbete o século XV como a data de entrada registrada, baseada no VHCPM (CUNHA, 2014); entretanto, ambas as obras referenciam o manuscrito (1209-1285), o que demonstra um equívoco cronológico, em razão de ser do século XIII, ou seja, dois séculos antes.

5.3 ANGÚSTIA

Proveniente da forma latina *angŭstia*, conforme Cunha ([1982] 2010, p. 41), da raiz *ang-* ou *anc-*.

²⁴ Edição fac-símile da *Crónica da Ordem dos Frades Menores* disponibilizada pela Digitalis, projeto para difusão de conteúdos digitais da Universidade de Coimbra. Disponível em: <http://hdl.handle.net/10316.2/3257>. Acesso em 1 mar. 2020.

Essa raiz *ang-* ou *anc-* tem acepções que, na formação das palavras que expressam tais emoções, trazem, de fato, a imagem concreta do sentimento experimentado sob a força de tais emoções.

Segue a descrição das acepções de *ang-* feita por Houaiss e Villar (2001):

ang- *el.comp.* antepositivo, do v.lat. *ango*, -is, -xī, *anctum*, *angēre* 'estreitar, oprimir, apertar (a garganta)'; atestado em todas as épocas; mas *anxī* e *anctus* só ocorrem nos gramáticos; *ango* diz-se do físico e do moral; duplo sentido que se encontra nos subst. der. *angor*, *ōris*, masc., 'angina, esquinência, doença da garganta; aflição, angústia, agonia, tormento'; *angustus*, a, um 'estreito, apertado, acanhado, fechado'; *angustīa*, *ae*, empregado sobretudo no pl. *angustiae*, *ārum* como 'desfiladeiros, gargantas' e depois, no moral, 'dificuldade, embaraço, opressão' e, na linguagem da Igreja, 'angústia(s)'; daí, *angusto*, *as* e *angustīo*, *as* (b.-lat.), **angustiosus* (it. *angoscioso*, fr.ant. *angoisseus*, provç. *angoisos*); *co(a)ngustus*, *co(a)ngusto*, *as*; *congustia* > esp. *congoja*; *angustus* figura como primeiro el. comp. em *angusticlāvus*, *angusticlavius* (em oposição a *laticlāvus*); *anxīus*, com sentido passivo, 'ansioso, angustiado', e ativo 'angustiante'; o fem. *anxīa*, *ae* b.-lat. e românico (it. *ansia*, logd. *ansa*, fr.ant. *ainse*, provç. *aisa*, cat. esp. port. *ansia*; derivados: *anxiētas*, *ātis* e *anxitūdo*, *īnis*; *anxiōsus*, *anxīo*, *as*, *anxīor* (lat. ecl.) e *anxīfer* (poét.). (p. 216)

As mesmas informações dispostas por Houaiss e Villar (2001) estão presentes também em Ernout e Meillet ([1932] 2001, p. 33), ao descreverem o verbete “*angō*, -is, -xī, *anctum*, -ere” com acepção de “estreitar, oprimir, apertar (a garganta)”.

Há também o plural *angustiae*, *ārum*, “desfiladeiros, gargantas”, para designar formações rochosas que indicam estreitamento do espaço, formas plurais mais comuns que a forma singular, segundo Faria ([1956] 1962, p. 77), e também *angustare* com sentido de “apertar”, e daí *angustus*, *angustiae*, *angusta*, -orum, sempre com o conteúdo semântico de “estreitar”, “apertar” como primeira acepção (HOUAISS; VILLAR, 2001, p. 220). Em Faria, ([1956] 1962, p. 77):

angŭstō, -ās, -āre, -āvi, -ātum, v. tr. Sent. próprio e figurado: 1) Tornar estreito, estreitar, apertar (Catul. 64, 359); (Cíc Rep. 6, 21). Daí: 2) Restringir, reduzir (Sén. Tranq. 8, 9.) angustum, -i, subs. n. e angŭsta, -ōrum, n. pl. — Sent. próprio: 1) Espaço estreito (T. Lív. 27, 46, 2). II — Sent. figurado: 2) Situação crítica ou difícil, perigo: *res in angusto est* (Cés. B. Gal. 2, 25, 1) “o negócio está em situação crítica”. Na língua poética: 3) Augusta (n. pl.): estreiteza (Verg. En. 2, 332).

Com relação à datação de *angústia*, a pesquisa localizou uma ocorrência mais precisa à da datação proposta por Houaiss e Villar (2001), tida para o século XIV. Em pesquisa ao *Corpus* de Textos Antigos, o resultado encontrado foi que *angústia* teria

entrado no léxico português inicialmente em uma tradução de 1300-1325 do texto castelhano do 3º livro da obra hagiográfica de Bernardo de Brihuega, *Genesi Alfonsii*, composta entre 1260 e 1280, com testemunho datado de 1513:

[...] E de como asaz vezes soya com seus criados sajir la fora Jesu. eestar hi com eles. Disse emtom Jhesu a seus discipolos. Ficay vos outros aqui. ataa que eu vaa. e faça oraçon. E tomados cõsigo Pedro. e osdous filhos do zebedeu. começou de se emtristeçer e hauer temor e **angustia**. e disse lhes. Triste he ha minha alma atee a morte. Soffrey voshuũ pouco. e vellay comigo. E afastou se deles obra de huũ tiro de pedra. e em chegando la estemdeo se em terra: posto o rosto em o chaão. E disse. (CTA)

A pesquisa comprovou a datação proposta por Houaiss e Villar (2001), século XIV, e indicou o período de 1300 a 1325 para a entrada do termo no português, a partir do texto apontado, a fim de precisar uma data para a primeira ocorrência da palavra.

5.4 ANSIEDADE

Ansiedade é um cultismo derivado da forma latina *anxiētās*, *-ātis*, conforme Cunha ([1982] 2010), com mesma raiz de *angústia*, a saber, *ang-* ou *anc-*, podendo ser relacionada ao termo anterior.

Em *anxia*, *anxietudo* e *anxietas* temos a mesma raiz *ang-* ou *anc-*, mais antiga: **anc-sia > anxia*, segundo Bassetto (2005) relata:

Assim, de *ango*, *anxi*, “apertar”, “estreitar”, o latim literário derivou *anxietas*, encontrado por exemplo em Cícero (*Tusc.* 4,37) e *anxietudo* (Cícero, *De Rep.* 2,68). De *anxietatem* há em port. *ansiedade*, cast. *ansiedad*, fr. *anxiété*, it. *ansietà*; como se vê essas formas são eruditas e *posteriores*. As formas herdadas são it. *ansia*, log. *ansa*, fr.ant. *ainse*, cast. *ansia*, port. *ânsia*. (p. 66)

O latim clássico usava *anxius* como adjetivo, mas não conhecia *anxia*, criação vulgar e documentada num período mais recente, conforme indica Vidos (2001). Nesse sentido, defende-se a existência de *anxia* no latim vulgar devido à presença de formas correspondentes em todas as línguas românicas.

Corominas ([1961] 1987, p. 53) informa que *ansia* advém do latim tardio *anxīa*, derivado do latim *anxius*, *-a*, *-um*, com sentido de “ansioso”, tendo originado *ansiedade* por meio de sufixação.

A *ânsia* é o próprio sintoma físico de mal-estar causado pela “contração do epigástrico”, de acordo com Houaiss e Villar (2001, p. 228).

Verifica-se que a pesquisa sobre as palavras *angústia* e *ansiedade* poderia ser conjunta, visto que estão ligadas pelo mesmo radical *ang-* ou *anc-*, nas mais diversas acepções. Importante ressaltar o significado original concreto, o estreitamento, e deste, o aperto no peito e na garganta, a opressão iminente, remetendo a uma sensação clara de redução de espaço. São emoções cujas origens recuperam imagens muito nítidas, como a de um grande desfiladeiro, que traz a sensação do estreitamento, experimentado quando o sentimento é a *angústia* ou a *ansiedade*.

Por sua vez, a busca pelo vocábulo *ansiedade*, na forma arcaica *anxiedade*, retrodata a abonação do século XVI informada por Houaiss e Villar (2001), conforme pesquisa no *Corpus* do Português:

CAPITULO 106 Todas estas cousas que o nobre solitario dizia, houvira eu mui de grado, e o meu desejo era fazer vida apartada; mas os embargos me retinham, que a mi parecia que nom podia talhar assuadamente como ele dizia. Isto era porque nom queria leixar as riquezas, de que nacen os mais dos embargos; mas, reteendo-as, queria passar aa vida apartada, e porem o meu coraçom era em grande **anxiedade** e em grande pressa. (CDP)

A indicação da data (1400-1451) dada pelo *Corpus* do Português por meio do texto *Boosco deleytoso* segue a proposta de estudiosos que afirmam que a obra teria sido escrita entre fins do século XIV e início do XV.

A pesquisa encontrou o trecho citado pelo *Corpus* do Português na primeira publicação de *Boosco Deleytoso*, datada de 1515 e digitalizada pela Biblioteca Nacional de Portugal (CAMPOS, 1515) (Figura 12):

Figura 12 – Abonação de “ansiedade

Fonte: Campos (1515).

Houaiss e Villar (2001) apontam o século XVI (1562-1575) como datação para *ansiedade*. Esta pesquisa encontrou também a abonação apresentada em Campos (1515) a partir da ocorrência dada pelo *Corpus* do Português, que indica o intervalo de 1400-1451 como tendo sido o período para primeira ocorrência. A proposta de datação será, portanto, a data de 1400-1451, conforme o *Corpus* do Português.

5.5 AVERSÃO

Do latim *aversio*, *ōnis*, do verbo *avertēre*, significa literalmente "virar para o outro lado", "voltar, desviar", ou "afastamento, desgosto, ódio".

Há possibilidade de se relacionar, pela intersecção do campo semântico, *aversão* com *nojo*, que será mostrado posteriormente.

Convém explorar os sentidos do verbo *avertēre*, citando Faria ([1956] 1962, p. 124):

āvērtō (āvōrtō), -is, -ēre, -verti, aversum, v. tr. e intr. I — Sent. próprio A) Tr.: 1) Voltar para outro lado, desviar, afastar, repelir (Cíc. Nat. 2, 152). Daí: 2) Afastar o espírito, desviar a atenção (Cíc. Lae. 5). II — Sent. figurado: 3) Desviar, furtar, tirar, roubar (Cíc. Verr. 1, 11). 4) (Poético): Tirar, levar (Catul. 64, 5). B) Intr.: 5) Afastar-se (Verg. En. 1, 104). C) Passivo e depoente: 6) Voltar as costas, desviar-se de, evitar, fugir de, repelir (Cíc.Fam. 15, 4, 7). D) Reflexivo: 7) Voltar-se (Cíc. Phil. 5, 38).

Muitos outros termos derivam da forma verbal *vertēre*, com acepção de “voltar, virar”, em composição com prefixos que restringe diversos sentidos, como *inverter*, *inversão*; *converter*, *conversão*; *subverter*, *subversão*; *perverter*, *perversão* e outros descritos por Viaro (2011, p. 262).

Em Houaiss e Villar (2001, p. 357), há para *aversão* as seguintes acepções: “1 sentimento de repugnância em relação a pessoa ou coisa; repulsão, antipatia (tem a. a indivíduos prepotentes) (a. ao cigarro) 2 rancor, ódio (desenvolveu grande a. pelo padrasto)”.

O termo é formado pela partícula *ab-* (TORRINHA, s. d., p.94), que traz o sentido de afastamento, separação, distância, com ideia oposta a *ad-*, conforme Ernout e Meillet ([1932] 2001, p. 1), antecedendo em composição o verbo *vertēre*, do qual vem a imagem de se virar ao contrário daquilo que causa a aversão, ou seja, uma tentativa de não encarar o que causa o sentimento.

Na composição da palavra o *ab-*, passando a *ad-* para evitar o encontro **bv*, reforça o sentido de afastamento e distância que o verbo *vertēre* carrega, possivelmente se unindo de tal forma ao radical do termo, que passa despercebido. Talvez seja o conceito do qual se poderia ter originado a noção dos oponentes virados um contra o outro em posição de luta ou num duelo, de onde se pode concluir ter originado a ideia de “adversário”. Houaiss e Villar (2001) trazem as formas históricas *aduersaryo* e *auerssayro* com primeiras ocorrências no século XIV, tendo como fonte Cunha (2014).

O aspecto concreto da *aversão* reside, provavelmente, na imagem de virar o rosto no sentido contrário àquilo que é a causa de tal sentimento, tendo uma postura física muito bem delineada e presente para configurar o sentido dessa palavra.

Sobre a datação, Houaiss e Villar (2009b) informam que o verbete teve sua primeira abonação em 1598, conforme *Dicionário da língua portuguesa* (ACADEMIA DAS CIÊNCIAS DE LISBOA, [1793] 1993), informando a ocorrência em *Cartas de Japam*:

Figura 13 – Pesquisa da palavra “aversão”

Fonte: Academia das Ciências de Lisboa ([1793] 1993).

Figura 14 – Datação da palavra “aversão”

Fonte: Academia das Ciências de Lisboa ([1793] 1993).

Em pesquisa ao *Corpus* do Português, verifica-se texto de Fróis, missionário português no Japão, com intervalo de data de alguns anos antes da abonação de 1598, conforme reprodução a seguir:

[...] e em suas pregações ordinariamente dizem blasfemias contra a ley de Deos, para pôr **aversão** e fastio na gente a nossas couzas. Pela festa do Nascimento se confessaram todos, e os que estavam dispostos receberão o Santissimo Sacramento da Eucharistia, precedendo primeiro exhortação e praticas sobre aquelle divino mysterio. Historia do Japam 1 (1560-1580). (CDP)

Sobre a obra citada pelo *Corpus* do Português, na qual consta o termo pesquisado, foi possível obter informações mais detalhadas quanto sua autoria e data. Embora tenha sido redigida pelo jesuíta Luís Fróis no século XVI, foi publicada apenas no século XX²⁵. Assim, devido a certa confusão com as datas, a proposta para uma datação mais precisa recai sobre tal período, 1560-1580, retrodatando a proposta (1598) por Houaiss e Villar (2009b).

5.6 DECEPÇÃO

Decepção vem do latim *deceptio, ōnis* no sentido de “decepção, engano, dolo”, conforme Houaiss e Villar (2001).

A pesquisa desta palavra recupera a raiz latina *cap*, que, ainda de acordo com os autores, é um

elemento de composição antepositivo, do v. lat. *capio, is, cēpi, captum, capere* 'tomar, agarrar, pegar, apanhar, apoderar-se, apoderar-se; sofrer, padecer; ser impedido; ganhar, cativar, chamar a si, seduzir, enganar, iludir; escolher, eleger; conter, encerrar, levar; admitir, comportar; conceber, entender; ganhar, alcançar; chegar a, obter etc.' apresenta-se em lat. sob influxo da apofonia nas seguintes formas (e respectivos resultantes cultos em port.): [...] *decipio, is* 'enganar, lograr etc.', com os der.: (sXIX) *decepção, deceptonado, deceptonador, deceptonante, deceptonar, deceptonável, deceptivo, deceptório, decípico, decípio*. (p. 605)

Viaro (2004) esclarece que a raiz $\sqrt{cap}$ - e suas formas apofônicas $\sqrt{cep}$ -, $\sqrt{cip}$ - ou $\sqrt{cup}$ - teriam sido originadas em *capere*, com sentido de ‘pegar’, e que

²⁵ Conforme informações do *E-dicionário de Escrita de Viagens Portuguesa*, projeto da Universidade Nova de Lisboa. Disponível em <http://www.fcsh.unl.pt/devp/dictionary/historia-do-japao-luis-frois/>. Acesso em 23 jan. 2021.

[...] o particípio *captus* gera o radical $\sqrt{cap.t-}$ ou, por apofonia, $\sqrt{cep.t-}$. Em português essas raízes transformam o -p em -b: $\sqrt{cab-}$, $\sqrt{ceb-}$ ou em -i-: $\sqrt{cei.t-}$, às vezes caindo por síncope $\sqrt{ca.t-}$, $\sqrt{ce.t-}$, $\sqrt{ca-}$. Outras vezes é o -t do particípio que se transforma em -ç-: $\sqrt{cap.ç}$, $\sqrt{cep.ç}$, $\sqrt{cei.ç}$. (p. 61)

Para esclarecer, exemplifica ainda: “mas há coisas que, tão logo a pegamos, fogem de nossas mãos, caindo: isso gera a **decepção**” (VIARO, 2004, p. 63)²⁶.

O *de-* inicial é um afixo latino também comum na formação de palavras da língua portuguesa e aqui carrega o sentido negativo de decepção:

de-: tem o sentido básico de queda ou de descida, ou seja, “de cima para baixo” (*de.cair*), ampliado para “afastamento” (*de.mover*). Daí, como *ab-*, pode significar “repulsa” (afastamento voluntário: *de.testar*), “diminuição” (resultado do movimento de baixo para cima: *de.crescer*), “privação” (consequência do afastamento: *de.mente*), “intensidade” (decorrente da diminuição: *de.tonar*), “término” (decorrente da intensidade da privação: *de.belar*). (VIARO, 2004, p. 33)

Sobre a datação, Houaiss e Villar (2001) informam o ano de 1870, tendo como fonte o romance *A pata da gazela*, de José de Alencar. A pesquisa pelo item lexical *decepção* no *Google Books* resultou em uma ocorrência na obra de Noronha (1718) (Figura 15).

Figura 15 – Pesquisa da palavra “decepção”

Fonte: Noronha (1718).

²⁶ O trecho citado faz parte de uma história fictícia, protagonizada por Numásio, personagem de Viaro (2004), criado para tornar mais didáticas e acessíveis as explicações linguísticas presentes na obra.

A seguir, ilustração da página de rosto da obra comprova a proposta de retrodatação para 1718 na pesquisa realizada:

Figura 16 – Capa da obra *Nova arte de conceitos [...] primeyra parte*

Fonte: Noronha (1718).

Dessa forma, a pesquisa do item lexical *decepção* propõe como datação o ano de 1718, no lugar da data de 1870 proposta por Houaiss e Villar (2001), retrodatando-a mais de um século.

5.7 ENFADO

Para buscar o étimo de *enfado*, a pesquisa partiu de outro item lexical, *fado*, proveniente de *fātum*, substantivo neutro, com sentido de “destino”, possivelmente originado de *fātus*, -a, -um, particípio passado do mesmo verbo *fari* “falar”, “dizer”, conforme Faria ([1956] 1962, p. 391). *Fari*, ainda segundo o mesmo autor, tem como

acepção “celebrar, contar, predizer, profetizar” e apresenta-se como *fatū* na forma supino e tempos do *perfectum* (p. 406).

Na tentativa de reconstituição do étimo de *enfado*, considera-se, como hipótese talvez possível, o termo proveniente da composição *en-* + *fado*, com o afixo *en-*, prefixo com sentido de “(para) dentro” (do latim *in-*, oposto a *ex-*). Novamente, é possível notar nessa proposta que o prefixo tem papel fundamental na constituição semântica do termo.

Enfado trata-se de um verbete de origem controversa, segundo adverte Cunha ([1982] 2010, p. 245) ao descrever o verbete “enfadar”, no qual inclui *enfado*. Portanto, deve-se ter cautela sobre as conclusões da pesquisa acerca de sua origem e de suas transformações históricas.

Como a etimologia deve levar em conta preferentemente fatores que podem ser comprovados, é mais prudente tomar *fātum* como proveniente de *fari*, no particípio passado. O particípio latino é a conjugação verbal da qual muitas palavras derivam, conforme Viaro (2004):

[...] o *particípio*, corrente quando se aprende conjugação dos verbos em português. Trata-se de uma forma nominal, isto é, um verbo que tem comportamento de adjetivo ou substantivo [...]. O particípio do português termina normalmente em *-ado* ou *-ido*, mas há formas irregulares como *visto*, *posto*, *vindo* etc. [...] (p. 23)

Viaro (2004) continua ainda sobre o tema do particípio:

O particípio passado também é responsável por um sem-número de radicais, muitas vezes originados de formas irregulares latinas. Talvez o capítulo dos particípios devesse ser o primeiro a ser tratado pelos professores de latim, dada a quantidade imensa de palavras que podem gerar em português. (p. 24)

O étimo *fātum*, no sentido de “destino”, é convincente, quando se estudam outros itens lexicais, como *fatal*, do latim *fātālis*, conforme observam detalhadamente Ernout e Meillet ([1932] 2001, p.220) ao descreverem *fātum*, *-i*.

Corominas ([1961] 1987, p. 233) cita o verbete “enfadar”, em castelhano, de origem galego-portuguesa, como derivado de *fado*, com sentido de “destino”: “especialmente o desfavorável, provavelmente no sentido de 'entregar-se à fatalidade', 'ceder a ela e desculpar-se com ela'”, e prossegue, dizendo-nos que “em castelhano *enfadar* significou apenas aborrecer, fastiar, cansar”.

Enfadar, 1495 (raro hasta fines del S. XVI). Del gallegoportugués, donde enfadar-se, S. XIII, significaba em la Edad Media ‘desalentarse’, ‘cansarse’, ‘aburrirse’, y parece ser derivado de *fado* ‘hado’, probablemente em el sentido de ‘entregarse a la fatalidad’, ‘ceder a ella y disculpase com ella’; em castellano *enfadar* significó sólo ‘aburrir, hastiar, cansar’ hasta al S. XVIII, en que de ahí pasó a usurpar el sentido de *enojar*, vocablo que es todavia casi el único empleado em América.

Deriv. **Enfado**, med. S. XVI; *enfadoso*, 1570. *Desenfadar* ‘distraes, entretener’, 1495 (1400 em autor aportuguesado); *desenfado* ‘desembarazo’, 1495.²⁷ (p. 233)

É possível ainda relacionar o significado de *fado* como música lamentosa, que trata dos desalentos da vida. Daí o *enfado* como a “entrega ao destino”, restringindo o sentido para o negativo, a “sensação de tédio, de fadiga espiritual; mal-estar causado por algo que enfada ou entendia”, conforme Houaiss e Villar (2001, p. 1143).

Houaiss e Villar (2001) informam que *enfado*, da forma histórica *enfado*, teria surgido como parte do léxico português entre os anos 1450-1516²⁸. O verbo “enfadar” tem como datação, também em Houaiss e Villar (2001), o século XIII, com base em Cunha (2014). Se for considerada como mais provável a hipótese de que *enfado* seria uma derivação regressiva de “enfadar”, assim como Corominas ([1961] 1987) indica no verbete reproduzido anteriormente, a ocorrência de *enfado* em português pode ser anterior ao período de 1450-1516.

As buscas nos *corpora* digitais não foram bem-sucedidas, pois a pesquisadora não encontrou ocorrências anteriores a essa data, apenas ocorrências posteriores, como a que consta na obra *Tratado das operaçoens de cirurgia: com as figuras, e descripçam dos instrumentos de que nellas se faz uso, e huma introducçam sobre a natureza e methodo de tratar as feridas, abscessos e chagas* (SHARP, 1546), traduzida do inglês, com o mesmo uso (na medicina) que Corominas ([1961] 1987) aponta:

²⁷ “Enfadar, 1495 (raro até o final do século XVI). Do galego-português, onde enfadar-se, S. XIII, significava na Idade Média ‘desanimar’, ‘cansar-se’, ‘aborrecer-se’, e parece derivar do *fado* ‘destino’, provavelmente no sentido de ‘rendição à fatalidade’, ‘ceder a ela e desculpar-se com ela’; Em castelhano, *enfadar* significava apenas “enfadonho, entediado, cansado” até o S. XVIII, quando a partir daí passou a usurpar o sentido de *enojar*, palavra que ainda é quase a única usada na América. Deriv. *Enfado*, med. S. XVI; *enfadoso*, 1570. *Desenfadar* ‘distrair, entreter’, 1495 (1400 em autor aportuguesado); *desenfado* ‘desembaraço’, 1495” (tradução nossa).

²⁸ Os autores indicam a seguinte obra para a datação proposta, não encontrada nesta pesquisa: RESENDE, G. *Cancioneiro geral*. [1450-1516]. Nova edição preparada por A. J. Gonçalves Guimarães. Coimbra: Imp. da Universidade, 1910-1917.

Figura 17 – Pesquisa da palavra “enfado”

Fonte: Sharp (1546).

Figura 18 – Capa da obra *Tratado das operações de cirurgia* [...]

Fonte: Sharp (1546).

Dessa maneira, fica mantida a datação proposta por Houaiss e Villar (2001): 1450-1516.

5.8 INSATISFAÇÃO

Insatisfação é uma palavra composta pelo prefixo *in-*+ *satisfação*.

O *in-*, com sentido básico de “negação” (VIARO, 2004, p. 35), é um afixo com uso profícuo na formação de palavras, o qual se une à “satisfação”, do latim *satisfactiō -ōnis*, de acordo com Cunha ([1982] 2010, p. 584). A forma é notadamente uma justaposição formada por meio do advérbio *satis* unido à forma verbal *factiō*, conforme Houaiss e Villar (2001). Nessa palavra, o processo de formação uniu uma justaposição a uma prefixação. A pesquisa seguirá a história de *satisfação*, sentido mais evidente da palavra, que, com a prefixação em *-in* é negado, passando a seu oposto.

Em Faria ([1956] 1962, p. 893) há a descrição do termo *satisfactiō -ōnis*: “subs. f. I – Sent. próprio: 1) Satisfação, reparação (Tác. Germ. 21). Daí: 2) Excusa, justificação, confissão pública de um crime”. Convém observar atentamente o advérbio *satis*, que forma “satisfação” juntamente com uma forma verbal, e tem como acepções: “1) Suficientemente, suficiente, bastante, muito (Cíc. Or. 125); (Cíc. Amer. 150). 2) De modo satisfatório, bem, muito bem (Cíc. Br. 147). 3) De modo suficiente, passavelmente (Cíc. At. 2, 19, 4); (Cíc. Of. 89)” (FARIA, [1956] 1962, p. 893).

Ernout e Meillet ([1932] 2001, p. 596, tradução nossa) trazem *satisfactiō* no interior do verbete *satis*, afirmando que esse advérbio “junta-se a um certo número de verbos para formar os justapostos, dos quais o mais usado e o mais unido é '*satisfaciō*', 'dar satisfação a alguém' (formas cultas nas línguas românicas, M. L. 7618), daí *satisfactiō*”²⁹. Prosseguindo, indicam-nos ainda a informação de que, a partir de *satisfactiō*, vieram outras palavras, como *satisacceptiō* e *satisdatiō*, termos da linguagem do direito.

Percebe-se que se delineava no étimo primeiro de “satisfação” o sentido de “satisfazer a, cumprir, executar”, conforme Houaiss e Villar (2001, p. 2524) descrevem ao trazerem as acepções de *satis-*, quase com o sentido de “depoimento”, “exposição

²⁹ *Satis s'unit à un certain nombre de verbes pour former des juxtaposés, dont le plus usité et le mieux soudé est satisfacio, donner satisfaction à quelqu'un (formes savantes em roman, M. L. 7618), d'oú satisfactiō.*

das ocorrências”, abarcando também o sentido de “justificação” e “reparação”, como visto em Faria ([1956] 1962).

Houaiss e Villar (2001, p. 2524) indicam ainda uma acepção da Teologia para “satisfação”, “reparação do mal causado a alguém ou da injúria feita ao próximo, ou a Deus pelo pecado”, sendo a primeira “ato ou efeito de satisfazer(-se); contentamento, prazer advindo da realização do que se espera, do que se deseja”, como é hoje a compreensão mais difundida sobre o sentido dessa emoção.

A partir do que foi possível apurar de referências ao termo, infere-se que houve um alargamento semântico no sentido positivo de “satisfação” para “estar satisfeito”, em que o sema de *satis* é o atuante principal, embora tenham sido mantidas também as acepções da justificação e do cumprimento dos pagamentos devidos. Com essa positivação semântica observada, pode ser depreendido como resultado a imagem de alguém pleno, sem ausências, e, por isso, talvez, a sensação de contentamento pela “satisfação”, por ter satisfeito e cumprido ao que lhe era devido.

Quanto à datação, a pesquisa de *insatisfação* trouxe resultados muito interessantes. Houaiss e Villar (2001) propõem 1919 como a datação para *insatisfação* no português, tendo o dicionário de Teschauer (1928) como fonte; entretanto, a busca no *Google Books* resultou em uma ocorrência bem anterior, datada de 1709, conforme reprodução indicada na Figura 19.

Figura 19 – Pesquisa da palavra “insatisfação”

do Amor Divino. 323

<p>amava, & tambem se vê muito encaecido este Divino Amor na dadiva que se nos communica na soberana mesa da Eucharistia; por que cõ a posse de tanto bem, quiz Deos que se nos poupasse a sede em que arde a nossa esperança. He certo que todo o bem do mundo, quando logrado, enfastia; quando passado, se deseja; & quando futuro, se espera; vindo a ser todo o bem presente insatisfação, todo o bem passado laudade, & todo o bem futuro esperança; mas este bem, & este donativo que Deos</p>	<p>besse da sua fonte, nunca mais padeceria sede: <i>Qui autem biberit ex aqua, quam ego dabo ei, non sitiet in eternum.</i> Pergunto: E que fonte era a de Christo? Respondo: A fonte de Christo era a fonte da graça, & por consequencia era a fonte da mayor graça, que he a Eucharistia. Está muy bem; mas se quem beber da agoa de Christo, não terá mais sede, como acrescenta Christo, que a sua agoa brotará em quem a beber em hũa fonte: <i>Fiet in eo fons?</i> <small>verf. 14</small> Respondo, que pelo mesmo caso, q̃ quem beber da agoa</p>
--	---

Fonte: Gama (1709).

A ocorrência encontrada está na obra *Sermoens do P. Simão da Gama da Companhia de Jesu*: Terceira Parte, obra de 571 páginas digitalizada e com acesso disponível pelo *Google Books*. A folha de rosto indica a data de publicação da obra, para que se comprove a data:

Figura 20 – Folha de rosto da obra *Sermoens do P. Simão da Gama da Companhia de Jesu*: Terceira Parte

Fonte: Gama (1709).

Com esse resultado, é possível propor para *insatisfação* uma retrodatação de mais de dois séculos, passando de 1919 para 1709.

5.9 LAMENTO

Lamento tem sua origem no latim *lamentum*, deverbal do verbo latino *latrare* (“ladrar, berrar, gritar”) a partir de uma base opacificada pelo tempo unida ao sufixo -*mentum* (FREITAS, 2014, p. 55), cujo étimo para a forma portuguesa é italiano (FREITAS, 2014, p. 190, 216).

Observa-se em Faria (1943, p. 160) o significado desse vocábulo no latim: “*lāmēntum*, -i – subs. n. e *lamēnta*, -ōrum – subs. n. pl. (Cic. Tusc. II, 48). Lamentações, gemidos; o cacarejar das galinhas.

A partir da última acepção descrita de Faria (1943), nota-se o aspecto concreto na palavra latina em sua última acepção, ou seja, o som emitido por um animal, tendo passado pela abstração de sentido no português, restrito a uma manifestação de dor e sofrimento.

Conforme Cortelazzo e Zolli (1999), *lamento* tem a seguinte descrição no italiano:

Lamento, s. m. 'voce o grido esprimente dolore o pianto' (av. 1294, Guittone), 'pianto per la morte di qc.' (av. 1348, G. Villani), 'lagnanza, rimostranza' (av. 1347, Bartolomeo da San Concordio)

[...]

Lat. *lamēntu(m)*, di orig. oscura, anche se spesso si fa notare la presenza della radice **lā-* (che ritroveremo em *latrare*) com l'attribuito senso di 'gridare'. (p. 844)³⁰

Em Cunha ([1982] 2010) encontra-se o verbete “lamentar”, cujo étimo é remetido ao latim *lamentum* (p.380), datado como do século XVI:

Lamentar vb. 'lastimar, deplorar, chorar' XVI, Do lat. *lamentāre* || **lamentação** XVI. Do lat. *lamentātio -ōnis* || **lamentADOR** 1813 || **lamentável** XVI. Do lat. *lamentabīlis* || **lamento** XVI. Do lat. *lamentum -i* || **lamentoso** 1813 (p. 380, grifos do autor)

A pesquisa do vocábulo *lamento*, no Houaiss e Villar (2001) indica sua etimologia como lat. *lamentum*, *i* no sentido de 'expressão de dor, lamentação'; ver *lament-* (p. 1717). Há uma entrada para a qual o termo é remetido, *lament-*:

elemento de composição - antepositivo, do lat. *lamentum*, *i* (usado no pl., donde o fem.sing. lamenta em Pacúvio) 'lamentação', com os cog. *lamentor*, *āris*, *ātus sum*, *āri* – lat.tar. *lamento*, as 'lamentar-se' – (it. *lamentare*, fr. *lamentar*, cat. *llamentar*, provç. esp. port. *lamentar*), *lamentatō*, *ōnis* 'lamentação', *lamentātor*, *ōris* 'o que se lamenta', *lamentabīlis*, e 'lamentável'; a cognação vern. é do Renascimento em diante: *lamentação*, *lamentado*, *lamentador*, *lamentante*, *lamentar*, *lamentável*, *lamento*, *lamentoso*. (p. 1717, grifo do autor)

Ainda, Houaiss e Villar (2001) indicam sua datação como 1580; entretanto, em seu glossário sobre formações de substantivos em *-mento*, no português, Freitas

³⁰ “Lamento, substantivo masculino, 'voz ou grito expressando dor ou lágrimas' (depois de 1294, Guittone), 'choro pela morte de alguém' (depois de 1348, G. Villani), 'reclamação, protesto' (depois de 1347, Bartolomeo da San Concordio) [...] / Lat. *lamēntu(m)*, de origem obscura, embora frequentemente a presença da raiz **lā-* (que encontraremos em *latrare*) seja observada com o sentido atribuído de 'gritar'. [...] (p. 844) lamentar” (tradução nossa).

(2018) aponta o termo latino como empréstimo cuja data de entrada na língua portuguesa é 1553, com obra indicada no *Corpus do Português*. Ao se buscar o termo nesse *corpus*, verifica-se que a ocorrência de lamento na obra *Consolaçam ás tribulaçoens de Israel*, datado de 1553, cujo autor é Samuel Usque, o que torna a ocorrência do vocábulo no português mais antiga do que a indicada na obra lexicográfica pesquisada, a partir da mesma abonação apontada por Freitas (2018):

[...] e a mi, vagabundo Israel, não vem jamais a sação em que meu desterro se levante, e vo pisar com contentamento os prados e alegres montes de minha verdadeira madre e santa terra, nem ela, com novos filhos em lugar daqueles cuja dor padeço e **lamento**, e consolada. In: “Consolação às Tribulações de Israel” (1553). (p. 293)

A ocorrência comprova-se na edição da obra publicada em 1906, disponível na Biblioteca digital Camões (CVC) (Figura 21).

Figura 21 – Abonação de “lamento”

Fonte: CVC (s. d.).

Com esse resultado, é possível propor 1553 como retrodatação para a ocorrência de *lamento* em português, visto que a data do texto coincide com informações obtidas e que validam a informação do *Corpus do Português*³¹.

³¹ <http://cvc.instituto-camoes.pt/philosophia/ren11.html>

5.10 MÁGOA

O vocábulo *mágoa* existia no latim, na forma *macula*, cujo sentido concreto é “mancha”, como de alguma fruta na roupa. *Mágoa* é considerada uma forma semierudita, aparentemente introduzida na língua portuguesa tardiamente, no século XV, por via culta, através do latim eclesiástico, segundo Bassetto (2010), ao argumentar que:

[...] os *semieruditos* são introduzidos na língua geralmente por via culta; ao entrarem, porém, no uso corrente, sofrem mudanças segundo os padrões e as tendências características da língua, que podem afetar tanto sua forma como seu conteúdo semântico. (p. 128)

Mágoa passou por diversas modificações fonéticas da época, por meio de metáforas e metonímias em relação à forma latina *macula*, como os itens lexicais *mancha* e *malha*. Segue a reprodução dos metaplasmos observados em *mágoa*, descritos por Bassetto (2010):

[...] maculam > macula (apócope do /-m/) > magula (sonorização da surda intervocálica /-c-/ > /-g-/) > magua (síncope do /-l-/ intervocálico) > **mágoa** (fixação ortográfica); maculam > macula (apócope do /-m/) > macla (síncope da pós-tônica) > mãcla ou mancla (prolação, característica do português, que consiste nasalação da vogal seguinte pela nasal anterior) > **mancha** (palatalização do grupo /-cl-/ não intervocálico > /-ch-/); maculam > macula (apócope do /-m/) > macla (síncope da pós-tônica) > macla (sem prolação, > **malha** (/cl-/ intervocálico > /-ch-/). (p. 128)

Essas descrições trazem as alterações formais dos vocábulos a partir das mudanças fonéticas apresentadas. Há também a forma erudita *mácula*, que não sofreu modificações fonéticas, sendo que “apenas o uso restringiu seu significado a ‘mancha moral’, enquanto *mancha* apresenta um significado mais amplo” (BASSETTO, 2010, p. 28).

A relação entre *mágoa*, *malha* e *mancha* foi tema de Duarte Nunes de Leão (1606) ao discorrer sobre mudanças de significação na obra *Origem da Lingoa Portuguesa*, conforme abonação indicada na Figura 22.

Nunes de Leão provavelmente foi o primeiro a descrever as alterações formais e semânticas que ocorreram na língua portuguesa a partir do latim *macula*, sendo seguido por outros estudiosos da língua e autores modernos que sustentam sua teoria até os dias atuais.

Figura 22 – Abonação da palavra “magoa”

Fonte: Leão (1606).

Ernout e Meillet ([1932] 2001) trazem também como primeira acepção restrita do sentido físico de *macula*, como “mancha sobre a pele, que depois ‘alargou’ seu significado para o geral, tanto físico quanto moral³² (p. 376, tradução nossa).

Há ainda a forma *mangra*, que significa “orvalho que o nevoeiro ou neblina deixa nos frutos que estão ainda no princípio de seu desenvolvimento e que os impede de medrar e vingar”, cujo étimo é o castelhano *mangla*, originado a partir do latim *macula*, segundo Cunha ([1982] 2010, p. 400).

Mesmo em Houaiss e Villar (2001), as acepções constam como “nódoa ou mancha natural causada por contusão (arcaico); impureza, mácula; desgosto recolhido cujas marcas transparecem no semblante, nas palavras, tristeza, amargura, pesar (figurado) (p. 1813)”.

Coutinho ([1938] 1970) menciona *mágoa* e as diferentes formas decorrentes do latim *macula* (‘malha’, ‘mancha’, ‘magra’, ‘mágoa’, ‘mácula’) ao exemplificar o que seriam formas divergentes ou alotrópicas, assim definidas:

363. FORMAS DIVERGENTES OU ALOTRÓPICAS são a coexistência, em português, de duas ou mais palavras provenientes de uma só de outra língua. São as palavras latinas que nos ministram a maioria do

³² “1° tache sur la peau; puis 'tache' em général (sens physique et moral)”.

alótopos. [...] Apesar da origem comum, tais formas não são geralmente sinônimas. A diferença de aspecto mórfico importa quase sempre distinção de sentido. (p. 198)

A provável causa das formas divergentes de *mágoa* seria o fato de ter sido introduzida na língua portuguesa por via erudita. Conforme Coutinho ([1938] 1970, p. 200):

O aparecimento da corrente erudita data do século XIV. Mas é força reconhecer que antes disso muitas palavras haviam já penetrado na língua por via eclesiástica. A Igreja tem sido, em todos os tempos, um grande veículo de introdução de formas cultas no português. É, porém, no século XVI que ela atinge maior amplitude, com o movimento denominado *Renascença*, em que os trabalhos dos escritores romanos e gregos se tornaram familiares aos literatos portugueses. As traduções de obras, sobretudo latinas, contribuíram para a existência de um grande número de palavras *cultas*, no nosso vocabulário. [...] A consequência foi que muitos vocábulos latinos, de que já havia representação entre nós, embora com forma bastante modificada pela ação popular, penetraram novamente no léxico português, depois de ligeira adaptação.

No aspecto semântico, *mágoa* passou a designar uma dor ou sofrimento diferenciado de outras emoções ou dores, como se fosse a sensação de algo que incomoda, como uma mancha ou nódoa concreta na roupa ou em lugar indevido. Designa mais um incômodo, um sofrimento tênue, porém persistente, ligado a uma decepção com alguma pessoa, fato ou anseio. Segundo Bassetto (2010, p. 128), “semanticamente, ‘mágoa’ entende-se como uma espécie de ‘mancha’ no espírito de quem sofreu agravo ou decepção”.

Em Houaiss e Villar (2001), consta a informação que *mágoa* entrou para a língua portuguesa no século XIV, porém não há indicação de data precisa. Contudo, há o vocábulo no texto *Vidas de Santos de um Manuscrito Alcobacense*, escrito entre 1200 e 1300, disponibilizado no *Corpus* do Português:

E disse: - Avonda-nos a graça do Spiritu Sãcto pera podermos guardar os preçeytos de Deos ssẽ **magoa** E tu padre ora por mĩ a Nosso Ssenhor e ssey nenbrado de mĩ E o santo homẽ lhe disse: - E tu ora a Deos pollas egrejas santas e polla cristindade e por mĩ pecador. In: “Vidas de Santos de um Manuscrito Alcobacense” (1200-1300).

Com esse resultado, é possível indicar o século XIII como uma data para a abonação mais precisa da ocorrência de *mágoa* em português, além de confirmar a acepção semântica de sentimento e/ou estado de tristeza da palavra.

5.11 MELANCOLIA

Melancolia, diferente das demais palavras pesquisadas, embora tenha seu étimo no latim, origina-se do grego, conforme Nascentes (1966):

Melancolia. Do gr. *melagcholia*, pelo lat. *melancholia* “atrabílis, bílis negra”, por via erudita. Os antigos a atribuíam à secreção de *atrabílis* pelo fígado. Houve várias formas arcaicas apresentando alterações devidas a dissimilações. (p. 480)

Dessa forma, mesmo não tendo origem latina, não foi descartada da pesquisa pois foi introduzida ao português por meio desta língua e está intrinsecamente ligada ao campo semântico da *tristeza*, passando de sintoma a sentimento, como se observa nas acepções informadas por Houaiss e Villar (2001, p. 1885):

1 HIST.MED *ant.* mal derivado do excesso de bile negra, que levava os indivíduos acometidos à lentidão, tristeza e prostração

2 PSICOP PSIQ estado mórbido caracterizado pelo abatimento mental e físico que pode ser manifestação de vários problemas psiquiátricos, tendendo hoje a ser considerado mais como uma das fases da psicose maníaco-depressiva

3 estado afetivo caracterizado por profunda tristeza e desencanto geral; depressão (*a morte do pai mergulhou-o em profunda m.*)

4 *p.ext.* sentimento de vaga e doce tristeza que favorece o devaneio e a meditação (*a m. foi um tema poético e literário bastante comum entre os pré-românticos e os românticos*)

5 *p.met.* característica ou aspecto daquilo que inspira tal sentimento (*a m. das horas crepusculares*) (*a m. de uma paisagem*)

O vocábulo *melancolia*, tal qual *náusea*, próximo item lexical a ser pesquisado, tem como primeira acepção para seu significado um sintoma físico de mal-estar e doença, sendo tema da medicina e psicopatologia, para posteriormente adquirir o sentido de “profunda tristeza”, “desencanto”, “depressão”.

Nesse percurso das acepções, as variações semânticas que a palavra apresentou ao longo das sincronias e dos usos identificados em língua portuguesa ficam evidentes, passando de um sintoma físico, inicialmente, para um sentimento.

Houve uma considerável variação de formas substantivas usadas para *melancolia* no português. Essas variações, diferentes das formas divergentes que se observam em *mágoa*, seriam as “formas sincréticas”, conforme Coutinho ([1938] 1970, p. 198-199):

dizem-se *formas sincréticas* as variações que um mesmo vocábulo apresenta, num determinado momento da língua. Estas variações são o resultado da incerteza ou da vacilação em fixar o tipo definitivo. Eram muito frequentes na fase arcaica do idioma. Com o advento, porém, da gramática e do dicionário, a preferência dada a uma destas formas ocasionou a arcaização da outra ou das outras.

Nunes de Leão (1606) reflete sobre o processo de empréstimo que as línguas latinas empreenderam ao fazer uso de termos gregos em algumas áreas do saber, usando, inclusive, a palavra *melancholia* dentre os exemplos citados (Figura 23):

Figura 23 – Abonação da palavra “melancholia”

Fonte: Leão (1606).

A variedade de formas para *melancolia* pôde ser observada na pesquisa disponível no *Vocabulário histórico-cronológico do Português Medieval* (Cunha, 2014), aqui reproduzidas:

Medieval: **malancolia** | Substantivo

Séc. XV, SEGR, 40v [...] huuns manjares ha hi que geram malancolia

asi como [...] todelas outras que som grossas E secas e asperas.

Medieval: **malenconia** | Substantivo

Séc. XV, SERM, 122.24 [...] nem presumamos de dizer [...] as couves que criam malenconia [...].

Medieval: **manãcoria** | Substantivo

Séc. XV, FRAD, I.148.15 [...] o cardeall maravilhou-sse e ouve manãcoria por que nom compria elle a sua vomtade.

Medieval: **manencoria** | Substantivo

Séc. XV, BENF, 218.12 [...] muytas uezes rreçeberees noio e manencoria, donde menos cuydaões.

Medieval: **manencoria** | Substantivo

Séc. XV, CAVA, 82.26 Porem, seendolhe ryjamente desdicto por aquel que com elle anda, lhe fara de ssy aver desprazer e manencoria [...].

Medieval: **melancolia** | Substantivo

Séc. XV, SEGR, 52 E fim de todelas mezinhas pera purgar a melancolia E a colera E a fleuma E a door das Reens [...].

Medieval: **melanconia** | Substantivo

Séc. XIII, CSM, 393.5 [...] rravia de melanconia / ven.

Medieval: **melanconja** | Substantivo

Séc. XV, SEGR, 50v E tanto se coza que seia espesso esta he a quinta mezinha a propriedade da qual he purgar a melanconja E fazer sotil a fleuma [...].

Medieval: **memnemcorja** | Substantivo

Séc. XV, REIX, II.193.18 El, com memnemcorja teue memtes a el, e de tal gujsa o começou de segujr, que D. Martim fogia ante el.

Medieval: **menëcoria** | Substantivo

Séc. XV, VESP, 26.27 O emperador ouue grãde menëcoria [...].

Medieval: **menemcorja** | Substantivo

Séc. XV, REIX, II.192.13 E em dizendo esto, creçeoilhe a menemcorja [...].

Medieval: **menemcorya** | Substantivo

Séc. XV, REIX, I.203.60 E emtão diserom ao Jffamte [...] como os elRey com grande menemcorja degolara [...].

Séc. XV, REIX, II.274.8 E elRey D. Afomso, quamdo vyo seu recado, ouue gramde menemcorya do Bispo [...].

Medieval: **menencorea** | Substantivo

Séc. XV, OFIC, 176.25 Canyo ouve desto mui grande menencorea, e nom sabia que fazer [...].

Medieval: **menencoria** | Substantivo

Séc. XV, CAVA, 57.5 [...] assy como hũu que per menencoria se atrevesse a fazer algũa cousa de besta [...].

Séc. XV, LOPF, 11.32 O principe ouve menencoria e disse a el-rrei [...].

Séc. XV, LOPF, 58.19 EL-rrei dom Henrrique ouve menencoria, e pesou-lhe com estas novas [...].

Séc. XV, LOPF, 61.36 [...] tenerom-sse por escarnidos, foram-se cada hũus pera suas pousadas, cheos de menencoria e pallavras desonestas contra este casamento.

Séc. XV, LOPJ, II.155.11 El-Rey ouue disto muy gram menencoria [...].

Séc. XV, LOPJ, II.23.9 [...] com menencoria lamçou a lamça das mãos e arauatou huum castelhano pellas pernas [...].

Séc. XV, LOPP, 18.27 E el-rrei ouve d'esto grande menencoria, e nom sem rrazom, mas a vingança foi desarrazoada [...].

Séc. XV, LEAL, 285.25 Os de ssanha tocados filham sobejo sentimento das menencorias quando lhe feitas som.

Medieval: **men(en)corya** | Substantivo

Séc. XV, LOPJ, II.29.34 [...] poreu com men(en)corya disse [...].

Medieval: **merencoria** | Substantivo

Séc. XV, LOPJ, II.226.22 E

Houaiss e Villar (2001) descrevem a etimologia de *melancolia* como:

gr. *melagkholía*, as lit. 'condição de ter bile negra', donde 'humor negro, melancolia', de *mélas, aina, an* no sentido de 'negro' + *kholé, ês* no sentido de 'bile'; cp. lat. *melancholīa, ae* no sentido de 'humor negro, cólera negra'; note-se que a prosódia no port. é a gr. e não a lat., língua em que necessariamente a tonicidade do vocábulo recai sobre a sílaba

que antecede o /i/, por ser este breve; ver *mela(n)-* e ¹-*colia*; f. hist. sXIII *melanconia* acp. de MED ant., sXV *melancolia*, 1858 *melancholia* no sentido de 'estado soturno da mente'. (p. 1885)

A datação informada por Houaiss e Villar (2001) é o século XIII, tendo como fonte o VHCPM (CUNHA, 2014), conforme a descrição da forma “melanconia”, indicando seu primeiro registro nas *Cantigas de Santa Maria*, mais especificamente na cantiga 398, verso 5, ocorrência confirmada ainda em pesquisa no *Corpus* do Português:

Como Santa Maria do Porto guareceu a un menino que trouxeron a sa casa raviioso Macar é door a rrvia maravillosa e forte, agynna a toll' a Madre 1 do que ena cruz pres morte. Ca segund' enfermidade 1 rravia de **melanconia** ven que é negra e * forte 1 e dura e de perfia. Tod' aquesto á no demo, 1 e poren Santa Maria, que este dele contralla, 1 a tolle e dá conorte. In: Cantigas de Santa Maria 3. (CDP)

A pesquisa confirma e considera aceitável a datação proposta para *melancolia*: século XIII. Os manuscritos mais antigos da língua portuguesa conhecidos até o momento são deste mesmo século: *Notícia de Torto* e o *Testamento de D. Afonso II*, ambos do início do século XIII, conforme Spina (2008).

No espanhol, segundo Corominas (2012), a datação é 1251, na forma ‘*malenconía*’, conforme reprodução a seguir:

Figura 24 – Ocorrência de “melancolia” na microestrutura do elemento de composição “melan-”

Fonte: Corominas (2012).

Sendo a autoria atribuída a D. Afonso X, as *Cantigas de Santa Maria* provavelmente foram escritas durante seu reinado, entre 1252 e 1284. Seria, portanto, o período do século XIII a proposta para a datação de *melancolia* na língua portuguesa.

Nesse sentido, a ocorrência de *malenconía* no espanhol pode confirmar a proposta de datação de *melancolia* (a partir da forma “melanconia”) na língua portuguesa para o período entre 1252 e 1284.

5.12 NÁUSEA

Náusea é proveniente do latim *nausēa*, *ae*, como empréstimo do grego *nautía* (*vautía*) ou *nausía* no sentido de 'mal do mar, enjoo, vômito, náusea', conforme Houaiss e Villar (2001, p. 1999).

Assim como *melancolia*, *náusea* tem origem grega e étimo latino. Palavra composta pelo radical *nau-*, elemento de composição descrito por Houaiss e Villar (2001, p. 1999) como:

antepositivo, do gr. *naûs*, *néós*, 'navio, embarcação', de uma raiz i.-e. **naw-* 'id.', fonte tb. do lat. *návis*, *is* 'nave, embarcação', ver nav(i)-, e do sânsc. *nauh*; a cognação greco-latina (são vários, no vocabulário náutico lat., os emprt. diretos ao gr., porquanto os latinos, povo sobretudo agrícola, devem aos gregos, povo essencialmente marítimo, grande parte de seus termos de navegação) apresenta os seg. voc. provenientes do gr. *naûs*, *néós*: [...] o gr. *naútés*, ou 'marinheiro, marujo' (lat. *nauta*, *ae* 'id.'), donde o adj.gr. *nautikós*, *ê*, *ón* 'relativo à navegação ou aos navegadores, naval; que tem experiência em navegação; que é próprio para a navegação', o subst. *nautílos*, ou 'marinheiro' (lat. *nautilus*, *i* 'certo tipo de molusco' [Plínio, sld. C.]), o subst. gr. *nautodíkai*, *ôn* 'juízes dos tribunais marítimos', o subst.fem.gr. *nautía*, *as* – jônico *nautíē* – e *nausía*, *as* – jônico *nausiē*, *ēs* – 'enjoo, vontade de vomitar' (lat. *nausēa*, *ae* 'enjoo; fig. desgosto, enfado', fonte do v. *nauseo*, *as*, *āvi*, *ātum*, *āre* 'enjoar no mar; ter vontade de vomitar; vomitar; fig. estar desgostoso' – donde *nauseātor*, *ōris* 'o que enjoa no mar', *nauseabīlis*, *e* 'que causa náusea' e *nauseabundus*, *a*, *um* 'que sofre de enjoos no mar' –, do dim. *nauseōla*, *ae* 'ânsias de vômito' e do adj. lat. *nauseōsus*, *a*, *um* 'enjoativo' [...]

A descrição de Houaiss e Villar (2001) baseia-se em Ernout e Meillet ([1932] 2001):

Dérives: ‘nauseō, -ās’ (= ναυσιάω); *nauseābilis*, *nauseātor*, *nauseābundus*; *nauseola*, *nauseōsus*; *nausietās* (Orib.). Cf. aussi *nauarchus* (*nauchus*, Gl.), *nauclerus*, *naumachia*, *naupēgus*, *naulurn* (= ναῦλον), *nauplius*, *naucārius*, *nautilus*, etc. C’est aux Grecs que les Latins ont emprunté la plupart des termes de navigation, comme c’est d’eux (et sans doute des Étrusques) qu’ils ont appris la navigation elle-même. Les langues romanes ont conservé *nāuis*, panroman [...]. (p. 432)³³

Neste trecho, Ernout e Meillet ([1932] 2001) esclarecem os empréstimos da maior parte dos termos de navegação feitos pelos latinos dos gregos, pois foi destes, e possivelmente também dos etruscos, que aprenderam a navegação em si. Informa ainda que *nāuis* é palavra panromânica.

No espanhol, faz-se uso do termo *mareo* (COROMINAS, 2012) para expressar o “mal do mar”, ainda que *náusea* faça parte do léxico, desde 1590, com as significações observadas no português:

Figura 25 – Pesquisa por “náusea” em Corominas (2012)

Fonte: Corominas (2012).

Apesar de originariamente estar relacionada ao campo semântico náutico, *náusea* foi incluída na pesquisa por apresentar alargamento em seu significado:

³³ “Derivados: ‘nauseō, -ās’ (= ναυσιάω); *nauseābilis*, *nauseātor*, *nauseābundus*; *nauseola*, *nauseōsus*; *nausietās* (Orib.). Cf. também *nauarchus* (*nauchus*, Gl.), *nauclerus*, *naumachia*, *naupusgus*, *naulurn* (= ναῦλον), *nauplius*, *naucārius*, *nautilus*, etc. Foi dos gregos que os latinos tomaram emprestado a maior parte dos termos de navegação, pois foi deles (e possivelmente dos etruscos) que aprenderam a navegação propriamente dita. As línguas românicas preservaram *nāuis*, panromânico [...]” (tradução nossa).

passou também a estabelecer relação com o campo semântico de *tristeza*. O processo observado é a passagem de um sintoma físico para um sentimento, mesmo percurso observado em *melancolia*, de acordo com as acepções também informadas por Houaiss e Villar (2001, p. 1999):

1 tontura e enjoo sentidos por quem viaja de navio, de avião e até mesmo de transporte terrestre

2 fig. sentimento de repugnância; aversão, repulsa

3 med desejo ou ânsia de vômito; enjoo

Nascentes (1966, p.511) define *náusea* pela origem do *nausía* “enjoo de mar”, pelo lat. *nausea*, por via erudita, finalizando com uma observação sobre a semântica do termo: “generalizou o sentido”, em *náusea* adquiriu sentidos figurados relacionados com os sentimentos de aversão, enfado, palavras presentes nesta pesquisa, e até “repulsa”. Bluteau (1716, p. 735) traz *náusea* como sinônimo de *nojo*, próxima palavra a ser estudada, em trecho a seguir reproduzido:

Figura 26 – Abonação de “nausea” (1716)

Fonte: Bluteau (1716).

A datação informada por Houaiss e Villar (2001, p. 1999) é 1661, tendo como fonte o VHCPM (CUNHA, 2014), indicando seu primeiro registro na obra *Luz da*

Figura 28 – Abonação de “náusea” (1657)

Fonte: Soares (1657).

Figura 29 - Capa da obra *Ultimas acções del Rey D. João IV. Nosso Senhor, etc [...]*

Fonte: Soares (1657).

A partir desse resultado, é possível propor 1657 como retrodatação para a ocorrência de *náusea* em português.

5.13 NOJO

Derivado regressivo de *nojar*, *anojar*, *enojar*, conforme Cunha ([1982] 2010, p. 247), o termo tem origem controversa: Houaiss e Villar (2001, p. 2024) descrevem as seis primeiras acepções como obsoletas:

nojo s.m. 1 *obsl.* tristeza profunda; pesar, desgosto 2 m. q. luto 3 *obsl.* o que prejudica ou fere; dano, mal 4 *obsl.* mal-estar estomacal que dá ânsias de vômito; náusea, enjôo 5 *obsl.* tédio, aborrecimento 6 *obsl.* constrangimento, vergonha, pejo 7 sentimento de repulsa que algo desperta num indivíduo, que o faz evitá-lo, não querer tocá-lo; repugnância, asco (n. de barata) (n. de sapo) 8 *p. met.* algo que provoca esse sentimento (o banheiro da estação era um n.) 9 *p. metf.* sentimento de repulsa por um fato ou comportamento vergonhoso, baixo, vil, sem ética; repugnância, asco, abominação (os métodos de alguns políticos dão n.).

Embora hoje não esteja diretamente ligado ao campo semântico de *tristeza*, *nojo* é um vocábulo que mantém em suas acepções o luto, noção arcaica do termo, atualmente em uso apenas em determinadas situações, como a “licença nojo”, uma das hipóteses previstas em legislação pela qual o empregado pode faltar ao serviço sem prejuízo do salário, em casos de falecimento de parentes próximos (também conhecida por “licença de óbito”).

Seguindo a origem de ‘enojar’, termo do qual *nojo* teria se derivado, chega-se ao latim tardio *inodĭo*, *as*, *āvi*, *ātum*, *āre*, provavelmente a partir da expressão latina *esse in odio alicui*, “estar aborrecido com alguém ou com algo”, conforme Houaiss e Villar (2001, p. 1154). É possível uma hipótese de reconstituição do étimo a partir de *in* + *odio*, em que a partícula *in*, preposição com sentido de “dentro” (oposto a *ex*), da expressão latina original, une-se ao substantivo *odio*, resultando *inodio* > *nojo*.

Enajo poderia ser uma forma divergente de *enjoo*, tendo como acepção:

enojo s.m. ato ou efeito de enojar(-se); enojamento 1 sensação de náusea, de enjoo; nojo (e. próprio da gravidez) 2 repulsa, repugnância (fez gesto de e. ao deparar com o mendigo) 3 sentimento de tristeza; luto (durante o período de e., nem música se ouvia na casa) 4 *fig.* ato ou efeito de enfadar-se; aborrecimento (o concerto demasiado longo causou-lhe profundo e.). (HOUAISS, 2001, p. 1154)

Para perseguir a pista da origem de *nojo*, é preciso recorrer ao latim *odium*, retomando Ernout e Meillet ([1932] 2001), ao afirmarem que “de *odium* foi tirado em baixa época o denominativo *inodiāre* conservado pelas línguas românicas (cf. fr. *ennuyer*)”³⁴ (p. 459, tradução nossa), e informam, ainda, que “*in* representa um antigo *en* [...] no qual ‘e’ passou foneticamente a ‘i’ antes de certos grupos consonantais e em posição átona”³⁵ (p. 312, tradução nossa).

Ódio, originariamente, liga-se, pelo que foi possível constatar, aos campos semânticos de itens lexicais já estudados, como *aversão*, *enfado* e *náusea*, conforme depreende-se das acepções trazidas por Faria ([1956] 1962, p. 673):

1 odium, -ī subs. n. I – Sent. Próprio: 1) ódio, aversão, antipatia, enfado, repugnância (Cíc. Phil. 4,4). Daí: 2) Objeto de ódio, pessoa ou coisa odiada (Cíc. Pomp. 65). 3) Conduta odiosa, maneiras desagradáveis (Hor. Sát. 1, 7, 6). Obs.: Constrói-se com gen.; com acus. e as preps. *in*, *erga*, *adversus*.

Bluteau (1716, p. 735) indica que *nojo* teria vindo do italiano *noia*, com sentido de “moléstia” ou “fastio” e, também, “náusea”. É um termo de origem controversa pelo que se pôde verificar nas pesquisas feitas, cujo campo semântico passou por várias variações, restrições e desusos, até chegar ao conteúdo semântico dos dias de hoje, com sentido de “repugnância”, “asco”, oriundos da sensação física e de mal-estar, com “ânsia” e “enjoo”, desencadeada quando algo que provoca nojo é presenciado ou visto.

O autor lista algumas acepções para nojo, mostrando que a palavra demonstrava variação quanto à significação e uso, indo de *asco* à *tristeza* e *luto*, conforme trecho a seguir reproduzido na Figura 30:

³⁴ De *odium* a été tiré à basse époque le dénominatif *inodiāre* conservé dans les langues romanes (cf. fr. *ennuyer*).

³⁵ *In* représent un ancien *em* [...], dont l'*e* passait phonétiquement a *i* devant certains groupes de consonnes et en position atone.

Figura 30 – Verbete “nojo”

Fonte: Bluteau (1716).

Para *nojo*, Houaiss e Villar (2001) citam as seguintes formas históricas e datações: 1391 nogos, sXIV noio, sXIV noyo, sXV noja; como etimologia da palavra, propõem “origem controversa; para JM, regressivo de *anojar*; para Nascentes, regressivo de *enojar*” (p. 2024).

A forma *nojo* pesquisada no *Corpus* do Português trouxe uma ocorrência detectada na *Crónica Geral de España*, de 1344:

Como el rei dō Afonso fazia cōtra os mouros que eram inmiigos de Alle Meymō e como lhe foy dado Burgon Conta a estoria que dō Alle Meymō, rey de Tolledo, ouve guerra cō os mouros que eram seus inmiigos e ëvyava allo em seu logar el rei dom Afonso. E elle avya suas boas andanças contra elles, ã tal guisa que todos seus ëmiigos nō lhe ousavã fazer **nojo** ante poynham cō elle seu amor; e esto por medo del rey dom Affomso. E, despois que viinha das guerras em que andava, quando avya prazer, hũa a caçar pellas ribeiras dos ryos e matar os porcos e os outros veados aas montanhas. E, andando hûu dia per hũa ribeira aa caça, achou hûu logar de que se pagou que chamã agora Burgã. (CDP)

No *Corpus* de Textos Antigos, aparece também a forma *noio* no texto *Vida e milagres de Santa Senhorinha de Basto*³⁶, redigido originalmente em português entre 1248 e 1284:

Hum clerigo nos contou que tres molheres que em Guimaraas auiam dores desuairadas. ca hũa era demoniada, a outra auia fluxo de sangue, a outra como quer que paria muitos filhos auia depois gram **noio**, porque lhe morriam todos, as quaes molheres aiuntadas todas de suu, contarão suas dores todas, quada hũa, hũa a outra [...]

A pesquisa no *Corpus* do Português trouxe também *nojo* nas *Cantigas de Santa Maria*, datada do século XIV, a partir de Mettman (1972, p. 206):

Figura 31 – Verbetes “nojo” no *Glossário de AFONSO X, O Sábio*

206
nobreza s. f.: 105.3, 132.154, 140.9 Loemos a ssa nobreza, sa onrra e ssa alteza; 200.16 sas grandes nobrezas; 302.3 A Madre de Jhesu-Cristo, que é Sennor de nobrezas; 312.6 os que creen ena Virgen, que é Sennor de nobrezas; 406.19 roguemos a que á nobrezas / en ssi mui grandes. CF. nobleza.
nodreecer v. tr.: <i>nutrir, alimentar</i> : 331.12 carne... con que nos nodrece.
nodrir v. tr.: <i>nutrir</i> : 15 (M), 241.65 un fill' ouviste... e criast' e nodriste.
noite s.f.: 2.15 noyt' e dia; 5.93, 6.49 deu mui maa noite a sa madre; 9.5, 11.19, 31.49 Dizend' esto aa noyte, outro dia o vilão / quis ir vende-lo almallo; 34.15 de noite.
nojado p. p. / adj.: <i>desgostado, irritado</i> : 331.46 todo-los santos eran ja dela nojados.
nojo s. m.: <i>desgosto, moléstia</i> : 116.30 quen lle fizesse nojo / ond' ouvesse queixume; 312.70 con nojo ... que ouve.

Fonte: Mettman (1972).

³⁶ Disponível em <http://teitok.clul.ul.pt/teitok/cta/index.php?action=file&cid=M1614T12967.xml&jmp=w-12233>. Acesso em 16 jan. 2021.

Nas *Cantigas de Santa Maria* (METTMAN, 1972), *nojo* tem sentido de “desgosto”, e não de “luto”, o que comprova a variação de usos da palavra no tempo, indicando-lhe várias sincronias pretéritas. A palavra ocorre no verso 25 da seguinte cantiga (CASSON, 2019):

1 Dereit' é de lume dar
2 a que Madr' é do lume.
3 Desto vos quero contar
4 miragre verdadeiro
5 que quis a Virgen mostrar
6 gran por un mercadeiro
7 que aa feira mercar
8 con un seu companheiro
9 de Salamanca fora,
10 como han de costume.
11 Aqueste mais d' Disponível outra ren
12 amou Santa María
13 e con haver e con sen
14 de grado a servía;
15 e jajūava tan ben
16 cada que sa vigía
17 dela foi, que pescado
18 non comiu nen legume.
19 E atal vida usou
20 per u quer que andava
21 muito, que jajūou
22 nas feiras u mercava;
23 mas pero nunca achou,
24 u quer que el estava,
25 quen lle fizesse **nojo**
26 ond' houvésse queixume.

Há, ainda, ocorrência de *nojo*, na forma ‘noio’, na *Crónica Troyana* (RODRÍGUEZ, 1900) (século XIV), em galego, com significado similar ao da *Cantigas de Santa Maria*:

Figura 32 – Ocorrência de “nojo” na Crónica Troyana

Fonte: Rodríguez (1900).

Com o resultado encontrado por ora, é possível propor um período específico (1248-1284) no lugar do século XIII indicado por Houaiss e Villar (2001), além de comprovar o primeiro sentido do termo relacionado ao sentimento de luto.

5.14 OBSESSÃO

Faria ([1956] 1962, p. 665) descreve a forma latina *obessio*, *-ōnis* como “subs. f. Ação de sitiar, cerco, bloqueio (Cíc. Mur. 33)”.

Para Corominas ([1961] 1987, p. 420, tradução nossa)³⁷, *obsessão* significa “ideia fixa, vinda do latim *obessio*, *-ōnis*, 'bloqueio', derivado de *obsīdēre* 'assediar, bloquear', propte. 'sentar-se em frente', e este de *sēdēre* 'estar sentado’”. Trata-se de outro termo composto, formado pelo prefixo latino *ob*, com sentido local, antecedendo a forma verbal *sēdēre*, forma da qual originou-se, também, os verbos “ser” e “sentar” em português.

Sobre *ob*, Ernout e Meillet ([1932] 2001, p. 454) relatam que significava, no caso de *obsessão*, “em frente de”. Os autores informam também que “em um certo número de composições, *ob* parecer ter sido, no baixo latim, eliminado por *ab*”³⁸.

Viaro (2004, p. 36) esclarece o uso do prefixo *ob*-:

ob-: tem o valor básico de “na frente” (*ob.stetriz*), normalmente como obstáculo, daí se derivam sentidos como o de “oposição” (decorrente do fato de algo estar na frente, impedindo a passagem: *ob.star*), “à volta” (decorrente da noção do assédio, tipo específico de oposição: *ob.turação*), “cobertura” (decorrente de estar em volta: *ob.nubilado*), “fechamento” (decorrente de algo que está coberto: *obs.trução*), “intensidade” (decorrente do fechamento: *o.primir*).

Além disso, exemplifica, a partir do adjetivo “obsessivo”, com raízes $\sqrt{\text{sid-}}/\sqrt{\text{sed}}$ no processo de formação das palavras: “quem se senta na frente, obstruindo a passagem de quem é assediado, é chamado de **obsessivo**”. (VIARO, 2004, p. 98)³⁹.

³⁷ OBSESIÓN, 1737, ‘idea fija’. Tom. del lat. *obessio*, *-ōnis*, ‘bloqueio’, deriv. De *obsīdēre* ‘asediar, bloquear’, propte. ‘sentarse enfrente’, y éste de *sēdēre* ‘estar sentado’. DERIV. Obsesionar, princ. S. XX. Obseso, participio de *obsidere*; obsesivo. Comp. ASADIO (COROMINAS, [1961] 1987, p. 420).

³⁸ dans un certain nombre de composés, *ob* semble avoir été, en bas latin, éliminé par *ab*. (ERNOUT; MEILLET, [1932] 2001, p. 454).

³⁹ Novamente, o trecho citado faz parte de uma história fictícia, protagonizada por Numásio, personagem de Viaro (2004), criado para tornarem mais didáticas e acessíveis as explicações linguísticas presentes na obra.

Interessante também retomar, dentre as indicações, uma acepção antiga que consta em Houaiss e Villar (2001) e inaugura a entrada do verbete:

- 1 ant. suposta apresentação repetida do demônio ao espírito
- 2 apego exagerado a um sentimento ou a uma ideia desarrazoada
 - 2.1 psicop ideia repetitiva que se mantém na mente de alguém, podendo fazê-lo perder o senso de realidade; ideia fixa
- 3 motivação irresistível para realizar um ato irracional; compulsão «o. pelo poder»
 - 3.1 psich m. q. neurose obsessivo-compulsiva
- 4 ação de molestar com pedidos insistentes; impertinência, perseguição, vexação (p. 2044).

Houaiss e Villar (2001) datam *obsessão* a partir de Bluteau (1720, p. 24):

Figura 33 – Verbetes “obsessão” em Bluteau (1720)

Fonte: Bluteau (1720).

Essa acepção aparece também em outra obra de Bluteau (1789b):

Figura 34 – Verbetes “obsessão” em Bluteau (1789b)

126	OBR	OBS
<p>fenfualidade v. g. „ dizer <i>obfcenidades</i>, <i>medi-</i> <i>tar nellas</i> „ <i>manchar-fe nas obfcenidades</i> „ <i>Va-</i> <i>rella</i>.</p> <p>OBSCENO, adj. em que ha obfcenidade v. g. „ <i>pcnfamentos</i>, ou ditos <i>obfcenos</i>. § Sensual, torpe, impudico. <i>H. Pinto</i> „ <i>amores obfcenos</i>: <i>tornar fe de cafto obfceno</i> „ <i>Escola das Verda-</i> <i>des</i>.</p> <p>OBSCURECER, v. at. efcurcer. <i>Marinho</i>. <i>Vleira Cart. 2. p. 99.</i> „ <i>obfcurecer a gloria def-</i></p>	<p>derar, fazer reparo, reflexão. § Guardar, pra- ticar, ufar „ <i>os Profetas obfervarão eftilo tofco</i> „ <i>Hofpit. das letras f. 313.</i></p> <p>OBSERVATORIO, f. m. edificio donde fe obfervão os Afros, feus movimentos, conjun-</p>	<p>OBSERVAÇÃO, f. f. vexação do demonio fei- ta ao poffeffo, ou endemoninhado.</p> <p>OBSERVAÇÃO, f. f. vexação do demonio</p> <p>OBSIDIONAL, adj. <i>coroa</i> —, a que entre</p>

Fonte: Bluteau (1789b).

Há, ainda, além dos conteúdos semânticos que remetem a aspectos do irracional, conforme os significados apontados por Houaiss e Villar (2001), a presença de acepções militares descritas por Faria ([1956] 1962, p. 665), ao elencar “ação de sitiá, cerco, bloqueio”, acepções originais do termo, empregado, de fato, no exército, conforme esclarecem Ernout e Meillet ([1932] 2001, p. 610, tradução nossa) ao descreverem a paráfrase de “*obsideō*” como “estar estabelecido ou sentado em frente, ocupar um lugar; dentro da linguagem militar ‘um acampamento em frente a uma fortaleza para fazer o cerco’, sitiá’ (sem luta, diferentemente de *oppugnō*)”⁴⁰.

É muito concreta a imagem de uma obsessão como algo sentado à frente da mente bloqueando o resto da visão e da percepção. O que é a obsessão se não um bloqueio da mente em um só tema?

A pesquisa não obteve ainda sucesso na busca de datação anterior à proposta por Houaiss e Villar (2001), que traz o primeiro registro do termo, como apontado, em 1720, tomando como fonte de datação a entrada da palavra em Bluteau (1720).

5.15 RESSENTIMENTO

Composto pelo prefixo *re-* e ‘sentimento’, que por sua vez é uma derivação de formada pelo verbo *sentir* + sufixo *-mento*, conforme Cunha ([1982] 2010):

⁴⁰ “*obsideō*: être assis ou établi devant, occuper un endroit; dans la langue militaire, ‘camper devant une place forte pour en faire le siège’, assiéger (sans combattre, différent de *oppugnō*; de lá: *obsidiō* (...), *obsessiō*; *obsessor*”.

Sentir vb. ‘experimentar, pressentir, conjeturar’ XIII. Do lat. *sēntīre* || **RES-sentIDO** XVI | **RES-SentIMENTO** 1813 || **RES-SentIR** XVI || **senci-ENTE** adj. 2g ‘que sente’ 1899. Do lat. *sentiens -entis* || **sentIDO** XIII || **sentimentAL** XVIII. Do fr. Sentimental || **sentimentA-L*ISMO** 1874 || **sentimento** XV. Do lat me. *sentimentum*. (p. 590).

Viaro (2004) traz esclarecimentos sobre o *re-* que ajudam na compreensão da carga semântica que tal prefixo latino agrega à palavra com a qual compõe um novo termo:

re-: tem o sentido básico de “para trás” (*re.gredir*), especializado na ideia do “retorno”, donde nasce o sentido de “repetição” (resultado do retorno: *re.escrever*). Outros sentidos diferentes: “recusa” (motivo pelo qual se manda para trás: *re.jeitar*), “anulação” (resultado da recusa: *re.vogar*), “intensidade” (decorrente da repetição: *re.querer*), “completude” (derivado da noção de término, decorrente da intensidade: *re.splandecer*). (p. 38)

A noção de “regressão” e “repetição” é fundamental para entender o sentido de *ressentimento*, em virtude de o prefixo agregar a *sentimento* um novo significado, de semântica negativa, por isso o relaciona à tristeza, trazendo a palavra para a pesquisa, ao se aproximar semanticamente de *mágoa*, por exemplo.

Além desses sentidos de “regressão” e “repetição”, agrega-se ao prefixo *re-* o sentido de intensidade, conforme observa Sandmann (1989):

Nas palavras do corpus *re-* significa em regra ‘de novo’, mas em outras palavras do português e mesmo em algumas formações novas ele pode ter outro conteúdo. Primeiramente as formações novas em que *-re* significa ‘de novo’: — reapropriar-se; reaquecimento; recadastramento; reconversão; redescoberta; reencetar; reinauguração; reinclusão; reinserção; reinstitucionalização; renegociar; reofensiva; repovoamento; reprivatizar; ressocialização; retestar.

[...]

Em algumas formações novas, no entanto, pode-se acrescentar ‘de outra maneira’. Releitura, por exemplo, significa ‘uma segunda leitura + nova maneira de ler, uma nova interpretação’.

[...]

Em outras palavras do português *re-* pode expressar ‘intensidade + repetição de uma ação’ ou ‘repetição continuada de uma ação’: repisar (fig.) = repetir (contexto: repisar um tema, um assunto); rebrilhar; recozer. ALEMANY BOLUFER (1920, p. 203) também vê o *re-* como um prefixo de intensidade: “Refuerza la significación del simple, como em realzar, reamar, reconcomerse, resaber, resoplar”. (p. 25-26, grifos do autor)

Pelos resultados oriundos da investigação, seria possível propor que *ressentimento* é palavra formada no português, a partir da base verbal latina *sēntīre*, após a derivação com o sufixo *-mento*, a exemplo da próxima palavra que será apresentada, *sofrimento*, sendo composta e tendo sua semântica definida pelo prefixo latino *re-*.

Por sua natureza de formação (1. derivação deverbal (*senti-*) + sufixação (*-mento*) + prefixação (*re-*), poderia ser classificada como “palavra complexa”, na definição de Rio-Torto (apud VIARO, 2004, p. 38):

A estrutura interna duma palavra complexa apresenta diferentes graus de opacidade ou de transparência formal e/ou semântica para os falantes nativos. [...] certamente *pianista* é mais fácil de decompor que *teclista*, *gradualista* que *optimista* ou *intimista*, e *granilítico* mais acessível que *esquelético* ou que *icónico* (do radical de *ícone*).

Houaiss e Villar (2001) informam o latim medieval *sentimentum* e o francês *sentiment* (na forma *sentement*) como étimos de ‘sentimento’, ao passo que Freitas (2018) indica a forma “sentimento” em português como empréstimo direto do latim (p. 348) e “ressentimento” um substantivo deverbal formado no próprio português a partir do verbo “ressentir” (p. 340).

Com relação à datação de *ressentimento* é proposta em Houaiss e Villar (2001) a data de 1720, a partir da ocorrência da palavra, na forma histórica *resentimento*, na obra de Bluteau (1720, p. 277):

Figura 35 – Verbetes “ressentimento” em Bluteau (1720)

Fonte: Bluteau (1720).

A forma “resentimento” repete-se em outra obra de Bluteau (1789b, p. 331):

Figura 36 – Verbete “ressentimento” em Bluteau (1789b)

Fonte: Bluteau (1789b).

O autor define *ressentimento* como “uma ofensa leve, ou que se encobre”, revestindo de novas camadas de significações a palavra, principalmente ao definir como algo que “se encobre”. De fato, o *ressentimento* carrega esse sentido de algo que ecoa porque ainda é sentido, embora não se queira admitir.

Há, ainda, uma ocorrência datada de 1709 para “ressentimento”, na obra *Agiologio Dominico, vidas dos santos, beatos, martyres, e outras pessoas veneraveis da ordem dos Prégadores por todos os dias do anno*, Volume 1, de Manuel de Lima, disposta no *Google Books*:

Figura 37 – Abonação de “ressentimento”

Fonte: Lima (1709).

Confirma-se a data de 1709 por meio da página de rosto dessa obra:

Figura 38 – Capa da obra *Agiologio Dominico, vidas dos santos, beatos, martyres, e outras pessoas [...], Volume 1*

Fonte: Lima (1709).

Em Houaiss e Villar (2009b) a informação de datação está atualizada em relação a Houaiss e Villar (2001): 1661, tendo como fonte Berredo (1749)⁴¹. Porém, em busca na obra referenciada, foram encontradas seis ocorrências para *ressentimento*, na forma “resentimento” (p. 245, 252, 438, 455, 602 e 627), mas que não são textos das citações de documentos históricos anteriores, e, sim, comentários do autor, como pode ser verificado em uma das ocorrências: o trecho está na

⁴¹ A obra contém citações de documentos históricos anteriores à sua publicação.

sequência de documento de 1661, que referencia Antonio Vieira como autor, contudo a palavra “resentimento” faz parte de texto do narrador da obra de 1749. Dessa forma, há um equívoco na datação informada por Houaiss e Villar (2009b), conforme se observa na Figura 39:

Figura 39 – Pesquisa de “ressentimento”

Fonte: Berredo (1749).

As outras ocorrências encontradas em busca na mesma obra também são comentários dispostos na sequência de documentos históricos. Por esse motivo, não será considerada a datação de 1661 de Houaiss e Villar (2009b) e sim a de 1720, de Houaiss e Villar (2001).

Em pesquisa no *Corpus* do Português, o resultado de uma ocorrência anterior à de 1709, também na forma histórica “resentimento”, permitiu propor para o vocábulo *ressentimento* uma retrodatação para o século XVII, a partir das “Cartas de Marquês de Sande”, escritas entre 1660 e 1665:

de V. E. Antonio de Sousa de Macedo Senhor Marquez de Sande. XLV
Depois de Sua Magestade, que Deos guarde, ter mandado escrever
a V. S. em carta de 21 do corrente que foi hontem que sendo

precizamente necessario mandar a Franca se valesse V. S. da pessoa de dom Francisco de Melo pareceo poderia haver razoen: para que el-Rei da Gram Bretanha nem gostasse de a ocupar neste negocio, e assi me da dizer a V. S. da sua parte que entendendo V. S. muito levemente que el-Rei tera qualquer **resentimento** de dom Francisco hir a França escuze V.S. o manda-lo, e neste cazo sendo necessario hir pessoa se rolha V. S. do secretario Francisco de Sa de Menezes, advertindo que isto só será quando V. S. entenda que totalmente que ra dom Francisco. Deos guarde a V. S. muitos annos. Lisboa 24 de Dezembro 1662. Conde de Castel Melhor Senhor Marquez de Sande XLVI Com esta carta se darão a V. Ex.a segundas vias das que S. Md. e ultimamente escreveo. (CDP)

Assim, tomando por base a data indicada no término da carta, esta pesquisa permite propor 1662 como retrodatação possível para *ressentimento*.

5.16 SOFRIMENTO

Derivado de “sofrer”, *sofrimento* vem do latim *sūffĕrĕre*, por *sūffĕrre*, conforme Cunha ([1982] 2010, p. 603).

Corominas ([1961] 1987) traz a origem do latim *sūffĕrre* com sentido de “suportar, tolerar, aguentar” (p. 547), assim como Faria ([1956] 1962, p. 963), que elenca *suffĕrō* (*subĭĕro*), *-fers*, *-fĕrre*, *sustŭli*, *-sublātum* com sentidos de “1) suportar, sofrer, resistir, sustentar (Plaut. Merc. 861) e 2) incorrer em castigo, ser condenado, castigado”.

Nesse sentido, de acordo com Cunha ([1982] 2010), Corominas ([1961] 1987) e Faria ([1956] 1962), infere-se que a origem do verbo “sofrer”, no latim, parece ser, como em outras palavras, uma composição do prefixo *sub-*, com sentido geral de “para baixo”, “embaixo”, anteposto a *fĕro*, com sentido de “carregar”. O prefixo tem, ainda, um sentido antigo de “carregar dentro do ventre, estar fecundado”, segundo Ernout e Meillet ([1932] 2001, p.227), os quais informam também que:

sub está pouco representado nas línguas românicas (rom. *su*, v. port. *so*, M. L. 8344), que têm representantes da forma plena *subtus* M. L. 8402. Mas um grande número de composições em *sub-* permaneceram ou foram criadas.⁴² (p. 660, tradução nossa)

⁴² *Sub* est peu représenté dans les langues romanes (roum. *su*, v. port. *so*, M. L. 8344), qui ont des représentants de la forme plus pleine *subtus*, M.L. 8402. Mais un grand nombre de composés en *sub-* sont demeurés ou ont été créés.

Considerando para *fěro* a acepção de “carregar”, que interessa particularmente para esta pesquisa, Ernout e Meillet ([1932] 2001, p. 227) indicam que “do sentido de 'carregar', com aspecto 'indeterminado', passou-se naturalmente ao sentido de 'suportar'”⁴³. Operou-se, assim, uma restrição de sentido no termo *fěro*, conseqüentemente o uso de *sub* intensificou ainda mais essa acepção, como que reforçando o sentido de “estar debaixo” de um grande peso, com dificuldade de carregá-lo, daí o incômodo, o sofrimento.

Fěro, então, significa inicialmente o carregar de pesos pelos animais de carga (os utensílios a serem carregados eram colocados em cima deles), gerando o *sufferre*, “carregar estando por baixo”, uma atividade nada agradável. Ao que parece, foi precisamente a partir dessa sensação desagradável, abstrata, que surge a ação de *sofrer*.

Ernout e Meillet ([1932] 2001, p. 229) consideram como “antigas, usuais e panromânicas” as formas *sufferō* (*sub-*), *sustulī*, *sublātum*, com sentido de “suportar, sofrer”⁴⁴, e fazem uma notação com relação a *sublātiō*, que se refere ao verbo *tollō* e significa “elevação, exaltação”.

Conforme Freitas (2018), *sofrimento* é uma palavra formada no próprio português; deverbal formado a partir da derivação sufixal de resultado de “sofrer”:

SOFRIMENTO (1438) – RES (do port. sofrer) “Nas cousas contrairas devemos temperar assy com sofrimento nossas voontades de sse nom descontentar, que per humildade e paciencia aja contentamento, sentindo que o avemos per dereita ordenança de nosso senhor, que nos penamenos que merecemos, e da gallardom mayor que nossos merecimentos”. (p. 351, grifo da autora)

Portanto, o vocábulo *sofrimento* não tem étimo nem origem latina, visto que sua base verbal é originária desta língua, tendo sido formado já no português. Houaiss e Villar (2001, p. 2598) detalham:

sofrimento s.m. 1 ação ou processo de sofrer 2 dor causada por ferimento ou doença; padecimento (o médico deu-lhe remédio para diminuir seu s.) 3 dor moral; amargura, ansiedade, angústia (s. de saudade) 4 vida miserável; miséria, penúria, dificuldade (muita gente enriqueceu à custa do s. alheio) s. fetal OBST queda dos níveis de oxigenação e de alimentação do feto durante a gravidez [Pode ser crônico, durante a gravidez, ou agudo, durante o parto.] ETIM *sofrer* + -i- + -mento; ver *sofr-*; f.hist. sXIV *sofrymēto*, sXV *sofrymento*, 1522

⁴³ *du sens de 'porter', avec aspect 'indéterminé', on passe naturellement au sens de 'supporter'.*

⁴⁴ *sufferō* (*sub-*), *sustulī*, *sublātum*: supporter, souffrir. Ancien, usuel. Panroman.

sufrimento; registra-se a f. *sofrença* em c1450 NOÇÃO de 'sofrimento', usar *pospos.* –patia. (grifo do autor)

Desse modo, infere-se que o *sofrimento* não é propriamente a “dor”, mas a sensação de grande incômodo sentido em situações ou condições não ideais ou adequadas em qualquer nível, como o psicológico, mental e também o físico, por um processo de ampliação semântica para o resultado da ação de sofrer.

Não seria incorreto afirmar que *sofrimento* passou a ter tal acepção observando-se o alargamento de seu significado, tendo como referência-base a posição incômoda (e concreta) advinda da imagem da postura “de estar debaixo de”, reforçada pelo prefixo *sub-*, e o esforço de “carregar”, “suportar” algo de grande peso nessa posição. E o que é o sofrimento senão o grande incômodo de estar numa situação desagradável, que naturalmente não se quer aceitar?

A respeito da etimologia, Houaiss e Villar (2001) assim a descrevem:

rad. de *sofrer* com alt. da vogal temática -e- > -i- + -mento; ver *sofr-*; f.hist. sXIV *sofrymêto*, sXV *sofrymento*, 1522 *sufrimento*; registra-se a f. *sofrença* em c1450⁴⁵ (p. 2598)

A pesquisa no *Corpus* de Textos Antigos trouxe como resultado a mesma ocorrência da datação proposta por Houaiss e Villar (2001), na obra *Vida do honrado Infante Josafat, filho d'el Rei Avenir*, de autoria desconhecida, datada entre 1375 e 1400⁴⁶:

[17r] assy ffoy anoJado por sseu filho como tu fezeste ser a mÿ triste e noJoso e desonrraste a mÿnha ujlhiçe e as mÿnhas cãas e tolheste o llume dos meus olhos e talhaste todallas forças dos meus neruos ca o temor que eu temja veo ssobre mÿ E aquello que eu aReçeaua aconteçe me e soõ feyto ã escarnho a todos os meus Jmjgos porque tu cõ muçidade e per nã saber crees e obedeçes aas pallauras e ao consselho dos êganadores e curas mais do consselho dos neijios que do meu E leyxaste de adorar os nossos deoses e serues deus alheo. filho porque fezeste esto Eu esperaua que te auja de criar cõ toda guarda e que fosses **sofrymêto** E logo da minha vilhiçe e que ficasses por bõ socssor de meu Reyno mais tu nã as uergonha de me mostrares obras de Jmjgo mortal E Jsto nã conpria ora mais tu filho obedeçer a mÿ e fazeres o que te eu ãsignasse ca obedeçeres aa ssandiçe e aas pallauras loucas daquel velho podre emganador que

⁴⁵ Como visto, *sofrimento* apresentou variação nas formas ao longo do tempo. Interessante notar a forma *soffrença*, datada de 1450, e hoje em dia haver também a variação *sofrência* de uso generalizado, batizando inclusive um gênero musical – é comum atualmente ouvir o epíteto ‘música de sofrência’.

⁴⁶ Disponível em: <http://teitok.clul.ul.pt/teitok/cta/index.php?action=file&cid=M1143T1056.xml&jmp=w-10515>. Acesso em 09 jan. 2021.

te diz que leyxes a uida doce e ssaborosa e que tomes uida amargosa e aspera E que leyxes a carreira cõprida de mujtos deleitos e que andes polla carreya aspera e noJosa per que andou o ffilho de maria e que mandou andar aos seus e nõ has temor da ssanha dos nossos grandes deoses que te matẽ . cõ seu corisco . ou te ffaçã soruer aa terra que nos ffezerõ tantos bẽes e nos derã tantas Requezas e tam grandes poderios. honrrarõ te de coroa de Reyno e ffezerõ te naçer polla mjna oraçõ que lhes eu fige. estes desprezaste tu e aprendeste te ao cruçifixo per ãgnano[12] das vaãs pallauras dos seus sergentes que dizẽ mujtas mjtiras. mais agora filho mujto amado obedeeçe a mĩ que soõ teu padre e tira te destes ffallssos escarnhos e vem e ffaze ssacriffiços aos piadossos. (CTA)

Assim, por não ter encontrado resultados de ocorrência em data anterior à proposta por Houaiss e Villar (2001), a pesquisa confirma a datação de *sofrimento* no século XIV, porém datando mais especificamente com o período de 1375-1400.

5.17 SOLIDÃO

Solidão teria vindo do latim *sōlitūdō, īnis*, conforme Faria ([1956] 1962, p. 929): “**sōlitūdō, īnis**, subst. F. I – Sent. Próprio: 1) Solidão, retiro (Cic. Lae. 87). II – Sent. Figurado: 2) Abandono, vida isolada e sem proteção (Cic. Verr. 1, 153). 3) Falta, privação (T. Liv. 6, 25, 10)”.

A entrada do verbete em português em Houaiss e Villar (2001, p. 2602) traz as seguintes informações:

1 estado de quem se acha ou se sente desacompanhado ou só; isolamento <*vive na mais negra s.*>

2 caráter dos locais ermos, solitários <*em meio à s. do deserto*>

3 local despovoado e solitário; retiro

4 vasto espaço ermo, sem população humana <*s. do mar, da taiga, da floresta etc.*>

5 sensação ou situação de quem vive afastado do mundo ou isolado em meio a um grupo social <*quanto mais gente, maior a sua s.*>

Ao descreverem as informações etimológicas, Houaiss e Villar (2001) recuperam Faria ([1956] 1962) e mencionam “lat. *solitūdo, īnis* no sentido de 'solidão, retiro; desamparo, abandono'; ver 2sol(i)-; ocorre a f. *soidão*, com perda da consoante líquida; f.hist. 1525 *solidã*, 1635-1688 *soledão*, a1697 *solidão*”.

A comparação de *solidão* no português com as formas que a palavra apresenta em quatro línguas do grupo românico mostra o caminho dos metaplasmos e dá pistas para a busca de seu étimo e sua origem: *soledad* (espanhol), *solitud* (francês) e *solitudine* (italiano). No romeno, há a forma *singurătate*, que não compartilha o mesmo radical *sol(i)-* (origem do português *só* < latim *solum*) das palavras das demais línguas citadas, remetendo a *singulus* “sozinho”. Entretanto, há também a forma romena *solitudine*, com sentido igual de *solidão* (BUESCO, 1977, p. 403, 407), aproximando-se das palavras nas outras línguas citadas.

O item lexical *solidão* carrega a marca do português no ditongo nasal, originado do *-ud(o)* latino (Viaro, 2004, p.38). Já a forma do italiano – *solitudine* – recupera mais claramente o acusativo latino *solitudīnem*, assim como a forma espanhola *solitud* e a francesa *solitude*. O espanhol também apresenta a forma *soledad*, que se relaciona à ‘saudade’. Em português, há também a forma *solitude*, e, embora Houaiss e Villar (2001) a considerem como mero sinônimo de *solidão*, a pesquisa mostrou que a coexistência das formas não ocorre pelo fato de uma ser mais ou menos erudita.

Nesse sentido, há sutis questões semânticas que norteariam a escolha da forma e seu uso⁴⁷. Para Coelho (1890, p. 1119), *solidão* tem origem em *solitudīnem*: “**Solidão**, so-li-dão, s. f. Estado do que está só; soledade. Ermo. (Lat. *solitudine*)”.

Tanto *solidão*, quanto *solitude*, assim como as formas latinas *sōlitūdō*, *īnis*, são derivadas do adjetivo latino *sōlus*, *-a*, *-um*, *-id*. Segundo Faria ([1956] 1962, p. 930), os significados são: “**Sōlus**, **-a**, **-um**, adj. I – Sent. próprio: 1) Só, único (Cic. Prov. 18). II – Sent. moral: 2) Só, solitário (Ter. Ad. 291). 3) Solitário, deserto (Cíc. Div. 1, 59)”.

Corominas (1983) afirma o aspecto panromânico do antepositivo *solo* como elemento de composição de “uso geral em todas as épocas e comum a todos os romances do Ocidente” (p. 295). Dentre as muitas derivações de *solo*, o autor remete à relação do espanhol *soledad* com o português *saudade*, conforme mencionado, aspecto sobre o qual esta pesquisa não se aprofundará:

SOLO, del lat. SŌLUS, -A, -UM, íd. 1.^a doc.: 1040, Oelschl.; Cid. «Todos eran idos, ellos quatro solos son» Cid, 2712, «sola salló como ladrón, / que non demandó companyón» Sta. M. Egipc., 140. De uso general en todas las épocas y común a todos los romances de

⁴⁷ Sobre a variação do uso entre *solitude* e *solidão*, percebe-se que a escolha se pauta pela significação. Um exemplo disso pode ser observado nesta reportagem: <https://vidasimples.co/ser/solitude-como-encontrar-em-nos-nossa-melhor-companhia/>. Acesso em 26 dez. 2020.

Occidente. Desde los orígenes se emplea también como adverbio sólo, así ya en Berceo

[...]

DERIV. *Soledad* [APal. 191b, 463b; «solitudo» Nebr.]; en la ac. 'añoranza' es hermano del port. *Saudade*¹: en cast. se documenta ya en la 2.^a mitad S. XVI («Madalena anda hoy con gran s. de su yerno, que partió hoy para ahí», carta de Felipe II citada en Cuervo, Ap.7, p. 533; don Quijote, en casa de los Duques cuando parte Sancho para su Ínsula «sintió su s., y si le fuera possible revocarle la comisión y quitarle el Gobierno, lo hiziera» II, xlv, 165r²; más documentación reúne Rz. Marín en su ed. del Quijote, 1928, VII, 350-64), hoy se emplea sobre todo en Canarias (BRAE VII, 340) y Arg. (BDHA III, 64); *soledoso* [Acad. 1884 'solitario'; 1925 'que siente añoranza', ac. usual en santand. -ej. de Pereda en Pagés2- y arg.]. *Soledumbre*, raro. *Solista*. *Solitario* [Berceo; APal. 463b, 471b], tomado de *solitarius* íd.; *solitario* m. 'cierta ave' («s., ave: passer *solitarius*» Nebr.); -*aria* f. 'especie de dengue de lienzo blanco que ha caído en desuso' ast. (V), 'tenia' [Acad. ya 1817]. *Solitud* ant.

[...]

1 *Saudade* Éste aparece ya tres veces en las Ctgs. (en la forma *soidade*) con el sentido de 'deseo': «el Rei de ver esto avia gran *soidade*» 79.11. Como gallego mod. Sarm. (CaG. 199r) sólo reconoce una forma *suidades* («lo mismo que el *saudades* portugués»). Castelaio admite *saudade* también como gallego moderno y profundiza en los matices y resonancias del concepto, 252.7, 272.11ss., pero advierte que lo estrictamente gallego es *soedades*: con el matiz portugués emplea éste (teño *soedades* 290.22) y establece distinciones semánticas entre las dos formas (267.7f. y 268); en fin, emplea también *soedade* en el sentido etimológico 'soledad, aislamiento' (*o sol é unha choiva de lume a caer na soedade das prazas* 150.5). Para el concepto de la *saudade* o *soledad*, Vossler, Sitzungsber. d. Bayrischen Akad. 1931, cuad. 1.— 2 Y ya en 1876 en Gumersindo Laverde Ruiz, cita de Mz. Pelayo, La Ciencia Esp. I, 17, quien lo imprime en cursiva. — 3 Es vulgar la variante *soldemente*, que ya figura con este carácter en Tirso, La Villana de Vallecas, v. 3500 (III, x). Lamano dice que hoy en Salamanca se ha hecho raro, mientras que siguen empleándose mucho *sólido* por *solo* y *solidez* por *soledad*, a cuyo influjo, por lo visto, atribuye esta alteración vulgar. No estoy seguro de que esté en lo cierto. ¿No habrá imitación de la pareja *aldemenos* = a lo menos? (p. 295-296)⁴⁸

⁴⁸ "SOLO, del lat. SŌLUS, -A, -UM, íd. 1.^a doc.: 1040, Oelschl.; Cid. «Todos se foram, são apenas quatro» Cid, 2712, «só saiu como ladrão, / que não pediu companhia» Sta. M. Egipc., 140. De uso geral em todos os tempos e comum a todos os romances do Ocidente. Desde o início também foi usado apenas como advérbio, portanto, já no Berceo; [...] DERIV. *Soledad* [APal. 191b, 463b; "Solitudo" Nebr.]; na ac. "añoranza" é irmão do port. *Saudade*¹: en cast. Está documentado já na 2.^a metade do século XVI ("Madalena caminha hoje com o grande século do genro, que partiu para lá hoje", carta de Felipe II citada em Cuervo, Ap.7, p. 533 ; Dom Quixote, na casa dos Duques quando Sancho partiu para sua Insula "sentiu sua s., e se lhe fosse possível revogar sua comissão e tirar o Governo, o exemplo" II, xlv, 165r², mais documentação reúne Rz. Marín em sua ed. de Dom Quixote, 1928, VII,

O elemento *sol(i)*- traz a acepção primeira dos termos dele derivados: um só, único, sem conotação negativa que relacionasse o sentido ao campo semântico de *tristeza* ou ao de um outro sentimento negativo qualquer. Segue a descrição de Houaiss e Villar (2001, p. 2602) para o elemento de composição *sol(i)*-:

sol(i)- *el. comp.* antepositivo, do lat. *sōlus*, *a*, *um* 'só, solitário'; donde *solum*, *solummodo* 'somente'; us. em todos os tempos, panromânico, salvo romn. (it. *solo*, logd. *solu*, engad. *sul*, friul. *sol*, fr. *seul*, provç.cat. *sol*, esp. *solo*, port. *só*); der. e comp. latinos: *solitudo*, *īnis* 'solidão'; usual, clássico; *solītas*, *ātis* 'solidão, desamparo, abandono; retiro, lugar secreto', conservado nas línguas hispânicas (esp. *soledad*, port. *saudade*); *solitariūs*; *solatariūs* (= *monachus* 'monge'); *solitanēus*, *a*, *um* 'separado, isolado'; *desōlo*, *as*, *āvi*, *ātum*, *āre* 'deixar só, despovoar, desolar, devastar, assolar, destruir', não atestado antes de Vergílio (70 a.C.-19 a.C.), us. sobretudo no part. pas. lat. *desolātus*, sobre o qual parece que o v.lat. *sōlo*, que se acha apenas em Sêneca (c.4 a.C.-65 d.C.) e Estácio (c.45-96), tenha sido feito; a cognação port. inclui: *saudade* (e comp. com *saudade*- como primeiro el.), *saudadense*, *saudades*; *só*, *soidade*, *solar* 'tocar um solo', *solar* 'ganhar no jogo de solo', *soledade*, *solidade*, *solidão*, *soliférreo*, *solilóquio*, *soliloquista*, *solipsismo*, *solipsista*, *solipsístico*, *solipso*, *solista*, *solitário*, *solitude*, *solo* 'trecho musical', *solo* 'jogo de cartas', *solteirice*, *solteiro*, *somente*, *sós* (*a*), *sozinho*; *desolar* e derivados, ver *desol*-; para contraste, ver *consol*-

O termo *solidão* foi sendo revestido de acepções e semas negativos a partir do uso, por meio de sentidos figurados diferentes do sentido próprio mencionado por Faria ([1956] 1962), relacionando-o ao campo semântico de *tristeza*. A princípio, estar só não seria motivo de tristeza, ou de incompletude. As sensações de falta, de ausência e de distanciamento tornaram-se agregadas ao sentido de *solidão*, talvez

350-64), hoje é usado principalmente nas Ilhas Canárias (BRAE VII, 340) e Arg. (BDHA III, 64); soledoso [Acad. 1884 'solitário'; 1925 'quem sente saudade', ac. usual em santand. -ej. por Pereda em Pagés2- y arg.]. Soledumbre, raro. Solista. Solitário [Berceo; Um amigo. 463b, 471b], retirado de *solitarius* id.; solitário m. 'Certo pássaro' ('s., Pássaro: *passer solitarius* Nebr.); -aria f. 'Uma espécie de dengue de tela branca que caiu em desuso' ast. (V), 'teve' [Acad. já 1817]. Solitud ant. [...] 1 *Saudade* Este já aparece três vezes nas Cantigas (na forma de *soidade*) com o sentido de 'desejo': "o Rei de ver isto é uma grande *soidade*" 79.11. Como um mod galego. Sarm. (CaG. 199r) apenas reconhece a forma *suidades* ("igual ao *saudades* do português"). Castela admite *saudade* também como galego moderno e investiga as nuances e ressonâncias do conceito, 252.7, 272.11ss., Mas avisa que o que é estritamente galego é *soedades*: com a nuance portuguesa usa esta (teño *soedades* 290.22) e estabelece distinções semânticas entre as duas formas (267.7f. e 268); finalmente, também usa *soedade* no sentido etimológico "solidão, isolamento" (ou sol é unha choiva de lume a caer na *soedade* das prazas 150.5). Para o conceito de *saudade* ou *solidão*, Vossler, Sitzungsber. d. Bayrischen Akad. 1931, sq. 1.— 2 E já em 1876 em Gumersindo Laverde Ruiz, uma citação de Mz. Pelayo, La Ciencia Esp. I, 17, que o imprime em itálico. - 3 É vulgar a variante *soldemente*, que já aparece com este personagem em Tirso, La Villana de Vallecas, v. 3500 (III, x). Lamano diz que hoje em Salamanca tornou-se raro, enquanto se continua a usar muito sólido por solo y solidez por soledad, a cuja influência, aparentemente, atribui esta alteração vulgar. Não tenho certeza de que esteja certo. Não haverá imitação do par *aldemenos* = a lo menos?" (tradução nossa).

por isso se assemelhe à sensação de *saudade*, sentimento característico de falta de companhia, da sensação de se estar longe de quem se ama, de um lugar ou de uma experiência.

Esse processo de significação parece ser contrário ao que se observa no uso de *solitude*, considerada palavra de linguagem formal, termo poético ou literário por Houaiss e Villar (2011); dessa forma, contraria a relação de sinonímia proposta pelos autores: “**Solitude** s.f.frm. m.q. **SOLIDÃO**. ETIM lat. *solitudo*, *tnis* ‘solidão, retiro’, ver ²sol(i)- (p. 2603)”.

Sobre a datação, a pesquisa encontrou no *Google Books* ocorrências do item lexical na forma ortográfica atual, *solidão*, em obra de 1572. Dessa forma, houve retrodatação da proposta de Houaiss e Villar (2001), a partir da obra *Segunda parte dos Dialogos da imagem da vida Christiam* [...], escrita pelo Frei Hector Pinto e publicada em 1572, com as seguintes ocorrências:

Figura 40 – Abonação de “solidão”

Fonte: Pinto (1572, p. 15).

Figura 41 – Abonação de “solidão”

Fonte: Pinto (1572, p. 77).

Segue a capa da obra, em que há a datação proposta para o termo *solidão*:

Figura 42 – Capa da obra *Segunda parte dos Dialogos da imagem da vida Christiam [...]*

Fonte: Pinto (1572).

Como a pesquisa não obteve sucesso na busca por ocorrências nas outras formas – *soidão*, *solidã* (1525) e *soledão* (1635-1688) – e não tem intenção de datar formas ortográficas para as palavras buscadas, mantém a data de 1525 como entrada no português, conforme Houaiss e Villar (2001, 2009b).

5.18 SUBMISSÃO

Submissão vem do latim *submissō*, *-ōnis*, derivado do verbo *mīttēre* em composição com o prefixo *sub-*, conforme Viaro (2004, p.39). Está, portanto, no rol das palavras cujos afixos exercem influência fundamental para seu significado. Em Faria ([1956] 1962, p. 955) é assim descrita: “**Submissō (summ-), -ōnis**, subs. F. I – Sent. próprio: 1) Ação de abaixar (a voz) (Cic. Of. 1, 146). II – Daí: 2) Inferioridade (Cic. Top. 71). 3) Simplicidade (do estilo) (Cic. Or. 85)”.

A pesquisa dessa palavra recupera a raiz latina *√mis.s-*, pelo particípio *missus*, e às vezes na forma *√mes.s-*, conforme Viaro (2004): “*aquele que é enviado tem uma missão*” (p. 151) e “*quem é mandado para baixo, torna-se submisso*”(p.152).⁴⁹

Faria ([1956] 1962, p. 615) assim descreve o verbo latino *mīttēre*:

mitto, *-is, -ēre, misi, missum*, v. tr, I - Sent, próprio: 1) Deixar ir, deixar partir, soltar, largar (Ter. Ad. 780); (Hor. W A. Poet. 476). Daí: 2) Lançar, atirar I (Cés. B. Civ. 3, 93, 1); (Hor. Sát. 2, [7, 17]. II — Sent, figurado: 3) Omitir, silenciar, passar em silêncio, pôr de lado; (Cic. Verr. 4, 116); (Cic. Br. 258). Posteriormente: 4) Enviar, mandar (Cés. f B. Gal. 1, 18, 10); (Cic. Tuse. 1, 97).: 5) Licenciar, despedir (Cic. Br. 218); (Cíc. Phil. 5, 53), 6) Tirar sangue, sangrar (sent, físico e moral) (Cíc. At. 6, 1, 2). 7) Loc: **manu mittere**; «libertar» (Plaut. Poen, 100); **mittere se in foedera**: ligar-se por tratado»; **mittere se in aliquem**: «atacar alguém»; **mittere in suffragium**: <mandar votar>; «**mittere sob jugum** ou **sub jugo**: «fazer passar as legiões sob o jugos-. Obs.: Perf. sincopado: **misti = misisti** (Catul. 14, 14).

As informações de Faria ([1956] 1962) resumem as que apontam Ernout e Meillet ([1932] 2001, p. 407), mais detalhadas e exemplificadas. Os sentidos que importam são os que Faria ([1956] 1962) enumera como surgidos “posteriormente”: “*enviar, mandar*”.

Em Houaiss e Villar (2001), *submissão* tem as seguintes acepções:

submissão s.f. ato ou efeito de submeter(-se) 1 condição em que se

⁴⁹ Mais uma vez, é reproduzido trecho de uma história fictícia, protagonizada por Numásio, personagem de Viaro (2004).

é obrigado a obedecer; sujeição, subordinação <s. às leis> 2 disposição para obedecer, para aceitar uma situação de subordinação; docilidade, obediência, subalternidade <s. canina> 3 pej. humildade afetada; subserviência, servilismo <dirigiu-se ao chefe com toda a s.> ETIM lat. *submissō*, *-ōnis* 'abaixamento (da voz); simplicidade (de estilo) inferioridade', der. de *submissum* supn. se *submittēre* 'submeter'; ver *'met-*; f.hist. a1595 *submissam*, 1635 *summissão*, 1720 *submissaō*, 1720 *somissaō*, 1720 *sumissaō*, 1789 *submissaō*. (p. 2626)

Sobre *met-*, assim como Faria ([1956] 1962), Ernout e Meillet ([1932] 2001) e Viaro (2004), Houaiss e Villar (2001, p. 1905) também trazem muitas informações:

'met- *el. comp.* antepositivo, do v. port. meter 'pôr dentro, introduzir', der. do v.lat. *mitto, is, misi* (*missi* em Plauto, 254-184 a.C.), *missum, mittēre* 'deixar ir, deixar partir, soltar, largar, lançar, atirar' e, com um infinitivo, 'deixar de, cessar de'; no sentido moral, 'omitir, passar em silêncio', donde 'mandar, enviar, mandar por carta'; a cognação lat. inclui *missō, ōnis* 'envio, remessa; despedida ou saída de um emprego; libertação de um preso, perdão; conclusão, remate, fim', *missus, us* 'entrada dos carros, dos gladiadores na liça; ação de soltar as feras para o combate; serviço da mesa; ação de enviar; ação de atirar, tiro, jato; corrida de cavalos', *missum, i* 'prêmio ou recompensa do combate', *missarūm, īi 'id.'*, *missilis, e missibilis, e* (tardio) 'que se lança', *missile, is* 'arma de arremesso', *missila, ūm* 'presentes que por ocasião de certas festas eram jogados ao público por ordem do imperador'; *missa, ae* 'ação de enviar, remessa; ato de deixar sair, de permitir que alguém vá embora; missa, celebração do ofício divino' (it. *messa*, logd. *missa*, engad. *messa*, friul. *mese*, fr. *messe*, provç. *mesa*, cat. *missa*, esp. *misa*, port. *missa*) os v. der. [...] *submitto, is* 'pôr debaixo, lançar (o macho à fêmea); submeter, subjugar, sujeitar': romn. *sumete*, it. *sommettere*, provç. *sometre*, esp. port. *someter*, *submissō, ōnis* 'ação de abaixar (a voz); simplicidade (do estilo), inferioridade'[...]. (p. 1905)

Assim, é nítida a imagem que a raiz *mis-* carrega em *submissão*: “ação de enviar, remeter”, ou seja, não há nenhum significado negativo. Desse modo, a preposição *sub-* terá a função de agregar ao radical o sentido negativo, devido ao significado que carrega, conforme Viaro (2004, p. 39):

sub-: tem o sentido básico de “de baixo para cima”, de onde poderia significar tanto “embaixo” (decorrente do ponto de partido do movimento: *sub.terrâneo*) quanto “para cima” (resultado do movimento: *sub.ir*). Do valor de “embaixo” nasce a ideia de “submissão” (decorrente de metáfora em que os que dominam estão por cima: *sub.jugar*), “substituição” (imagem de alguém que vem de baixo para ocupar o cargo anteriormente ocupado por outro: *sub.stituir*), “descendência” (da imagem de algo que brota: *se.ceder*), “ajuda” (como o apoio da mão que corre por baixo de alguém que cai, para socorrê-lo: *sub.sídio*), “ação furtiva ou ilícita” (como um ladrão que passa por baixo da casa ou de alguém que passa um suborno por baixo da mesa: *sub.reptício*). Do valor de “para cima” origina-se o sentido de “aproximação” (*sub.sequente*).

Dessa maneira, com as informações da raiz (*mis-*) e do prefixo (*sub-*), ambos latinos, é possível esclarecer e tornar concreta a imagem da submissão “decorrente de metáfora em que os que dominam estão por cima”, conforme trecho de Viaro (2004) supracitado. Plástica e metaforicamente, é a imagem de alguém sendo drasticamente lançado de cima para baixo por um outro. A *submissão* carrega consigo, portanto, a subjugação, o silenciamento e o desprezo para quem se vê submetido por alguém, ou alguma situação. Esses múltiplos sentidos negativos a relacionam com o campo semântico de *tristeza*.

Sobre a datação, Houaiss e Villar (2001) fornecem várias, uma para cada forma ortográfica do termo conhecido em português: *submissam* (antes de 1595), *summissão* (1635), *submissaõ* (1720), *somissaõ* (1720), *sumissaõ* (1720), *submissão* (1789).

No *Google Books*, a pesquisa de registros da forma “submissam” obteve como resultado uma ocorrência na obra *Armonia politica: dos documentos divinos com as conveniencias d'estado: exemplar de principes no governo dos gloriosissimos reys de Portugal [...]*, de autoria de António de Sousa de Macedo em 1651, posterior à data de 1595, proposta por Houaiss e Villar (2001):

Figura 43 – Abonação de “submissam”

Segue a capa da obra encontrada:

Figura 44 – Capa da obra *Armonia politica: dos documentos* [...].

Fonte: Macedo (1651).

Ainda por meio do *Google Books*, a pesquisa por ocorrências na forma *submissão* obteve duas abonações na obra *Santoral de varios sermoens de sanctos*, de autoria de Cristóvão de Lisboa, publicada em 1638:

Figura 45 – Abonação de “submissão”

Fonte: Lisboa (1638, p. 57).

Figura 46 – Abonação de “submissão”

Fonte: Lisboa (1638, p. 61).

Figura 47 – Capa da obra *Santoral de varios sermoens de sanctos*

Fonte: Lisboa (1638).

A forma *sumissão* foi encontrada, também no *Google Books*, em uma ocorrência na obra *Insulana*, de Manoel Thomas, publicada em 1635:

Figura 48 – Abonação de “sumissão”

Fonte: Thomas (1635).

Figura 49 – Capa da obra *Insulana*

Fonte: Thomas (1635).

Somissão apresentou ocorrência no *Google Books* em data anterior à de Houaiss e Villar (2001), proposta como 1720, na obra *Discurso da iornada de D. Gonçalo Coutinho à villa de Mazagam e seu governo nella*, de autoria de D. Gonçalo Coutinho, publicada em 1629:

Figura 50 – Abonação de “somissão”

Fonte: Coutinho (1629).

Figura 51 – Capa da obra *Discurso da iornada de D. Gonçalo Coutinho à villa de Mazagam e seu governo nella*

Fonte: Coutinho (1629).

Por fim, a pesquisa no *Google Books* possibilitou, ainda, encontrar registro do item lexical *submissão* em ocorrência na obra *Monarchia Lusytana: Em que se continuão ad historias de Portugal desde o nascimento de nosso Saluador Iesv Christo, ate ser dado em dote ao Conde dom Henrique - Volume 2*, escrita por autoria de Bernardo de Brito e publicada em 1609:

Figura 52 – Abonação de “submissão”

Fonte: Brito (1609).

Segue a capa da obra encontrada na pesquisa:

Figura 53 – Capa da obra *Monarchia Lusytana* [...]

Fonte: Brito (1609).

A partir da base de dados do *Google Books*, a pesquisa permitiu confirmar as ocorrências das formas históricas do vocábulo *submissão*, mantendo a datação de *submissam* (antes de 1595) e *summissão* (1635), pois não foram encontradas abonações anteriores, e retrodatando as formas *submissaõ* (1638), *somissaõ* (1629), *sumissaõ* (1635). A forma *submissão*, em uso na língua portuguesa, também pôde ser retrodatada, com ocorrência registrada em 1609, conforme o quadro a seguir:

Quadro 1 – Datações confirmadas e retrodatações propostas para as formas históricas de *submissão* no português

forma	Houaiss e Villar (2001)	retrodatação
'submissam'	antes de 1595	não (1651)
'summissão'	1635	não (1774)
'submissaõ'	1720	sim: 1638
'somissaõ'	1720	sim: 1629
'sumissaõ'	1720	sim: 1635
'submissão'	1789	sim: 1609

Fonte: Elaborado pela autora.

Por não ser escopo deste trabalho realizar um levantamento das abonações para cada forma ortográfica registrada de uma mesma palavra, essas apurações não foram feitas em todas as palavras pesquisadas.

Dessa forma, não se retrodatou *submissão*, mantendo a abonação indicada em Houaiss e Villar (2001, 2009b), que informam a data de antes de 1595 como primeira ocorrência para o termo, visto que a pesquisa encontrou registro da forma ortográfica atual em 1609, posterior à proposta pelos autores.

5.19 SUPLÍCIO

Suplício vem do latim *supplicium*, *ĩ*, genitivo plural de *supplex*, *-icis*, conforme Ernout e Meillet ([1932] 2001, p. 669), cuja origem está no verbo latino *supplicare*, daí *supplicare* e *subplicar*, conforme Cunha ([1982] 2010, p. 614).

Retomando Faria ([1956] 1962, p. 971), o verbete *súplice*, pode contribuir para que possa ser estabelecida com mais segurança a base concreta dessa emoção, pois, “etimologicamente, o sentido primitivo de *supplex* é ‘que se curva, que se dobra sobre os joelhos’ (que era a atitude física tomada pelo suplicante), passando depois ao sentido de ‘quem se prostrina’; donde suplicante”.

Decompondo-o, observa-se que *suplício* é mais um termo composto do *corpus* desta dissertação, formado por *sub-*, prefixo latino com sentido geral de “para baixo”, “embaixo”, antecedendo *plicãre*, que no português adquiriu sentido de “chegar”, a

partir do latim “dobrar, enrolar”, caracterizada pela opacidade do termo. Aqui cabe explicar o porquê dessa alteração verificada em nossa língua (de “dobrar” para “chegar”), fazendo referência a Cunha ([1982] 2010), que nos traz esclarecimentos importantes:

explica-se a evolução semântica pelo fato de o voc. ter origem na linguagem náutica; do sentido primitivo do lat. ‘dobrar, enrolar’ passou-se ao de ‘chegar (ao porto, a embarcação), pois nessa ocasião os marinheiros dobravam e enrolavam as velas. (p. 147)

Nota-se, nesse exemplo, como é possível ligar o verbo ao ato para explicar uma transformação semântica. O sentido de *suplício*, inicialmente, repousava sobre o conteúdo semântico da “oração”; como afirmam Ernout e Meillet ([1932] 2001, p. 669, tradução nossa), da “súplica feita aos deuses para obter qualquer coisa, seja em ação de graças ou como marca de submissão”⁵⁰, em posição de reverência, dobrando-se de joelhos, com o torso e cabeça para baixo, como os islamitas fazem suas orações. Adquiriu posteriormente também o sentido de “sacrifício” de uma vítima, geralmente um animal, como oferenda aos deuses; por fim, o ato de sacrificar com a morte, daí para tortura, sentença de morte, espraiando-se em sentidos vários, como observado por Houaiss e Villar (2001):

suplício s.m. 1 grave punição corporal ordenada por sentença; tortura, sevícia (o s. da roda) 2 sofrimento físico intenso provocado propositadamente em um ser, humano ou animal, por crueldade; sevícia 3 sofrimento intenso provocado em um ser humano por técnicas especiais que podem envolver aparelhos esp. desenvolvidos para isso, com o fim de obter revelações ou confissão de crimes, quer tenham sido, quer não, praticados por aquela pessoa; tortura (na Idade Média, as confissões eram arrancadas por meio de s.) 4 pena de morte 5 execução dessa pena 6 dor física intensa e prolongada (sofria de enxaqueca, um verdadeiro s.) 7 *p.ext.* grande sofrimento moral; aflição intensa e prolongada (*a presença do rival era para ele um s.*) *suplícios* s.m.pl. 8 cordas com que eram supliciados os mártires 9 disciplinas (correias) com que os religiosos castigavam o corpo [...]. (p. 2643).

A cena evocada pela palavra *suplício* é suficiente para indicar a expressividade que carrega: traz concretamente a imagem da postura física de se colocar com os joelhos dobrados para baixo, em paralelo a todas as outras acepções.

Houaiss e Villar (2001) datam a entrada de *suplício* no léxico português em 1572, na obra de Camões, *Os Lusíadas*, ocorrência confirmada pela pesquisa.

⁵⁰ “*supplication adressée aux dieux soit pour em obtenir quelque chose, soit em action de graças ou comme marque de soumission*”.

Figura 54 – Abonação de “suplicio”

Fonte: Camões (1572).

No *Corpus* do Português, obtive-se um resultado datado de 1637, em *Epanaphora politica primeira*, escrito por Francisco Manuel de Melo:

[...] Ora sendo esta, seria bem contado pello universo, que vossa amisade com el Rey de Espanha, venha a servir de teatro ao **suplicio** de suas armas? Se foreis nosso inimigo, fomos mais venturosos, porque desviandose nossa Armada de vosso amparo, achara (nam ha duvida) mayor socorro na desesperação, do que na amisade. [...]

Por ora, a pesquisa confirma a datação proposta por Houaiss e Villar (2001) para *suplício*: 1572, retomada de Cunha (1966).

5.20 TRISTEZA

Tristeza, segundo Houaiss e Villar (2001, p. 2772), vem do latim *tristitia*, *ae*, no sentido de “tristeza, aspecto triste”.

Em Cunha ([1982] 2010, p. 652), *tristeza* está descrita na entrada dedicada a ‘triste’:

triste *adj.* ‘magoado, aflito, sem alegria’ | *trist* XIII | Do lat. *tristis* || DES-ENT**trist**ECER 1844 || EN-**trist**ECEDOR XX || EN-**trist**ECER | *entres-* XIII || EN-**trist**ECIDO XVI || **triste**ZA XIII. Do lat. *tristitia* || **tristi**MANIA 1899 || **trist**ONHO XVI || **trist**URA *sf.* ‘ant. tristeza’ XIII.

Tanto Houaiss e Villar (2001) quanto Cunha ([1982] 2010) citam o latim *tristitia* como origem do vocábulo *tristeza*, ressaltando o elemento de composição *trist(i)-*, assim descrito em Houaiss e Villar (2001):

trist(i)- *el. comp.* antepositivo, do lat. *tristis*, e ‘triste; de aspecto sombrio; funesto; amargo’; as f. român. remontam a *tristis* e *tristus* (formado prov. por analogia com *laetus*, *maestus* e atestado em baixa época: provç. *tritz*, it. fr. esp.port. *triste*; romn. *trist*, it. *tristo*, logd. *tristu*, friul. engad. provç. cat. *trist*); ocorre em voc. já origin. latinos, já formados à sua feição, atestados desde as orig. da língua: *atristado*, *atristador*, *atristar*, *atristurado*, *atristurar*; *contristabilidade*, *contristação*, *contristado*, *contristador*, *contristamento*, *contristante*, *contristar* (< lat. *contristāre*), *contristável*; *desentristecedor*, *desentristecente*, *desentristecer*, *desentristecido*, *desentristecimento*, *desentristecível*; *entristecedor*, *entristecente*, *entristecer*, *entristecido*, *entristecimento*; *tristão*, *triste*, *triste-pia*, *tristes*, *triste-vida*, *tristeza*, *tristimania*, *tristimânico*, *tristímico*, *tristonho*, *tristor*, *tristura*, *tristuroso*. (p. 2772)

Os autores citam também *tristura* como forma antiga e sinonímica de *tristeza*. Segundo Houaiss e Villar (2001, p. 2808), as palavras com sufixo *-ura* viriam das terminações latinas *-tūra* e *-sūra* empregadas nas substantivações derivadas de adjetivos imotivados, sendo formadoras de substantivos abstratos. Além disso, informa ainda que a forma reduzida *-ura* provavelmente seria originária do latim tardio, mantendo-se em algumas línguas românicas, elencando *tristura* como um dos exemplos.

Para Corominas (2012), *tristeza* seria uma derivação da forma adjetiva latina *tristis*, descrita como “de uso geral em todas as épocas e comum a todos os romances (ainda que em alguns pode ser semiculto, como é o francês *triste*)”, tendo *tristura* como sinônimo também no espanhol, forma antiquada porém de uso popular nas Astúrias, conforme reproduzido a seguir:

Figura 55 – Verbetes “triste”

Fonte: Corominas (2012).

A etimologia do vocábulo *tristeza*, assim como a de *triste*, adjetivo do qual se derivou, é obscura, provavelmente por ser uma palavra muito antiga, surgida no latim e com ocorrência panromânica.

Ernout e Meillet ([1932] 2001) informam em seu dicionário que o latim *trīstis* não teria etimologia (*sans étymologie*), conforme reprodução do verbete a seguir:

trīstis, -e (*ī* attesté épigraphiquement et par les langues romanes): à l’aspect sombre ou triste (souvent joint à *maestus*, opposé à *hilaris*, *laetus*). Se dit des personnes en général, du visage, de la parole, des objets inanimés, etc: *tristes arbores*, Plin. 16, 95; *uultus seuerior et tristior*, Cic., De or. 2,71, 289: *Sequanos tristes, capite demisso, terram intueri*, Cés., B. G. 1, 32, 2. Dans la langue augurale, s’emploie des entrailles à l’aspect sinistre: *tristissima exta*, Cic., Diu. 2, 15, 36. De là le sens <<funeste>>: *tristis morbus*, *triste fatum*; <<funèbre>>, *t. officium (exsequiarum)*, etc. Se dit aussi d’une saveur amère: *triste lupirum*, *tristia absinthia*. Dans la langue courante, correspond simplement à notre adjectif <<triste>>; e. g. *quid tu es tristis?*, Plt., Cas. 172-173. Ancien, usuel, classique. Panroman. Les formes romanes remontent à *tristis* et *treistus* (Sans doute formé d’après *laetus*, *maestus* et attesté à basse époque, cf App. Probi 56). M. L. 8918. Celtique: britt. *Trist*.

Dérivés et composés: *tristiculus* (Cic.); *tristimonia* (-monium): rare, populaire; *tristiras* (pac., Turp.); *tristitia* (classique et usuel avec um doublet *tristities*, plus rare), M. L. 8919; *tristitudo* (Apul., Sid.); *tristor*, -*aris*: s'attrister (Sén.); *contristo*, -*as* (Cael. Ap. Cic.); *tristificus* (rare, poétique).

Sans étymologie. La structure, qui rappelle celle d'un nom à redoublement "brisé" tel que *grex* fait penser à celle de arm. *trium* "triste", dont le *t* suppose i.-e. d. Cf. peut-être, en latin même, deux adjectifs à redoublement, *taeter* et *tetricus*.⁵¹ (p. 703)

De todas as importantes informações que constam do verbete, destacam-se para esta pesquisa aquelas que remetem às características de *triste* / *tristeza*, aqui resumidas: “antiga, usual, clássica, panromânica, testemunhada já no baixo latim, conforme registro encontrado no *Appendix Probi*” (ERNOUT; MEILLET, [1932] 2001, p. 703, tradução nossa). A citação do *Appendix Probi*, uma das principais fontes do latim vulgar, com enumeração das formas “corretas” para os usos “incorretos” de 227 palavras, provavelmente elaborada para servir como auxílio ortográfico, traz como ocorrência de *trīstis* o século IV, que estaria na sincronia zero (S^o) da fase de transição do latim ao português, conforme Viaro (2015). O item 56 do *Appendix Probi* ensina: *Tristis non Tristus* (SILVA NETO, 1953, p. 108).

Vale notar a informação de Ernout e Meillet ([1932] 2001, p. 703) sobre o sentido de “amargo” que *tristis* também carregaria: “é dito também de um sabor amargo: *triste lupirum*, *tristia absinthia*”⁵². De fato, o sabor amargo é uma sensação que pode descrever sinestesicamente a *tristeza*, conferindo-lhe um sentido concreto e palatável para tal sentimento.

⁵¹ “**trīstis**, -**e** (ī atestado epigraficamente e pelas línguas românicas): com um aspecto sombrio ou triste (muitas vezes unido a *maestus*, oposto a *hilaris*, *laetus*). Diz-se de pessoas em geral, do rosto, da fala, de objetos inanimados, etc: *tristes arbores*, Plin. 16, 95; *uultus seuerior et tristior*, Cic., De ou. 2, 71, 289: *Sequanos tristes, capite demisso, terram intueri*, Cés., BG 1, 32, 2. Na linguagem augural, era usado para as entranhas com o aspecto sinistro: *tristissima exta*, Cic., Diu. 2, 15, 36. Daí o significado <<funeste>>: *tristis morbus*, *triste fatum*; << funèbre >>, t. *officium (exsequiarum)*, etc. Se diz também de um sabor amargo: *sad lupirum*, *tristia absinthia*. Na linguagem cotidiana, simplesmente corresponde ao nosso adjetivo <<triste>>; por exemplo, *quid tu es tristis?*, Plt., Cas. 172-173. Antigo, usual, clássico panromânico. As formas românicas remontam a *tristis* e *treistus* (sem dúvida formado após *laetus*, *maestus* e atestado no período tardio, cf. App. Probi 56) M.L. 8918. Céltico: britt. *trist*. Derivado e compostos: *trīsticulus* (Cic.); *trīstimōnia* (-mōnium): raro, popular; *trīstitas* (Pac., Turp.); *trīstitia* (clássico e usual com um par *trīstitiēs*, mais raro), M. L. 8919; *trīstītūdō* (Apul., Sid.); *trīstor*, -*āris*: s'attrister (Sén.); *contrīstō*, -*ās* (Cael. ap. Cic.); *trīstificus* (raro, poético). Sem etimologia. A estrutura, que lembra a de um nome repetitivo "partido" como *grex*, é uma reminiscência da de arm. *trium* "triste", cujo *t* supõe i.-e. d. Cf. talvez, no próprio latim, dois adjetivos repetidos, *taeter* et *tetricus*” (tradução nossa).

⁵² “*Se dit aussi d'une saveur amère: triste lupirum, tristia absinthia*”.

Sobre a datação, Houaiss e Villar (2001) indicam o século XIII como primeira ocorrência de tristeza na língua portuguesa. Esta pesquisa encontrou na fonte citada pelos autores a ocorrência de tristeza no plural (“tristezas”), reproduzida a seguir:

Figura 56 – Resultado da pesquisa por *tristezas*

Vocabulário histórico-cronológico do Português Medieval

tristezas

Moderno: **tristeza** | *Substantivo*

Séc. XIII, CSM, 406.20

[...] que nos de tristezas / guard' e de coitas.

cf. TRISTURA

Fonte: Cunha (2014).

A ocorrência de *tristeza* indicada por Cunha (2014) está nas *Cantigas de Santa Maria*, canto 406, verso 20: “que nos de tristezas / guard' e de coitas” (METTMAN, 1972, p. 309, grifo nosso), única na obra, contra seis abonações da palavra *tristura*.

Esta pesquisa encontrou no *Corpus* de Textos Antigos a ocorrência do vocábulo *tristeza* também em outra obra do século XIII, *Vida e Milagres de Santa Senhorinha de Basto*⁵³, redigida entre 1248 e 1284:

[...] dotou, e porque a Escripura dis, que com os bons anda o bom, e que com os máos anda o mau, e dis que o boa Dona como Molher santa e de boa vida, e sotil engenho, que non quedava de dizer muito ameude a esta santa virgem ca castidade, e a virdeinde do corpo, que he hũa cousa mui formosa, e santa e sacrificio de que se Deus muito pagava: e que o corpo virgem, e casto dava a Deus a alma som magoa, e disia lhe ainda mais, esta D Godina, que o parto, e o empenhar enche o mundo, e a castidade enche o Paraizo. e a

⁵³ Disponível em: http://teitok.clul.ul.pt/teitok/cta/index.php?action=file&cid=Test/test_GV.xml&jmp=w-903. Acesso em 10 fev. 2021.

castidade ha por parceiros os Anjos, e o parir, e empenhar filhos he com trabalho, e com dor, e com **tristeza** e que a boa formosura toma por esposo [...]. (CTA)

A busca no *Corpus* do Português encontrou uma ocorrência do vocábulo *tristeza* no texto *Vidas de Santos de um Manuscrito Alcobacense*, também do século XIII:

[...] Quando Esmarado tam fortemente vio chorar Panunção e que nom recebia cõforto nehûû. disse-lhe: - por que te contorvas por que te matas per ventura he fraca ou he cara cousa de fazer a Deos qual quer cousa leixa ja a **tristeza** Nenbra-te como Nosso Ssenhor mostrou a Jacob patriarca seu filho Josephet que el chorava como sse fosse morto L. rrogo-te qui me nom leixes estes tres dias nẽ te partas de mĩ E Panunção dovidava e dizya: - per ventura lhe mostrou Nosso Senhor algũa cousa de mĩ. e fficou ally com ella. A cabo de tres dias conheceo Eufrosina que sse chamava Esmerado que sse chegava o dia do seu acabamento. Chamou Panunção e disse-lhe: - porque Deos todo poderoso despos e hordenou bem a minha vida mizquinha. (CDP)

Com isso, a pesquisa confirma a datação proposta por Houaiss e Villar (2001) para *tristeza*: século XIII, porém indicando uma data precisa para o termo: 1248 e 1284.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Mas, se a linguagem não mais se assemelha imediatamente às coisas que ela nomeia, não está por isso separada do mundo; continua, sob uma outra forma, a ser o lugar das revelações e a fazer parte do espaço onde a verdade, ao mesmo tempo, se manifesta e se enuncia. Certamente que não é mais a natureza na sua visibilidade de origem, mas também não é um instrumento misterioso, cujos poderes somente alguns privilegiados conheceriam. É antes a figura de um mundo em via de se redimir, colocando-se, enfim, à escuta da verdadeira palavra. É por isso que Deus quis que o latim, linguagem de sua igreja, se expandisse por todo o globo terrestre. É por isso que todas as linguagens do mundo, tal como foi possível conhecê-las graças a essa conquista, formam, em conjunto, a imagem da verdade.

Michel Foucault

Os estudos de linguística histórica, cujo objetivo possibilita a reconstituição de um passado linguístico herdado, evidenciam a relevância e importância da Etimologia. Recuperar essa herança é essencial para os falantes de qualquer língua, por ser elemento da identidade cultural de um povo e expressão de sua visão de mundo. Neste trabalho, buscou-se empreender um trajeto de pesquisa que possibilite alcançar-se a recuperação dessa herança da língua portuguesa.

A pesquisa trouxe dados acerca das mudanças na significação observadas em algumas das palavras pesquisadas, bem como o alargamento dos sentidos que a abstração da linguagem imprime nelas de acordo com o uso – palavras mais comuns tendem a sofrer mais alterações do que palavras de uso restrito.

O resgate da origem e do étimo permitiu, também, estabelecer com maior clareza as diferenças entre as palavras pesquisadas. Assim, a partir do estudo etimológico, torna-se possível diferenciar, ao menos em sua origem, uma *aflição* de uma *ansiedade*, uma *aversão* de um *enfado*, por exemplo, ou aproximá-las por meio de seus campos semânticos. Esse conhecimento do léxico pode nortear a adequação expressiva para o que se quer comunicar, explicitando, ainda, os processos de formação das palavras.

Ademais, com os resultados apresentados, talvez seja possível ampliar os critérios de compreensão dos significados, tornando a pesquisa útil para outras áreas do saber ao elucidar as motivações concretas das palavras pesquisadas e as nuances

da linguagem que implicam na eleição, pelo falante, de uma palavra no lugar de outra de sentido análogo. Embora estejam reunidas sob o mesmo campo semântico, com o vocábulo *tristeza* como hiperônimo, sentido geral que as aproxima, a investigação de cada uma das palavras permitiu estabelecer suas peculiaridades e seus traços particulares de sentido.

Além dessas possibilidades oriundas dos resultados encontrados no trabalho de pesquisa, foi possível identificar como alterações, restrições e/ou ampliações nos significados têm ocorrido nas diferentes línguas românicas próximas do português a partir das sucessões de sincronias pretéritas; outrossim, justificar e exemplificar como a Etimologia resgata e descreve o processo histórico de formação das línguas na sincronia atual, e qual seria um método de estudo etimológico possível para tais objetivos.

De todos os frutos obtidos por meio das investigações propostas, um dos mais oportunos a ser considerado é o esforço de pesquisa para uma datação mais precisa das primeiras ocorrências em língua portuguesa das palavras presentes no escopo. A busca pela revisão e pela comprovação de datações e abonações tem sido importante contribuição para que se obtenha maior precisão cronológica e, também, para aparar aos poucos as lacunas de pesquisas etimológicas presentes na obras lexicográficas do português que ainda repetem resultados anteriores, sem atualizações e sem buscar correr riscos em novas hipóteses e possibilidades proporcionadas pelos avanços tecnológicos, os quais disponibilizam textos antigos do português digitalizados e disponíveis na rede mundial de computadores para serem consultados após garimpos de pesquisa.

Ao longo de toda a pesquisa executada neste trabalho, desenvolvida em diferentes momentos, os resultados encontrados evidenciam o extenso caminho a ser percorrido no campo dos estudos etimológicos da língua portuguesa, principalmente no que se refere à datação do *terminus a quo* e à abonação das primeiras ocorrências das palavras.

O quadro a seguir reproduzido ilustra e resume os resultados obtidos com relação à datação das palavras desta pesquisa:

Quadro 2 – Datações confirmadas e retrodatações propostas⁵⁴

palavra	Houaiss e Villar (2001)	retrodatação
aflição	séc XIV	sim: sécs. XIII e XIV
agonia	séc XV	sim: 1209-1285
angústia	séc XIV	1300-1325
ansiedade	séc XVI	1400-1451
aversão	1598	sim: 1560-1580
decepção	1870	sim: 1718
enfado	1450-1516	não
insatisfação	1919	sim: 1709
lamento	1580	sim: 1553
mágoa	séc XIV	sim: séc. XIII
melancolia	séc XIII	sim: 1252-1284
náusea	1661	sim: 1657
nojo	séc XIII	1248-1284
obsessão	1720	não
ressentimento	1720	sim: 1662
sofrimento	séc XIV	1375-1400
solidão	1525	não (*)
submissão	antes 1595	não (*)
suplício	1572	não
tristeza	séc XIII	1248-1284

Fonte: Elaborado pela autora.

⁵⁴ (*) As palavras *solidão* e *submissão* não tiveram resultados de retrodatação, porém, para algumas das formas ortográficas delas, com variação, a pesquisa conseguiu retrodatar formas específicas, como os termos presentes *solidão* (1572) e *submissão* (1609); foram encontradas formas ortográficas históricas destas palavras com abonação anterior às das suas datações consideradas, que foram mantidas conforme Houaiss e Villar (2001), pois não estava no escopo deste trabalho apurar a datação das variações ortográficas.

Há muito ainda a ser realizado; esta pequena amostra evidencia a possibilidade de revisão e atualização de dados cronológicos, buscando maior rigor, numa pesquisa que pede continuidade e que precisa ser constantemente empreendida, a fim de promover a atualização dos dados sempre que possível.

A pesquisa poderá permitir, no futuro, uma ampliação em seu escopo pela pesquisadora ou por outros estudiosos que venham a tomar interesse pelo tema. Além disso, poderá ser útil para incrementar bancos de dados que se voltem para estudos etimológicos no português.

Para além de seu propósito principal, traz ainda muitas possibilidades de estudo que poderão enriquecê-la com trabalhos desenvolvidos na área da Etimologia. Outras palavras poderão ser incluídas em seu escopo, ou as hipóteses propostas que constam dele poderão ser revistas, melhoradas ou ampliadas, quer pela descoberta de novas fontes, quer pela disponibilização de novos *corpora* mais confiáveis, quer pela possibilidade de novos recursos.

O sucesso ao encontrar a palavra pesquisada em documentos manuscritos antigos devidamente transcritos e digitalizados pôde constituir prova científica da existência das formas pretéritas propostas. Além disso, permitiu propor abonações e datações mais exatas, confirmar aquela indicada nas obras lexicográficas ou até mesmo propor uma retrodatação, com base na informação encontrada até então.

A pesquisa nos *corpora*, o *Corpus* de Textos Antigos, o *Corpus* do Português e o *Corpus* Informatizado do Português Medieval, o proporcionou os resultados mais profícuos para a busca das palavras com ocorrências anteriores ao século XVI, a partir do século XIII. Para as palavras com ocorrências a partir de 1500, o *Google Books* mostrou-se uma excelente e bem-vinda fonte de consulta, com obras de extrema relevância da língua portuguesa digitalizadas com o devido cuidado e com as informações acerca da publicação e da localização do exemplar físico muito bem descritas, além de permitir a visualização da digitalização das obras originais, o que é um diferencial de muita relevância. Dessa forma, o trabalho foi ilustrado com reproduções das obras encontradas.

Ainda, contribuiu-se com reflexões teóricas acerca da Etimologia, recuperando uma visão mais científica e epistemológica, a fim de exercitar as hipóteses possíveis, a partir de uma metodologia criada para tal fim, baseada nos preceitos etimológicos descritos nas obras de referência de tal ciência.

Com a inclusão da tecnologia e suas aplicações, como a pesquisa em *corpora* digitalizados e *online*, as Humanidades Digitais trazem novas possibilidades para a pesquisa etimológica, tornando acessíveis estudos que, sem suas perspectivas, teriam obstáculos e complexidades dificilmente transponíveis em curto ou médio prazo. Consequentemente imprescindível para sua viabilidade, a tecnologia digital mostrou-se intrínseca à pesquisa, e, por conseguinte, permite afirmar seu vínculo às Humanidades Digitais, mantendo a preocupação com a fidedignidade dos *corpora* pesquisados e com sua confiabilidade, característica da base filológica sobre a qual a pesquisa está alicerçada.

Como todo resultado de pesquisa, os que aqui foram expostos são o recorte de um momento, e, de fato, serão revistos e atualizados, visto que a dinâmica da disponibilização e a descoberta de novas fontes é constante; por isso, continuamente possibilita novas bases de consulta. Destarte, o que se concluiu, por ora, é uma pesquisa em andamento que não pode ser tomada como definitiva, em virtude de figurar como um primeiro passo importante que poderá ter sequência, abrangendo outras palavras.

No mais, sobre a ciência da Etimologia, cabe também observar como ocorre o “fenômeno da nomeação”, o qual, conforme aponta Viaro (2011), “perpassa séculos e atravessa sistemas linguísticos, superando obstáculos imprevisíveis, tornando, por fim, sua sobrevivência quase obra do acaso” (p. 291), chegando como herança até nós.

Concluído o trabalho, a intenção é que a pesquisa das palavras que designam emoções tristes torne-se uma pequena amostra do que é possível encontrar ao aprofundar os estudos pela busca dos significados primitivos de cada uma, além de servir, quiçá, como motivação para algo ainda mais abrangente e complexo que dela poderá se originar.

Poderá, ainda, constituir-se como material de consulta para ser complementada, atualizada e, inclusive, refutada, com novas pesquisas, bem-vindas e necessárias para os estudos na área da Etimologia da língua portuguesa.

7 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ACADEMIA DAS CIÊNCIAS DE LISBOA. *Dicionário da língua portuguesa*. Reprodução fac-similada assinalando o II centenário da edição. Lisboa, [1793] 1993. Disponível em: <https://bibdig.biblioteca.unesp.br/handle/10/26033>. Acesso em 13 fev. 2021.
- ALI, M. Said. *Gramática Histórica da Língua Portuguesa*. 8. ed. rev. e atual. por Mário Eduardo Viaro. Brasília: Editora UnB, [1921] 2001.
- AREÁN-GARCÍA, N. *Estudo comparativo de aspectos semânticos do sufixo -ista no português e no galego*. 2v. Dissertação (Mestrado em Letras) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2007. Disponível em: <https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8142/tde-29082012-103453/pt-br.php>. Acesso em 13 mar. 2021.
- AREÁN-GARCÍA, N. *Aspectos sincrônicos e diacrônicos do sufixo -ístico(a) no português e no galego*. 2v. Tese (Doutorado em Letras) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2011. Disponível em: <http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8142/tde-04102007-144618/pt-br.php>. Acesso em 13 mar. 2021.
- AULETE, C.; VALENTE, A. L. *Dicionário analógico*. Rio de Janeiro: Lexikon, s. d. Edição brasileira original: Hamílcar de Garcia. Disponível em: https://www.aulete.com.br/site.php?mdl=aulete_digital&op=creditos. Acesso em 13 mar. 2021.
- AZEVEDO, F. F. S. *Dicionário analógico da língua portuguesa: ideias afins/ thesaurus*. 2. ed. Rio de Janeiro: Lexikon, [1950] 2010.
- BALDINGER, K. L'étymologie, hier et aujourd'hui. *Cahiers de l'Association internationale des études francaises*, n. 11, p. 233-264, 1959. DOI: <https://doi.org/10.3406/caief.1959.2150>. Acesso em 28 dez. 2020.
- BARBOSA, M. A. *Léxico, produção e criatividade*. Processos do neologismo. 2. ed. São Paulo: Global, [1981] 1990.
- BASSETTO, B. F. *Elementos de Filologia Românica*. Vol. I - História Externa das Línguas Românicas. São Paulo: Edusp, 2005.
- BASSETTO, B. F. *Elementos de Filologia Românica*. Vol. II - História Interna das Línguas Românicas. São Paulo: Edusp, 2010.
- BECHARA, E. *Moderna gramática portuguesa*. 39. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira/Lucerna, [1961] 2019.
- BERREDO, Bernardo Pereira de. *Annaes historicos do estado do Maranhão*. Lisboa: Officina de Francisco Luiz Ameno, 1749. Disponível em:

http://objdigital.bn.br/objdigital2/acervo_digital/div_obrasraras/or29875/or29875.pdf. Acesso em 5 abr. 2021.

BIDERMAN, M. T. C. *Teoria Linguística: linguística quantitativa e computacional*. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos, 1978.

BLUTEAU, R. *Vocabulario Portuguez e latino* [...]. Coimbra: Collegio das Artes da Companhia de Jesus, 1713. Disponível em: <https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/5445>. Acesso em 31 jan. 2021.

BLUTEAU, R. *Vocabulario Portuguez e latino* [...]. Lisboa: Paschoal da Silva, 1716. v. 5. Disponível em: <https://books.google.com.br/books?id=2EuQvs63n6EC&pg=PA692&dq=naufea+bundo&hl=pt-BR&sa=X&ved=0ahUKEwi-pvHCmpvoAhUAHrkGHevcD9oQ6AEIOzAC#v=onepage&q=naufea&f=false>. Acesso em 24 dez. 2020.

BLUTEAU, R. *Vocabulario Portuguez e latino* [...]. Volumes 1-8. Lisboa: Pascoal da Sylva, 1720. Disponível em: https://books.google.com.br/books?id=EDa_AuDUJawC&printsec=frontcover&hl=pt-PT&source=gbs_ge_summary_r&cad=0#v=onepage&q&f=false. Acesso em 23 dez. 2020.

BOURCIEZ, É. *O latim – elemento número 1 da linguística românica*. Tradução: José Pereira da Silva. Rio de Janeiro: CiFEFiL, 2000. Disponível em: <http://www.filologia.org.br/pereira/textos/olatim.doc>. Acesso em 31 jan. 2021.

BRITO, B. *Monarchia Lusytana*: Em que se continuão ad historias de Portugal desde o nascimento de nosso Saluador Iesv Christo, ate ser dado em dote ao Conde dom Henrique. Lisboa: Mosteiro de São Bernardo, 1609. v. 2. Disponível em: https://books.google.com.br/books?id=jV5JAAAcAAJ&printsec=frontcover&hl=pt-PT&source=gbs_ge_summary_r&cad=0#v=onepage&q&f=false. Acesso em 25 jan. 2021.

BUESCO, V. (coord). *Dicionário de Romeno-Português*. Porto: Porto Editora, 1977.

CÂMARA JR., J. M. *Dicionário de linguística e gramática*. 22. ed. Petrópolis: Vozes, [1956] 2001.

CAMÕES, L. *Os Lusíadas*. Fac-simile da primeira edição. Lisboa: Antonio Gôçalvez, 1572. Disponível em: <https://books.google.com.br/books?id=5Y1NAQAAMAAJ&pg=PP9&dq=lusiadas&hl=pt-PT&sa=X&ved=2ahUKEwjn9Jf-lbjuAhWME7kGHV9WCbY44AMQ6AEwDHoECAwQAg#v=onepage&q=suplicio&f=false>. Acesso em 25 jan. 2021.

CAMPOS, Hermão de. *Boosco Deleytoso*. Lisboa: Hermã de Câpos, 24 Mayo de 1515. Disponível em: <http://purl.pt/15049>. Acesso em 23 jan. 2021.

- CASSON, A. *Cantigas de Santa Maria for Singers*. 2019. Disponível em: <http://www.cantigasdesantamaria.com/>. Acesso em 29 mar. 2021.
- CENTRO VIRTUAL CAMÕES (CVC). *Biblioteca digital Camões*. Disponível em: <http://cvc.instituto-camoes.pt/>. Acesso em 23 mar. 2021.
- COELHO, F. A. *Dicionário manual etimológico da língua portuguesa*. Lisboa: P. Plantier Editor, 4^o Milhar, 1890. Disponível em: <https://bibdig.biblioteca.unesp.br/handle/10/26038>. Acesso em 1 mar 2020.
- COROMINAS, J. *Diccionario crítico etimológico de la lengua castellana e hispánico*. Madri: Gredos, 1983. 6v.
- COROMINAS, J. *Breve diccionario etimológico de la lengua castellana*. 3. ed. Madrid: Gredos, [1961] 1987.
- COROMINAS, J; PASCUAL, J. A. *Diccionario crítico etimológico castellano e hispánico* - edición electrónica. Madrid: Gredos, 2012. (CD-ROM).
- CORPUS DE TEXTOS ANTIGOS (CTA). Disponível em: <http://teitok.clul.ul.pt/cta/>. Acesso em 13 fev. 2021.
- CORPUS DO PORTUGUÊS (CDP). Disponível em: www.corpusdoportugues.org. Acesso em 13 fev. 2021.
- CORPUS INFORMATIZADO DO PORTUGUÊS MEDIEVAL (CIPM). Disponível em: <http://cipm.fcsh.unl.pt>. Acesso em 1 mar. 2020.
- CORTELAZO, M.; ZOLLI, P. *Il nuovo etimologico DELI - Dizionario Etimologico della Lingua Italiana*. 2. ed. CD-ROM. Bologna: Zanichelli, 1999.
- COUTINHO, G. *Discurso da iornada de D. Gonçalo Coutinho à villa de Mazagam e seu governo nella*. Lisboa: Pedro Crasbeeck, 1629. Disponível em: <https://books.google.com.br/books?id=ZLxjAAAcAAJ&pg=PA111&dq=somiss%C3%A3o&hl=pt-PT&sa=X&ved=2ahUKEwi2qYaKy7juAhUtD7kGHVFBA9AQ6wEwAHoECAAAQ#v=onepage&q=somiss%C3%A3o&f=false>. Acesso em 25 jan. 2021.
- COUTINHO, I. L. *Pontos de Gramática Histórica*. 6. ed. (revisada e póstuma). Rio de Janeiro: Livraria Acadêmica, [1938] 1970.
- CUNHA, A. G. *Índice analítico do vocabulário de Os Lusíadas*. Brasília: Instituto Nacional do Livro / Ministério da Educação e Cultura, 1966. 3 v.
- CUNHA, A. G. *Dicionário etimológico Nova Fronteira da língua portuguesa*. 4 ed. Rio de Janeiro: Lexikon, [1982] 2010.
- CUNHA, A. G. *Vocabulário histórico-cronológico do português medieval (VHCPM)*. Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 2014. Disponível em: <http://medieval.rb.gov.br/index.php>. Acesso em 31 jan. 2021.

DICIONÁRIO ETIMOLÓGICO DA LÍNGUA PORTUGUESA (DELPo). 2012. Disponível em: <https://delpo.prp.usp.br>. Acesso em 31 jan. 2021.

ELIA, S. *Preparação à Linguística Românica*. 2. ed. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, [1974] 1979.

ERNOUT, A.; MEILLET, A. *Dictionnaire étymologique de la langue latine*. Histoire des mots. 4. ed. Paris: Klincksieck, [1932] 2001.

FARIA, E. *Vocabulário latino-português*. Rio de Janeiro: F. Briguiet & Cia., 1943. Disponível em: <https://archive.org/details/Vocabul.LatinoPortuguesPorFamiliaDePalavras/mode/2up>. Acesso em 5 abr. 2021

FARIA, E. *Dicionário escolar latino-português*. 3. ed. Rio de Janeiro: MEC, [1956] 1962.

FOUCAULT, M. *As palavras e as coisas*. 8. ed. São Paulo: Martins Fontes, [1966] 1999.

FREITAS, E. S. S. *Em busca do mento perdido*. Análise semântico-diacrônica do sufixo -mento, no português. Dissertação (Mestrado em Letras) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2008. DISPONÍVEL EM: <http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8142/tde-29092008-151130/pt-br.php>. Acesso em 13 mar. 2021.

FREITAS, E. S. S. *O tempo e o mento*. História do sufixo latino -mentum e de seu desenvolvimento na língua portuguesa, em contraste com outras línguas românicas. Tese (Doutorado em Letras) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2013. DISPONÍVEL EM: <http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8142/tde-22042014-125405/pt-br.php>. Acesso em 13 mar. 2021.

FREITAS, E. S. S. *Glossário de palavras portuguesas sufixadas em -mento*. São Paulo: FFLCH-USP, 2018. DISPONÍVEL EM: <http://www.livrosabertos.sibi.usp.br/portaldelivrosusp/catalog/book/220>. Acesso em 13 mar. 2021.

GAMA, S. *Sermões*. Lisboa: Valentim da Costa Deslandes, 1709. Disponível em: https://books.google.com.br/books?id=NUP0R7wSj1cC&printsec=frontcover&hl=pt-BR&source=gbs_ge_summary_r&cad=0#v=onepage&q&f=false. Acesso em 5 abr. 2020.

GONÇALVES, A. A. G. *Diacronia e produtividade dos sufixos -agem, -igem, -ugem, -ádego, -ádigo e -ádiga em português*. Dissertação (Mestrado em Letras) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2009. Disponível em: <http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8142/tde-30112009-142459/pt-br.php>. Acesso em 13 mar. 2021.

GOOGLE BOOKS (GB). Disponível em: <http://books.google.com.br/>. Acesso em 13 fev. 2021.

GRUPO DE HISTÓRIA, TEORIA E ENSINO DE CIÊNCIAS (GHTC). Disponível em: <http://www.ghhc.usp.br/>. Acesso em 24 jan. 2021.

HOUAISS, A.; VILLAR, M. S. (org.). *Grande Dicionário Houaiss da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

HOUAISS, A.; VILLAR, M. S. (org.). *Dicionário eletrônico Houaiss da língua portuguesa*. Versão. 1.3. Rio de Janeiro: Editora Objetiva, 2009a. CD-ROM.

HOUAISS, A.; VILLAR, M. S. (org.). *Grande Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa* (GDH). Versão beta. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009b. Disponível para assinantes em: <http://houaiss.uol.com.br>. Acesso em 13 fev. 2021.

JESPERSEN, O. *Language: its nature, development and origin*. London: George Allen & Unwin, 1922.

LACOTIZ, A. *Estudo diacrônico da função e dos valores semânticos dos sufixos -ança/-ença, -ância/-ência no português*. Dissertação (Mestrado em Letras) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2007. Disponível em: <http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8142/tde-28012008-112539/pt-br.php>. Acesso em 13 mar. 2021.

LEÃO, D. N. *Origem da Língua Portuguesa*. Lisboa: Pedro Craesbeck, 1606. Disponível em edição fac-símile, com acesso na Biblioteca Nacional de Lisboa. Disponível em: <http://purl.pt/50/3>. Acesso em 1 mar. 2020.

LIMA, M. *Agiologio Dominico, vidas dossantos, beatos, martyres, e outras pessoas veneraveis da ordem dos Prégadores por todos os dias do anno*. Lisboa: Antonio Pedrozo Galram, 1638. Disponível em: <https://books.google.com.br/books?id=gNHmAAAAMAAJ&pg=PA269&dq=refentimento&hl=pt-BR&sa=X&ved=2ahUKEwi3qr-v8LXuAhV-ILkGHXP0BwAQ6AEwFXoECAUQAg#v=onepage&q=refentimento&f=false>. Acesso em 26 dez. 2020.

LISBOA, C. *Santoral de varios sermoens de sanctos*. Lisboa: Antonio Alvarez, 1638. Disponível em: <https://books.google.com.br/books?id=Gy05AQAAMAAJ&pg=PA57&dq=submissa%C3%B5&hl=pt-PT&sa=X&ved=2ahUKEwifwZLbwrjuAhW0FbkGHSjWCK4Q6AEwBnoECAUQAg#v=snippet&q=submissa%C3%B5&f=false>. Acesso em 25 jan. 2021.

MACEDO, A. S. *Armonia politica: dos documentos divinos com as conveniencias d'estado: exemplar de principes no governo dos gloriosissimos reys de Portugal [...]*. Haia: Samuel Broun, 1651. Disponível em: https://books.google.com.br/books?id=slCK1D8qabwC&printsec=frontcover&hl=pt-PT&source=gbs_ge_summary_r&cad=0#v=onepage&q=submissam&f=false. Acesso em 25 jan. 2021.

MALKIEL, Y. *Etymological dictionaries: a tentative typology*. Chicago: University of Chicago, 1976.

MALKIEL, Y. *Etymology*. New York: Cambridge University Press, 1993.

MAURER JR., T. H. *Gramática do latim vulgar*. Rio de Janeiro: Livraria Acadêmica, 1959.

METTMAN, W. *Afonso X, o Sábio*. Cantigas de Santa Maria. Coimbra: Acta Universitatis Conimbrigensis, 1972. v. 4.

MÜLLER, F. M. *Lectures on the science of language*. v. 2. London: Longman, Green & Co, 1873.

MÜLLER, F. M. *Biographies of Words and the Home of the Aryas*. London: Longman, Green & Co, 1888.

NASCENTES, A. *Dicionário Etimológico Resumido*. Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro/MEC, 1966. Disponível em: <https://archive.org/details/DICIONARIOETIMOLOGICORESUMIDODALINGUA PORTUGUESAANTENORNASCENTES/page/n7/mode/2up>. Acesso em 5 abr. 2021.

NORONHA, Carlos. *Nova arte de conceitos [...]*. Lisboa: Antonio Pedrozo Galram, 1718. Disponível em: <https://books.google.com.br/books?id=lw3zMOTpfr0C&printsec=frontcover&hl=pt-BR#v=onepage&q&f=false>. Acesso em 5 abr. 2020.

NÚCLEO DE APOIO À PESQUISA EM ETIMOLOGIA E HISTÓRIA DA LÍNGUA PORTUGUESA (NEHiLP). Disponível em: <https://nehilp.prp.usp.br/>. Acesso em 13 fev. 2021.

OLIVEIRA, F. *Luz da medicina [...]*. Coimbra: Francisco de Oliveira, 1753. Disponível em: https://books.google.com.br/books?id=CKHrSWAWpScC&printsec=frontcover&hl=pt-BR&source=gbs_ge_summary_r&cad=0#v=onepage&q&f=false. Acesso em 24 dez. 2020.

PINTO, H. *Segunda parte pos Dialogos da imagem da vida Christiam [...]*. Lisboa: Colegio Imperial, 1572. Disponível em: https://books.google.com.br/books?id=ekRhNN5xZr8C&printsec=frontcover&hl=pt-PT&source=gbs_ge_summary_r&cad=0#v=onepage&q&f=false. Acesso em 25 jan. 2021.

RIO-TORTO, G. M. *Morfologia derivacional: teoria e aplicação ao português*. Porto: Porto Editora, 1998.

RODRÍGUEZ, Manuel R. *Crónica troyana: códice gallego del siglo XIV de la Biblioteca Nacional de Madrid [...]*. Disponível em: <http://biblioteca.galiciiana.gal/es/consulta/registro.cmd?id=7089>. Acesso em 18

jan. 2021.

SANDMANN, A. J. *Formação de palavras no português brasileiro contemporâneo*. Curitiba: Scientia et Labor / Ícone, 1989.

SANTOS, A. P. *Morfologia em diacronia – os caminhos e desvios de um afixo na história da língua: o percurso histórico-semântico do prefixo des- em bases sufixadas e em derivações parassintéticas*. Tese (Doutorado em Letras) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2016. Disponível em: <https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8142/tde-10052016-115122/pt-br.php>. Acesso em 13 mar. 2021.

SHARP, S. *Tratado das operaçoens de cirurgia: com as figuras, e descripçam dos instrumentos de que nellas se faz uso, e huma introducçam sobre a natureza e methodo de tratar as feridas, abscessos e chagas*. Tradução: J. S. C. Londres: Real Sociedade, 1546. Disponível em: https://books.google.com.br/books?id=9d63p7aoWQAC&printsec=frontcover&hl=pt-BR&source=gbs_ge_summary_r&cad=0#v=onepage&q&f=false. Acesso em 6 abr. 2021.

SILVA, A. M. *Diccionario de lingua portuguesa*. Edição comemorativa do primeiro centenario da independência do Brasil (Fac-simile da segunda edição – 1813). Direcção: Laudelino Freire. Rio de Janeiro: Litho-Typographia Fluminense, 1922.

SILVA, A. M.; BLUTEAU, R. *Diccionario da lingua portuguesa [...]*. Lisboa: Simao Thaddeo Ferreira, 1789a. Vol. 1 (A-K) Disponível em: <https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/5412>. Acesso em 13 mar. 2021.

SILVA, A. M.; BLUTEAU, R. *Diccionario da lingua portuguesa [...]*. Lisboa: Simao Thaddeo Ferreira, 1789b. Vol. 2 (L-Z) Disponível em: <https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/5413>. Acesso em 13 mar. 2021.

SILVA NETO, S. *Fontes do Latim vulgar*. O Appendix Probi. Rio de Janeiro: Livraria Acadêmica, 1953.

SOAREZ, V. G. *Ultimas acçoens del Rey D. João IV. Nosso Senhor, etc. [...]*. Disponível em: <https://books.google.com.br/books?id=R41mAAAAcAAJ&pg=PA20&dq=naufea+anfia&hl=pt-BR&sa=X&ved=0ahUKEwjn5uzXmJvoAhXKLLkGHUxbAvsQ6AEIVjAE#v=onepage&q=naufea%20anfia&f=false>. Acesso em 24 dez. 2020.

SPINA, S. (org.). *História da Língua Portuguesa*. Cotia: Ateliê Editorial, 2008.

TESCHAUER, Carlos. *Novo diccionario nacional*. 2a. ed. Porto Alegre: Liv. do Globo, 1928.

THOMAS, M. *Insulana*. Amberes: Ioan Mevrsio, 1635. Disponível em: <https://books.google.com.br/books?id=qzREAAAACAAJ&pg=PA405&dq=sumis>

sa%C3%B3&hl=pt-PT&sa=X&ved=2ahUKEwjovMucx7juAhUSGbkGHZShBI8Q6AEwBXoECAAQAg#v=onepage&q=sumissa%C3%B3&f=false. Acesso em 25 jan. 2021.

USQUE, Samuel. *Consolação às tribulações de Israel*. Coimbra: França Amado, 1906. Disponível em: <https://archive.org/details/consolaamstr00usquuoft/page/n9/mode/2up>. Acesso em 23 jan. 2021.

VIARO, M. E. *Por trás das palavras*. Manual de etimologia do português. São Paulo: Globo, 2004.

VIARO, M. E. *Etimologia*. São Paulo: Contexto, 2011.

VIARO, M. E. (org.) *Morfologia Histórica*. São Paulo: Cortez, 2014.

VIARO, M. E. Reconstrução fonético-fonológica de seis sincronias do latim ao português. *Estudos Linguísticos e Literários*, n. 52, ago-dez, 2015. DOI: <http://dx.doi.org/10.9771/2176-4794ell.v0i52.15465>. Acesso em 13 mar. 2021.

VIARO, M. E.; BIZZOCCHI, A. L. Proposta de novos conceitos e uma nova notação na formulação de proposições e discussões etimológicas. *Alfa (Revista de Linguística)*, n. 3, v. 60, n. 3, p. 579-601, set./dez. 2016. DOI: <http://dx.doi.org/10.1590/1981-5794-1612-6>. Acesso em 10 fev. 2021.

VIDOS, B. E. *Manual de linguística românica*. Tradução: José Pereira da Silva. 2. ed. Rio de Janeiro: UERJ, 2001.

ZAMBONI, Alberto. *La etimología*. Madrid: Gredos, 1988.